

Collated complete -

LAVRA DE ANFRISO

Pello Lecenceado Manoel da Veiga.

DIRIGIDA AO EXCELLENTISSIMO Principe o ſenhor Dom Duarte.



Com licenças, & Priuilegio, Em Euora por Manoel Carvalho Impreſſor da Vniuerſidade. Anno 1628.

LICENÇAS.

VI por mandado do Illustrissimo senhor Bispo Dom Fernão Martins Mascarenhas Inquisidor Geral, este liuro intitulado, Laura de Anfriso, composto por Manoel da Veiga Tagarro Portugues, & nelle não ha cousa contra nossa Santa Fee, & bons custumes. Tê muita erudição nas letras humanas, & diuinas, muita philosophia encuberta com ficções Poeticas em que o Autor com singular engenho copiou o mais substancial da poesia Latina com particular habilidade, & suauidade, parecendo mais Poeta natural, que artificial, guardando o decoro às materias, & ornando cadaqual com elegancia, & grauidade cõ igoual propriedade de palaura, & termos que lhehe deuido, & emfim me parece que he o Autor o que conuinha para tal assumpto pois a grandeza delle merecia tão grande talento. Pello que julgo que saindo esta obra a luz a dara não pequena aos claros engenhos para emprenderem semelhantes obras, & se exercitarem nesta diuina arte da Poesia como lhe chamou hum graue autor, posto que de alguns pouco estimada, & menos fauorecida. Em São Domingos de Lisboa em 12. de Feuereiro de 626.

Fr. Thomas de S. Domingos
Magister.

VIsta a informação podese imprimir est liuro, & depois de impresso tornará conferido com o original para se dar licença parra correr, & sem ella não correra. Lisboa 15. de Feuereiro de 626.

O Bispo Inquisidor Geral.

IMprimase. Euora 15. de Março de 1627.

D. Fr. Manoel Bispo de Fez.

LICENÇAS

QVe se possa imprimir este liuro vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario não correrra sẽ tornar a esta mesa para ser taxado. Em Lisboa 28 de Mayo de 1626

Araujo. *D. de Mello.*

ESta conforme com o original, pello que pode correr:

Fr. Thomas de S. *Domingos.*
M*agister.*

TAxão este Liuro em 120. reis ẽm papel. Lisboa a 3. de Agosto de 627.

Pimenta da Breu. *Cabral.*

Licenciatus Sebastianus Lupus de Almeida Autoris amicissimus

SVrge Perigrino cygnus venerandus in orbe
Cum Sacra fatales mouirit aura sonos
Non te Lysiadum capiunt ergastrula, nec te
Castalidum fontes. Pagina maior erit
Sed quid miratur? Latrat qui turba? Decorum est
Sol aquilas habeas vndiq; , luna canes

DE ANTONIO MENDES DA VEIGA ao utor.

NOVO Petracha, que outra Laura cantas
Mais bella, mais honasta, & soberana,
Que aquela de quem ja no lyra vsana
Ouuio o Sorga marauilhas tantas.
Com tua frauta pastoril incantas
As tubas immortais Grega, & Romana,
E a cytara tocando mais que humana
Febo em Tessalia, Orfeo em Tracia espantas.
Pois por ti dão tributo ao patrio Tejo.
O Sorga, o Tybre, o Meles, o Hebro, & o Xãto
Não tens que arrecear do tempo os riscos.
Que da fama o buril com nouo espanto
Por entalhar teu nome, abrindo vejo
Columnas de cristal, de ouro obeliscos.

DE LVIS DE MENDOÇA AO AVTOR Soneto.

CELIO de engenhos Rey cantor de Anfriso
Por quem mil glorias lusitania espera,
Que fizestes aos Anjos primauera
Dando ameno teatro ao paraiso.
Com Angelica vox, celeste auiso
Fugir nos ensinais da prisaõ fera
Onde a alma esperando desespera,
E onde o prazer he breue, & falso o riso.
E pois com vossas partes taõ diuinas
O Ceo vos quis fazer hum Anjo humano
Tambem no doce canto o ficais sendo.
Viuei, viuei, o Celio soberano
que piramides de ouro peregrinas
Vos esta vossa fama prometendo.

DE LVIS DE MEDRANO DE ALMEIDA ao Autor Sončto.

IA nam celebre a fama a acorde Lira
Que espanto deu a mais confuzo espanto
Lurando em premio de infernal encanto
A prenda conjugal por quem suspira.
Ia não (pois de igualarnos se retira)
Illustre Veiga se eternize tanto
Do doce Amphion o sonoro canto
Cedendo ao vosso que a immortal aspira.
Ià Apolo amante fiel de Daphne esquiua
Da rama (incendio hum tempo a seu desejo)
Vos coroa, & por digno vos aclama.
Pois cantando fazeis que eterna viua
No mundo a gloria do sagrado Tejo.
De Amphrizo a Lira, & de sua Laura a fama.

DE BELCHIOR RODRIGVES DE MATTOS Soneto.

SALE la Filomela enternecida.
Del hijo de Latona combidada
Con su lengua de gracias animada
Saludando la Aurora esclarecida.
Va buscando la Vega mas florida
De jasmines i rosas matizada
Para le dexar mas adornada
Y con su voz suaue enrequecida
No cança de alabarla con su canto
Con el su gran contento està mostrando
Ya salta, ya se para entre las flores
Assy oy sale Laura al mundo espanto
Memorias de su Vega eternizando
En tragicos sucessos, y en amores.

AOS LEITORES, E AVTOR
Odé, Pello Lecenciado Manoel
Pires de Almeida.

VOS que extinguir tentais a sede ardente.
Na Castalia corrente:
Vos que esgotar quereis a alta armonia
De Melica poesia:
Flores contais no Ceo, ao campo estrellas,
scintillantes, sé bellas.
Não leuando por lingoa em patria escura
esta loquax pintura.
Do Lusitano Pindaro este he o Rio.
Em que se bebe Clio.
De Aganippèos cristais estas as fontes,
Que manaó Anacreontes,
Não vedes reluzir as bagas de ouro
Do pacifico louro,
Que em parte ouro, & neue em parte enlaça
Deste Filho de Graça?
Vede a nuuem que enuolta em resplandores;
Lhe da chuua de flores,
E como acclamão nella o Amor & o Riso,
Viua Laura de Anfriso.
Estas as glorias são que a vossa pena
O Fado agora ordena,
Spirito gentil, em quem phebo respira,
Por quem Pallas suspira
Mas que furor me enleua o pensamento?
Que suaue tormento?
Com ferreo stillo em bronze eterno a fama
(Acção de quem bem ama)
Ia vos esculpe com splendor de gloria
No Templo da memoria.

ERRATA

ERRATA

Fol.1,escudos.l. escudo.fol.24.tristes.leg triste. fol. 36. Aquelfas,l.aquella. fol.42.agoas.l.magoas,fol.43.quanto maioe,l.quanto mais. fol.46.de alta l.da alta.fol.54.Briareos,Tifeos,l.Briareus Tifeus. fol.60.& uôs doens,leg.& com os doens. fol. 61. omnis erit,leg.omnes etiam. fol.68.borem.leg. laborem. fol.69. regientem,leg,fugientem ibidem,jncredalitas exacuauit,leg. incredulitas euacuauit.fol.78.chuuas de ouuo leg.de oueo.fol.79.nefte ver de tezouro,leg.neffe.fol.97.animaftes.leg.animafte.fol. 99. Sarsaglia.l.Farsalia.fol 102,& nõ vit,l.non fuit.fol.117.largueis.l.largais. fol.123.Damasi leg.Damasci. fol.123.regnum temporali. leg temporale.fol.135.ia ponho.leg.la ponho.fol.135.cigni Anaxagoras.leg cum Anaxagoras.ibidem.negaretur.leg.rogaretur. fol.158. riao, leg.cayo, Fol,67 pag.2.lin.3.nos montes. leg.orizontes.

Alia facillime corriges.

LAVRA DE ANFRISO

Pello Lecenceado Manoel da Veiga.

EPISTOLA DEDICATORIA AO EXCELLENTISSIMO PRINCIPE O SENHOR D. DVARTE.

PRINCIPE excelſo, a quem a natureſa
Por celeſte fauor da mòr ventura
Deu o ſangue Real da ſumma Altéza:
Principe de outro grande imagem pura,
Filho de Manoel Rey ſoberano,
Cuja grãdeza, & nome hoje em vòs dura
Alto ſangue onde adora o pouo humano
Não tanto virdes vôs de Reis famoſos:
Quãto de vôs Rey Lyſio, & Rey Hiſpano.

Non nos de ſanguine Regum venimus; at nos to veniunt de ſanguine Reges.

 Principe

Principe de altos Duques generoſos,
De cuia ſoberana deſcendencia
ficaõ os meſmos, certos glorioſos.
Do claro Theodoſio a preminencia
Vos fâs tal; que com ter tantos Reis dado,
Inda promete Reis eſſa Excellencia.
Quando ha de vir o ſeculo dourado?
Em que veia comprir minha eſperança,
Por dardes reſplandor ahũ grande eſtado.
Taõ chea o Ceo vos fes luz de Bragança,
Que não podeis crecer à mor grandeza:
Tudo o mais com vos ter crece ẽ bonãça
Tudo com voſco luz; tudo ſe preza,
Os mais dignos altâres da Ventura
Ficão âquem de voſſa natureza.
Naõ temais de infortunio a noite eſcura,
que ſo para ſe honrar a ſorte ingrata
firmes refens de amor em vos procurà,
Ia para diſcantaruos ſe deſata
De hum nouo Orfeo a lingoa ſonoroſa
Ia toca lyras de ouro, orgaons de prata.
Tera voſſa Excellencia generoſa
Louuores mil, ou viua em paz dourada:
Ou ſuſtente batalha ſanguinoſa:
Entre tanto na frauta mal formada,
* Por imitar ſenhor ao Mantuano,
Canto de Poliam a roxa entrada.

* Pollio Saloninus Aſinij Pollionis filius à captis Salonis cognomen hauſit.

Principe

Principe, que no Reyno Luſitano
  De hũ Duque filho ſois que ẽ noſſa idade
  He anchora a qualquer afflito humano:
Vede aquella paterna Mageſtade,
  De taõ doce brandura acompanhada:
  Bebei nelle Senhor a humanidade.
E eſta Muſa que vai mal cultiuada,
  Alhea de conceitos, & artificio,
  Seja em voſſa grandeſa agaſalhada:
Aqui vos canta o ruſtico exercicio,
  Dai voſſa mam Real aos meus Paſtores,
  que o cantaruos tomaraõ per officio.
Outros tempos viraõ, dias maiores,
  Quando na tuba clara, & ſonoroſa
  Vos poſſa offerecer verſos melhores:
Entam ha de notar, Elyſia roſa
  Voſſa fermoſa luz reſplandecente,
  Dando eclipſes a Roma glorioſa
Emtão num carro de ouro preminente,
  Nouas aclamaçõis de altiuo ſolio
  Vos hade dar a eſtranha, & a Lyſia gente.
Num compendio de amor, num breue ſcholio
  Vos fara cada qual por mais grandeſa
  Dentro nos corações ſeu Capitolio.
E aquelle que inda oje Italia preſa,
  Vendo voſſos quilates ſoberanos,
  De ſeus lumes abate a mòr clareza.

Humanitas, & liberalitas propria Principi, i. virtus. *Tecum principium in die virtutis tuæ*: Pſ. 109 Hebraice נדבות Nedaboth à radice נדב Nadab, quæ ſignificat ſponte dare, & liberalem eſſe: vnde deducitur Nadib. i. princeps, quia videlicet liberalitas eſt propria Principis conditio.

Titus Liuius l. 2 decad. 3. Perſius ſatyr. 2.

Iá deixão ſeus aſſentos os Trajanos;
  Ia perdem ſeu valor ſua excellenciâ;
  Os que vencerão Turcos,& Affricanos.
Parece que renace â competencia
  No Sybillino peito hum nouo ſprito,
  Que tem de voſſa gloria alta ſciencia.
Ceſſe de Polliam o falſo eſcrito,
  Cujas grandeſas forão mentiroſas;
  O voſſo verdadeiro he infinito.
Voſſos berços Senhor brotârão roſas;
  Dando o balſamo Aſſyrio vulgarmente
  Alegres primaueras deleitoſas.
Agora ſe hão de ver mais claramente
  Em voſſa caſa os tempos Saturninos;
  Voſſo nome hade andar de gente em gẽte.

Redeunt Saturnia regna. Egl. 4

Vòs mouendo os alfanges diamantinos
  Materia aueis de ſer de altas hiſtorias
  Para mais ſublimar â engenhos dinos.
Princepe raro voſſas grandes glorias
  Hão de por em profundo eſquecimento
  Dos Ceſares antigos as memorias.
Vôs ſois de altas venturas firmamento,
  Vôs de Bragança imagem verdadeira,
  Vôs liſonja de amor ao penſamento.
Vôs deſdo Herculeo Calpe a derradeira
  Parte, onde o roxo mar açouta a terra,
  Que inda do Grego Rey treme a bãdeira:

Sereis

Sereis Põpilio em paz, Torquato em guerra
E os ecchos immortaes da vossa fama
Hão de animar a mais inculta serra.
Vôs sois Principe àquelle aquem Deos amà
E a quem qual Samuel em tenra idade
No silencio da noite asi vos chama:
São vozes mudas de alta saudade
As estrellas, que fallão de contino
Como lingoas da eterna Magestade.
Ide flor do alto ramo Brigantino
Libertar a corrente venturosa
Que a carne lauou ja do Rey Diuino.
Aquella sepultura milagrosa:
Possuida de torpes Agarenos,
Per vossa mão sospira valerosa:
Vede Principe raro estes acenos
Com que o vosso Planeta vos prouoca
Pera dardes do Ceo bens não pequenos.
Esta empresa tão ardua a vôs sô toca;
Zelosa Lusitania á competencia
Por Capitão sublime vos inuoca.
Na grandesa senhor dessa excellencia
Se estão pronosticando altas venturas.
Pera perpetuar vossa ascendencia.
E se despois de ver as agoas puras
Da perfeita justiça comprimento
Onde as vozes soarão das alturas:

Syderibus tanquam mutis vocibus cęlum loquitur, sic plerique interpretantur illud: extendens Cęlum sicut pellē psal. 103. concinit D. Bas. hom. 11. in Exameron pulchre. D. Chris. in ps. 18. verba: Cęli enarrant gloriam Dei hom. 9. ad populũ Antiochenum. Quomodo enarrant? inquit Chris, per ipsum aspectum tacet Cęlum, sed ipsius aspectus vocem tuba clariorem emittit. &c.

Externa pulchritudo, & clari sanguinis, & fortunę aureę argumentum Claud, ad Stiliconē Pacatus Latinus de Theodosio Polibius de Filipo Metaphrast. Apuleius, Empedocl. Dion. Syro, Quintil, Heliod. AEtiopicus Laertius, Amianus, Enodius. Carneades, Teophrastus.

Quisérdes âssollar o impio assento,
De Alcacere, mouendo a grão ruina
Ate a minima pedra & fundamento:
Ide noua esperança Brigantina
Pello meo dos Caens fazendo ruas;
Mouendo com destreza espada fina.
Ia vos estão tremendo as meas luas;
Ia com medo de vòs se estão quebrando
Nouo Leão de Hespanha, espadas nuas.
De vosso Rey, & tio o campo infando
Que ja sangue bebeo em fatais horas,
sò por vossa vingança està bradando:

Genes .4. *Apostrophe.*

Sangue do Regio Abel que inda oje choras,
O meu Princepe te ouue; & por vingarte
Odios ao tempo tem, que tras demoras:
Parece que retumba em toda a parte
Dos Martyres de Christo a voz chorosa,
Que em sospiros enuolta diz: DVARTE;
O companhia santa, & gloriosa,

Apoc. 6.

Que debaxo do altar do Sarraceno
Aos Anjos publicais a dor penosa:
Oie estollas vos manda o Ceo sereno;

Quę nam vindicta illa foret explicat.

Pera que reuestidas de esperança
Vingadas vos vejais em lustro ameno.

Chris. in ps. 9 & D. Aug. ser. 39. de temp.

Ide Principe meu mouendo a lança
Contra aquella infelice, & dura terra
Rubricada com o sangue de Bragança:

Lem-

Lembraiuos que naquella infausta guerra,
Onde o sangue Real foi derramado,
O vosso por igoal tãobem se encerra.
Vede o campo de Alcacer matizado
Co sangue do alto Pay, quãdo o Rey sãto *Apocope.*
Foi de seu doce Primo acompanhado.
Se despertão memorias entretanto
Os illustres exemplos da Ascendencia:
Vede na tenra idade aquelle espanto.
Vede aquella clarissima excellencia
Como na verde infancia sem receo
Despresa de Mauorte a violencia.
Eilo correndo vai largando o freo
Ao ginete ferôs que o vento igoala;
Eilo temido ja do sangue alheo.
Eis co som do cauallo o chão se aballa;
Eilo com destra mão brandindo a lança,
Por acodir ao Primo se assinalla.
O Theodosio gloria de Bragança
Que inda no berço espadas, & pilouros
Mouendo, vosso gozo então se alcança:
Minino despresaueis os tesouros;
logo era para vòs, & gloria inteira
Cos despojos brincar dos feros Mouros.
Principe vede o pay, que na fronteira
Quando apenas onze annos coroauão
Tres mezes da Olympiada terceira:

Claud. Reptasti per scũta puer Regũq; feroces exuuię tibi ludus erant.

Ecclipsis.

Vede os noſſos, que em vello ſe animauão;
Vede como ferido não ſe acanha:
O que glorias alli ſe ſemeauão!
O ſangue paternal, que o campo banha
Vos deſperta as memorias de contino
Sô por irdes ganhar honra tamanha
[a] Vede como ſe preza o Brigantino
Dos ſinaes do Senhor no meſmo roſto,
Qual Paulo diſſe ja do Rey Diuino.
Eſtai Principe excelſo a tudo oppoſto.
Vede que aquelle ſangue derramado
Em trono de ſafiras eſta poſto.
Como ſerâ de Deos pouco eſtimado
De voſſo Pay & tio o ſacrificio?
[b] Se o trabalho do pouo he tão honrado?
Mal faltara do premio o beneficio.
[c] Voſſo Pay ao martirio naõ faltou
A elle lhe faltou eſte exercicio.
Principe ſoberano vendo eſtou.
O diuino primor com que heis de amâr
[d] O Rey IESVS que tanto vos amou.
Ia vos vejo o ſeu nome dilatar.
Ia com eſpada, & vox tendo alta inueja
De ſerdes hoſtia viua em ſeu Altar.
Tendes de Martyr ſer razaõ ſobeja,
De outro Martyr antigo deſcendeis,
Por mais que hum latinzinho ladrár veja.

a Stigmata Dñi mei in corpore meo porto, *Ad Gal. 6.*

b *Oleaſtr. in Exod. 24.*

c Martyres facit animus, licet opus deſit. *Greg. hom. 3. in Euang.* D. *Bern.* *Rup. ſubtilit. ad ca. 21. Ioa.* votum enim pro opere reputatur, cap. magna de pœnit. diſt. 1,

d De amore Chriſti erga nos, præclare D. Greg. ad illud; anima mea conturbauit me propter quadrigas Amina dab.

Inuejas

Inuejas infernais, odios crueis
A Fernando fizeraõ violencia;
Sendo exemplo Real de homens fieis.
Mas naõ pode mancharse a Excellencia,
Que entra no Ceo cõ o roxo do Martyrio
Sobre as brancas estollas da inocencia.
Pisay Alma sublime o claro empyrio,
Em quanto reuerdece eternamente
De vossa alta inocencia o branco lirio.
E vos ò generoso decendente
Que à justiça heis de amar taõ sé receo,
Vede de ambos o animo excellente
Hum do algôs natural, outro do alheo
O cutello prouou com santo brio;
Sendo em fins desiguais, igoal o meo.
Vede o Pay, vede o Auo, & vede o tio,
E pello reino, & gloria de I E S V S
Entrai Principe excelso em desafio:
O estandarte real da Santa Cruz
Por vossa altiua mão seja aruorado;
Pera a treua Africana dardes lus.
O quaõ ditoso, & bemauenturado!
Serey se acompanhar essa Excellencia
Pera ser por meu Deos sacrificado
O nobre Catiueiro! o nobre ausencia!
O prisaõ doce, algemas venturosas!
ô morte de meus olhos competencia!

Iustitiæ colore inuidia euomitur cap. nulli. causa. 3. q. 1. cap. Si omnia causa. 6. q. 1.

Infamiæ notis non potest maculari qui innocens à vituperantibus accusatur cap. sunt plurimi cum glosa causa. 6. q. 1.

Regium vexillũ crux; qui illam sequuntur, Reges. Pulchre Rupert. ad cap. 1. Apoc. & Princeps Regum terræ.

Acute D. Hilari ad illud Mat. 26. transeat à me calix iste.

O morrer

Mors magna merces amanti Christum, sic D. Hilar. supra. Caietan. in Luc. 14. Praeclare D. Fulg. ad Trasimundum Regẽ l. 3, ca. 24. in illud Ioan. 21. *Petre amas me?*
*D. Hieron. lib. 2. in Ezechiel homil, 15, idem ad illud Cantic. 7. *Comae capitis tui sicut purpura Regis.*
* Nota targute, Pineda ad illa verbã Pauli. Act. 26. *Exceptis vinculis his.* Qui vidit essentiam Diuinam iuxta D. Aug. D. Thom. & D. Anselm.
*Acutissime Toletus annot. 74. in Ioan. D. Ambros. D. Ignat. ad Tarcenses Epist. 7. AEcum. in Ephes. 4 Origen. de Iob.

O morrer por IESVS, hora de rosas
O risco onde se exalta a mesma vida
*O milicias de amor vitoriosas)
Alli fica ganhada se he perdida
Desta presente luz a doce vsura,
Pella ley do Senhor offerecida.
Duuido qual tereis por mais ventura;
Mas sei quem trocarà por hum tormẽto
*A beata visaõ da essencia pura.
Não fica mais subido vosso intento
Em triunfar vencendo os inimigos;
* Do q̃ em sofrer por Deos hũ baxo assẽto.
Mas que digo? se, os males, & os perigos
Tudo aueis de vencer com sabio peito;
Como quem tem os Anjos por amigos.
Alargando me vou no campo estreito
Desta pequena carta, que me obriga
A puxar polla redea ao meu conceito.
*O se do vltimo tempo a lus antiga
Me acompanhe estes mẽbros ja cansados.
Pera que vossa gloria ao mundo diga.
Serão com minhas vozes superados
O Deos de Arcadia, Lino, & o doce Orfeo
Posto que pellos Pais sejão julgados.
Então heis de subir ao quinto Ceo
Pera occupar de Marte a ardente esfera,
que ouuindo vosso nome ja tremeo.

Entrẽ

Entre tanto eſta humilde Primauera
Foi hum pequeno enſaio do futuro;
O fruito então virâ quando ſe eſpera
Ia com voſſos fauores me aſſeguro
Contra quem me ladrar na partezinha;
Da qual gloria nenhũa a mi procuro.
Eſta ſomente foi a gloria minha
Louuar a Real caſa de Bragança,
Dando o que deuedor ha tanto tinha.
Neſtas rimas ſenhor tãobem ſe alcança
Quão facil he na vida hum breue riſo:
* Quão depreſſa ſe murcha hũa eſperança.
Aqui ſe repreſenta o grande Anfriſo,
Aqui a nobre Laura, a Deos atados
* Dando ameno teatro ao paraiſo.
Não queira Deos que os cantos profanados
ſejão ditos ſenhor por minha boca,
Nem a voſſa grandeza apreſentados.
Eſta ſanta tragedia a vôs ſo toca;
Vede o naufrago Anfriſo, que na area
Por ſeu patrão ſeguro vos inuoca.
Vede que vomitado em noite fea.
Dos mares infernais de Babylonia
Socorro eſtâ pedindo em terra alhea.
Não parece ſenhor ſer couſa idonia
Que ache milhor Patrão que o Luſitano
O Anfriſo de Teſſalia & Macedonia.

*Spes in homine incerta: in Deo tam certa ac ſi iam de pręterito impleretur. notat argute D. Aug. expendens illa verba: *Omnia quæ audiui à Patre nota feci vobis.* Et illa: *Multa habeo vobis dicere.* Quomodo multa habebat dicenda, qui omnia dixerat? Aug. ad prima verba ſic ait: *Loquebatur de ſpe futurorum.*

*Pęnitentes paradiſi theatrum pulchre D. Hier. in Math. 17. Acutiſsime Tertull. l. 2. contra Marcionem. c. 25. ad illud Gen. 3. *Fecit Deus Adæ & vxori eius duas tunicas pelliceas, & ait: Ecce Adã quaſi vnus ex nobis.*

Não

Schalam de vitiis facimus ſi vitia noſtra calcamus. *D. Auguſt.*

Naõ ſaõ iſto Canções de Amor profano:
Mas ſaõ hũas eſcadas verdadeiras
Pera poder ſubir ao deſengano.
Saõ huãs cantilenas derradeiras,
que deu hum triſte ciſne â noſſa idade
Com ſoſpiros mortais de mil maneiras:

Frater fui draconum. *Iob.* 30.

Em coua de dragois, & eſcuridade
Dous partos produzi, & o meſmo Céo
Teſtemunha ſera deſta verdade.
Alli a dura hiſtoria ſe teceo
Do perſeguido Anfriſo, & a de Fileno,
que primaueras da Alma enriqueceo.
Em luzes de papel pobre, & pequeno,
Com apertado paõ, com agoa breue
As muſas meditei, que hoje condeno;
Deſde que o claro Sol em libra eſteue
Toquei grilhõis no eſcuro laberynto:
Ate ver as eſcamas de ouro, & neue;
Neſte termo fatal, breue, & ſuccinto,
Do que Fileno, & Anfriſo me enſinaraõ
Dous tragicos paineis aos olhos pinto.

a *Tertul. lib. de patiẽt.* Id circo quis te lędit, vt doleas quia fructus lędentis in dolore lęſi eſt; ergo cum fructum eius euerteris non dolendo; ipſe doleat neceſſe eſt amiſſione fructus ſui.

Quando liuros de gloria me faltaraõ,
Por naõ goſtar da furia o meu Tirano-
Exemplos de Pompeo me acompanharaõ
Que como bem diſia o Affricano-
eſta o doce fruito do que offende
Nas dores do offendido, & no ſeu dano.

O Capitaõ

O Capitão famoſo que iſto entende
  Perdendo o ſenhorio de Farſalia:
  Nem hum ſinal de dor ſeu geſto offende.
Pera que o Dictador da antiga Italia
  Cõ ſeu tormento as glorias não dobraſſe:
  Tal por baldar ao meu, canto em Caſtalia.
Mas como pode ſer que ſe apuraſſe
  Obra da qual ſoſpeito que ſe a vira,
  * Fugitiuos borrões Plauto a chamaſſe.
Na alhea letra a minha ſe eſculpira,
  Principe meu, com a tinta adulterada,
  Que apenas quinto olhar traslada & tira.
Depois que em papel branco a vi laurada,
  Por não ſer de Ariſtarchos offendida:
  A eſſe templo Real foi conſagrada.
Aqui vereis pintada, & traduzida
  Qual Principe que ſois da ſumma Alteza
  Deſte primeiro monſtro a infauſta vida.
Que ſe os monſtros que gera a natureza
  Aos Principes maiores ſe offerecem,
  Argumentos de gloria, & de grandeza:
Os monſtros de Fortuna mais merecem,
  Por terem mais que ver; & a piedade
  E a gloria de hũ Senhor mais engrandecẽ.
Ora pois neſſa leda Mageſtade
  Achem naufragios tais fermozo amparo
  Que he a Principes deuida a humanidade

Nunca

✠ Preclare Tertull. lib. de pat. *Id circo quis te lædit, vt doleas quia fructus lædentis in dolore læsi eſt; ergo cũ fructum eius euerteris non dolendo: ipſe doleat neceſſe eſt amiſſione fructus ſui.*

*Feſtiue Plautus male ſignatas litteras, appellat fugientes.

Inuidioſus Alexander ad Achillis tumulum. Cicero pro Acchia Poeta. Clauius Vopiſcus in vita Probi. Petrarcha in Laura

Nuncá dé gloria o Céo vos ſeja auaro
Vòs ireis triunfando: eu eſcreuendo
Em heroico eſtillo grande & raro.
Eu cantarei a Homero eſcurecendo;
E ſentirà Alexandre noua inueja:
Vôs meus cantos do chão ireis erguendo,
Que heis de vencer Achylles na peleja.





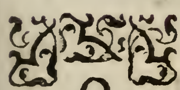
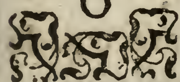
LAVRA DE ANFRISO

Pello Lecenceado Manoel da Veiga.

Ecloga Primeira

AO EXCELLENTISSIMO PRINCIPE O SENHOR D. DVARTE.

Anfriso. *Alfisibeu.*

O Lamentar ſuaue dos Paſtores
Anfriſo juntamente, & Alfiſibeu
Cãtarei, ſeusqueixumes imitãdo.
A cujo canto o Rio orelhas deu;
E as nouilhas deixando heruas, & flores,
Eſtiuerão ſuſpenſas eſcutando,
Vôs que repreſentando

Immemor herbarum quos eſt mirata iuuenca Certantes, &c. Eclog. 8.

Eſtais

Estais, nesse poder nessa excellencia,
Hũa dourada idade
Da Real Ascendencia,
Inclinai Principe alto a Magestade
E nos bosques entrai que os escutârão;
Tâobem Deoses ja bosques habitârão.

Habitarunt Dij quoq; syluas, Ecloga.2.

Ha de vir por ventura aquelle dia:
Quãdo em cothurno excelso a Musa graue
Pello mundo dirâ vossas grandesas?
Ha de vir quando em cytara suaue,
Cante a Imperial genealogia?
Magestades Reaes? nobres Altezas?
Mas em quanto defesas
Estas glorias me tem minha ventura;
Vos darei entre tanto
Os versos da espessura,
Onde ensayarme vou para outro canto;
Sofrei que esta hera a vôs viua arrimada,
Entre vossos loureiros enrolada.

Apenas se apartâra a sombra fria,
Quando o orualho agradauel para o gado
No campo as tenras heruas esmaltaua;
Ao pê de hũa sylueira recostado
O sem ventura Anfriso o Ceo feria
Cos lastimosos ais que derramaua:

Eglog.8. Cum ros in tenera pecori gratissimus herba est,

Tirano

Tirano Amor bradauã,
Tirano Amor, tiranas alegrias,
Tirano paſſatempo,
Ia de tuas porfias
Vingado eſtou: ja vèo o docé tẽmpo
De meu tão deſejado deſengano:
A Dèos maligno Amor, cruel tirano.

Que tiuè ſenão dor, pena, & tormẽnto,
Quando andaua ſeruindo a teus altares,
A pos fingidas glorias embebido?
Que cantos derramei aos ſurdos ares?
Mas ay que ſe enganaua o penſamento
De ſeus prantos futuros eſquecido.
Ay quão mal entendido
Era de mi o dano, que encubẽrto
Aos olhos, não ſe via,
Com que outro deſconcerto
E outra pena maiör a ſorte ordia,
Trazendome entre falſás eſperanças;
Duros cuidados, & aſperas lembranças.

Em loucurás de Amor perdendo o ſizo
De noite repetia o nome amado
Por vnico deſcanſo a meu deſejo.
E ja quando no carro marchetado
Moſtraua a branca Aurora o alegrẽ riſo

Aljofar derramando ſobre o Tejo:
Eu tanto que a luz vejo,
A choça paſtoril deſemparaua
E em doces deſuarios
Laura, Laura, entalhaua
Com a fouce nos alemos ſombrios;
Crecei, crecei, dizia, ô ramas bellas:
Leuai o bello nome atê as eſtrellas.

Quantas vezes das eruas eſquecida
Entre os cordeiros a ouelhina muda
Pondo os olhos em mi ficou balando!
Porque me ouuio tocar a frauta ruda,
Ia não leda, mas triſte, & enrouquecida,
E ſem concerto os ares atroando.
Oh gado doce & brando!
Buſcay de oje em diante outro paſtor:
Que eu deixando eſtes montes,
Por fartar minha dor
Vou buſcar outros climas, & orizontes;
Adonde a morte bemauenturada
Acabe a vida miſera & cançada.

Quantas vezes dos ventos a braueſa?
Soſpirando amanſei com o doce canto?
E as furioſas ondas empolladas?
As dores deſiguaes puderão tanto

Que àbrandàrão dos montes a duréza.
Ficádo as rochas cõ me ouuir quebradas
Ay horas mal gaſtadas!
Ah jugo riguroſo,& deshumano!
Triſte cadea fera
Daquelle Deos tirano!
Onde a alma eſperando deſeſpera;
E onde (ô duro penar!) morre viuendo,
Pera que mais,& mais va padecendo.

Vòs ſempre verdes myrtos,& altas faiás,
Duros pinheiros,alemos ſombrios,
Montes pyramidais, caluos rochedos:
Deſpenhados criſtais dos claros rios,
Ondas do brauo mar,amenas praiás,
Que tendes por eſcudos altos penedos:
Dizeime que ſegredos
Do liſongeiro amor cántar me ouuiſtes?
Quando peſadamente
Os ecchos repetiſtes
De minha Lyra triſte,& deſcontente,
Que quãdo ſeu queixume aos vẽtos daua,
O ſilencio dos boſques animaua.

Ay que magros andauão na erua verde!
Os mimoſos cabritos, & os cordeiros:
Que tambem minha pená os abrangia:

As cabras perdoàrão aos ſalguéiros;
Todo o bem com ſeu dono o gado perde;
Ambos de dous Amor nos deſtruia.
Guàrdallo eu não podia:
Pois q̃ nem guardar ſoube o meu cuidado:
Perdido me enredei,
Viuendo ſô lembrado
Do nome de hũa ingrata que adorei,
De mi,& das ouelhas eſquecido:
Que muito ſe ẽ mi meſmo andei perdido?

Idem amor exitium eſt peccori peccoriſq; magiſtro. Eclog.3.

Em mi perdido andei como em deſerto;
Minha alma eſtaua feita hum laberinto;
Sepultadas em dor minhas potencias.
Leuarme de hum tormẽto em outro ſint o
Tudo era magoa,tudo deſconcerto;
Tudo rigores,tudo violencias.
Ah crueis inſolencias!
Oh aſperas priſoẽs,ô duros laços!
Oh fortuna auarenta!
Reſplandores eſcaſſos!
Que inda agora a memoria me atormẽta
Daquelle dia em que me perdi;
Ay que fiquei perdido quando vi!

Vt vidi vt perij Ecl.8.

Naquellas ſebes vi à dura ingrata,
Onde torcendo o paſſo as parras verdes
Tem os duros eſpinhos enlaçados.

Vôs

Vôs ſereis teſtemunhas ſe quiſerdes
De meu primeiro amor, Rios de prata,
Que correis para o mâr deſpedaçados.
Eſcaſſamente entrados
Tinha doze annos na florida idade:
Ia cantando mouia
O monte à ſaudade;
Ia os ramos tocar do chão podia;
Quando me arrebatou o maligno erro:
Ah minino cruel, de bronze, & ferro!

Agora te conheço a natureza
Improbo amor tirano endurecido
Agora que tuas obras me enſinárão.
Tu de Rodope ou Iſmaro es nacido;
Teu berço foi das rochas a dureza,
Onde Tygres Hircanas te criârão.
Ai quanto me cuſtârão!
Hũas breues & falſas eſperanças,
Com que então me enganaſte;
Mas logo as eſquiuanças
Sobre mi como chuua derramaſte,
Ordenando cruel, que a inimiga
Và fugindo de mim; & eu que a ſiga.

Nunc ſcio quid ſit amor durio in catibus illum Iſmarus aut Rodope; &c.

Quantas vezes correndo ao freſco Rio?
As vacas por fugir da calma ardente
Que as louras ſementeiras abraſaua:

Me virão solitario, & discontente?
Os dous olhos apar correndo em fio,
Com que a larga corrente acrecentaua:
Despois que despertaua
Daquelle mortal sono o pensamento;
Pera que alliuiasse
Em parte meu tormento,
Pondo os olhos no chão, & a mão na face,
Laura, Laura, mil vezes repetia,
O monte Laura, Laura, respondia

Não mais não mais tiranos pensamentos:
Não mais que assâs prouei vossos rigores:
Não mais, não mais cuidados mentirosos:
Ia agora cantareis sabios Pastores
(Entre os fogos de Fillis, & os tormentos
A que chamou Menalcas gloriosos)
Desenganos ditosos
Que inda q̃ em algum tempo me tardárão
Em dar morte a meus danos:
Em fim em fim chegârão;
Venhais embora ô santos desenganos
De minhas glorias vnico tesouro,
Oh tempo venturoso, idade de ouro.

Bém como aquelle aquem o mar vomita,
Depois da procellosa tempestade

Sacrifi-

Sacrifica a Neptuno ſeus veſtidos:
Tal eu ô deſengano com humildade
Venero o templo teu, caſa bendita;
E meus deſpojos deixo offerecidos.
A Deos tempos perdidos,
Vôs que tão deſtruido me deixaſtes,
Tão chéo de tormentos,
Ah quão mal vos paſſaſtes!
Trazendome entre nuuens, & entre ventos
Seguindo como louco a hũa ſerrana,
Que era tão bella como deſhumana.

Hora pois ſobre os ramos da eſpeſſura,
Os deſpojos daquelle eſtado antigo,
Ficarão por memoria pendurados
Ficareis vòs tãobem retrato amigo;
Secretario de minha deſuentura,
Que deſtes tanta cauſa a meus cuidados.
Se algum dia achados
Fordes charos trofeos de minhas dores;
Daquelles que correndo
Apos falſos amores
Fingidas eſperanças vão bebendo:
Dizei que vos ganhou o deſengano,
Quãdo em batalha entrou co amor tirano

Aqui deu fim a ſeu cantar Anfriſo,

E quando ſoſpirou no vltimo acento:
Os empinados montes retumbârão.
Desdas gargantas do humido elemento,
Atê as quebradas faias de Floriſo,
As aruores ſyluestres oeſcurarão.
Todas em fim chorarão
Vendo que para ſempre ſe auſentaua
Aquelle paſtor ſeu,
Que a lyra penduraua.
O que cantou depois Alfiſibeu,
Dizeio vos Pierides: que tanto
Não no pode igoalar meu debil canto.

Vos que reſponderit Alphiſibæ' Dicite Pierides: non omnia poſſumus omnes. ecloga. 8.

Alfiſibeu.

Verdes outeiros, mudos orizontes,
Rochedos deſigoais, boſques ſombrios,
Veiga florida, dos paſtores gloria:
Ribeiras de criſtal, amenos Rios,
Ouuî, ouui (que faço os olhos fontes
Pera poder contar eſta memoria.)
Ouui a dura hiſtoria,
Eſcaſſa, fementida, & triſte ſorte
Do voſſo bom Fileno:
Em quanto a fera morte
Com meus ſentidos ais culpo, & condeno,
Que nos roubou ingrata a hum Paſtor,
Entre os mais excellentes o melhor.

Meo

Meo curso fazia a noite escura
Quando em mudo silēcio o cāmpo estaua;
Dormia o mar, a terra, & os aruoredos:
Em tão, então Fileno derramaua
Da boca congelada a Alma pura;
Com dor se partem rochas, & penedos:
Oh profundos segredos!
De quém o baxo mundo assi gouerna!
Oh duro caso triste!
Oh noite sempiterna!
Que tu Fileno meu, taõ cedo viste;
Pois que na Primauera de teus annos
Da morte taõ cruel prouaste enganos:

Tanto que o casõ funebre souberaõ
As Tagides, deixando as tellas de ouro,
Com seu pranto as ribeiras atroaraõ.
E dentro em seu riquissimo tesouro,
Das perolas dos olhos que verteraõ
Christalino sepulcro lhe formaraõ.
E em harpas discantaraõ
Com Angelica vox, doce armonia,
Pagando exequias tristes
No meo â tumba fria;
Vòs empinadas faias que isto ouuistes
As cabeças nos ares meneastes,
E as Ninfas em seu pranto acõpanhastes.

Em

Em turibulos de ouro hũas largauão
Os fumos de Panchaya, rodeando
O corpo em tellas negras reueſtido.
Outras de puro paſmo eſtão chorando:
Outras ſobre o defunto derramauão
De flores hum chuueiro enriquecido.
Com o filho emudecido
ſe abraça a doce Mây, que os Ceos âtroa:
Crueis chama às eſtrellas;
E em quanto ſe magoa.
Vôs rindouos eſtais ò luzes bellas,
Que tendo inueja ao noſſo campo ameno;
Ingratas nos roubaſtes a Fileno.

Atq; Deos atq; aſtra vocat crudelia mater

Fileno meu o Rio criſtallino
Iunto de cujas agoas ſaudoſás
O teu gado de neue apacentaſte:
O ameno valle, as ſeluas eſpaçoſás,
Os coroados outeiros de contino
Chorão porque tão cedo nos deixaſte.
Ay que deſemparaſte
O teu campo, deixando em noite eſcurá
Os alegres Paſtores,
Por ti a eſpeſſura,
Por ti chorando eſtão roſas, & flores;
A ti te chamão rochas & penedos;
Por ti ſoſpira o monte, & os aruoredos:

Nenhum

Nenhum Paſtor naquelle infauſto dia
Suas vacas leuou ao prado verde;
As cabras não ſobirão aos outeiros.
A lembrança da herua a gado perde;
Não tocârão as ouelhas a agoa fria,
Nem derão branco leite aos cordeiros.
Os Roxinoes palreiros
Trocârão em gemido o doce canto:
E quando o ſol eſconde
No mar o aureo manto:
A ſolitaria rola então reſpondē
Ao coruo, que ſe queixa em vox eſcura
Da tiranica ley da morte dura.

Deſpois que nos deixàſte nunca paſcē
O gado em fartura, & o louro Apollo
Com Pales, ja deixar o campo ordena.
As oliueiras quebra o ſurdo Eolo;
Em lugar do fermoſo trigo nace
O joyo eſteril, a infelice auena.
Pella violla amena,
Pellos brancos jaſmins, do campo riſo,
Pellas freſcas gieſtas,
Pello roxo Narciſo
Nacem cardos, & eſpinhos nâs floreſtas;
E atè os montes feros bem moſtrârão,
Que os Leões de Maſſylia te chorârão:

Ay doces horas doce ſaudade!
Que agora eſta memoria me atormentá,
Quando triſtes de vôs viuo lembrado.
Ay que pera mòr mal ſe me apreſenta!
A primauera da goſtoſa idade!
Em que andei de Fileno acompanhado.
Oh deleitoſo eſtado
Ao pê daquella antiga,& verde faia
Recoſtado em flores,
Te vi cantar na praia,
Vencendo na deſtreza os mais paſtores,
Que dezião de ti quando cantauas,
Que o Mantuano Tytiro igoalauas.

Tu eras no lutar o mais valente;
Tu eras na carreira o mais ligeiro;
Tu eras no dançar o mais airoſo:
Tu eras entre todos o primeiro;
Vendo teu merecer,dizia a gente:
Goza venturas mil Paſtor ditoſo.
Mas ay fado enuejoſo!
Quem iſto adeuinhara ! Ay meu Fileno!
Que apenas apontaua
Em teu roſto ſereno.
A barba: quando a morte te encontraua,
Desfazendo da vida o doce laço,
Cortando os annos teus em verde agraço.

Mil vezes este mal me adiuinhei;
Se o agouro não fosse desastrado.
Mil vezes deste dano me temia:
Quando co rayo ardente acelerado
Os carualhos quebrados contemplei
Naquelle triste & solitario dia.
Ay que isto me dizia
Daquelles choupos a sinistra gralha:
Em quanto lastimoza
Aos ares espalha
Tristes accentos, musica chorozà,
Que o silencio da noite vai ferindo,
Minhas desauenturas repitindo:

Sepe malum hoc nobis si mens nõ læua fuisset. De cælo tactas me mini prædicere quercus.

Fileno méu ágora em larga esfera
Gozando estâs dos valles esmaltados,
Olhando para eternos orizontes.
La tens outras campinas, outros prados,
Outros pastores, outra primauera,
Outras frescas ribeiras, & outras fontes.
Outros campos, & montes,
Outro Tejo suaue, puro & brando,
Outras florestas bellas;
Agora irâs pisando
Outeiros de cristal, Veigas de estrellas:
Agora em doce vox, diuino acento
Suspenderâs o curso ao firmamento.

Tu

Là nestas peregrinas espessuras,
La nesses deleitosos aruoredos,
La nesse verão brando & sempitèrno,
Não salteão ao gado os tristes medos;
As ouelhas do lobo andão seguras;
Tudo he prazer & paz descanço eterno.
La não ha duro inuerno.
Que com o caramello enfree as agoas;
La meu doce Fileno
Não ha ardentes fragoas,
Que dispão da bellesa o campo amèno:
Mas por entre os jasmins do prado lindo
O Zefiro suaue se anda rindo.

La nesse grande & publico deleite
Gozão Flora, & Pomona alegre riso:
Que maçans os carvalhos estão dando!
Os alemos florecem com Narciso;
Os rios correm mel, as fontes leite;
A tamargueira alambres vai suando.
La se estão pendurando
As uvas & corais pellos espinhos;
La em perpetuo gozo
Saltão os cordeirinhos.
Oh doce vida, estado venturoso!
Oh dia a quem não segue a noite fea!
Dia em que o meu Fileno se recrea.

Pastor fermoso inda que tua auzencia
Andamos lamentando de contino,
Porque dos olhos teus jà não gozamos;
Com tudo como em prado cristallino
Gozas tanto prazer, tanta excellencia;
Com teu bem nossa magoa acalantamos:
Cortai os verdes ramos
Oh Pastores cortai do freixo ameno;
Fazei sombras â fonte;
Que isto manda Fileno
Que se lhe faça ca neste orizonte,
Adonde ja com vosco ha pouco tempo
Teue brando & suaue passatempo.

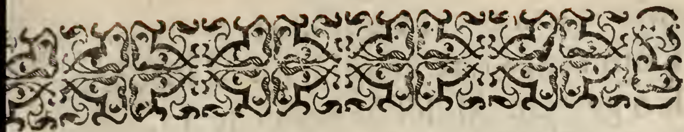
Alli junto das agoas cristallinas,
Sobre à viçosa relua da verdura,
Onde outrora cantou tão docemente:
Alli lhe aleuantai a sepultura
Espalhando mil flores & boninas;
Guardando esta memoria eternamente.
Alli estarâ presente
Ricardo Pastor sabio & esclárecido,
Tocando a doce lira
Com metro tão subido
Que a citara das maõs a Apollo tira;
Tirreno alli tãobem não farâ falta,
Que os satyros imitã quando salta.

Então

Então na ſepultura aleuantada,
Em campo de alabaſtro branco,& frio,
Pera teſtemunhar noſſa lembrança;
Ficara entalhado eſte Elogio,
Que ao mundo dirá com vox calada:
O fermoſo Fileno aqui deſcança.
Eu fui a eſperança,
Eu fui a gloria das campinas bellas
Conhecido Fileno
Daqui atè as eſtrellas,
De ouelhas guardador no prado amêno;
Deume o fado de inueja a vida breue;
Eſte ſepulcro cobre a cinza leue.

Em quanto andarem pello monte errando
As feras,& de neue os cordeirinhos
Retouçarem alegres na verdura:
Em quanto pello prado os roſmaninhos
A ſollicita abelha for tocando,
Por colher o que chorá a manhã pura:
Sempre neſta eſpeſſura
Hade viuer Fileno eternamente
O teu nome ditoſo;
E eu triſte & deſcontente,
Ei de fazer ſoar o boſque vmbroſo,
Fileno meu,Fileno,repetindo:
Te contigo me ver cantando & rindo.

ECLOGA



ECLOGA II.

AO EXCELLENTISSIMO
Principe o ſenhor Dom Theodoſio Du
que de Bragança indo á Lisboa
na vinda delRey.

Frondozo. & *Salicio Paſtores.*

DItoſós cãpos, verdes áruoredos,
Outeiros reueſtidos d'eſperãça
Prados de flores mil, ricos, &
ledos:
Onde hum freſco verão ao outro alcança;
E onde o fero rigor do inuerno duro,
E as calmas do eſtio o tempo amanſa.
O ar mais ſaudauel, freſco, & puro;
As agoas de criſtal mais ſaboroſas;
E inda o viuer mais doce & mais ſeguro. *Enallage.*
As veigas mais floridas, & eſpaçoſas,
Repreſentando eterna primauera,
Semeadas de lirios, & de roſas.

Aqui tocar a cytara quiſera;
  Com tanto que eclipſâra o Mantuáno;
  E o grande Meleſigenes vencera:
Oh DVQVE excelſo, Ceſar ſoberano!
  Quem pudera igoalar a humilde pena
  Aos Cantores de neue do Eridano!
Os cantos de hũa Angelica Syrena
  Ouuerão de dizer voſſos louuores,
  Não frauta paſtoril, & agreſte auena.
Humildes penſamentos, vaõs amores;
  Cantando apacentar o manſo gado,
  São os verſos mais proprios dos Paſtores
Mas quem DVQVE ſerâ taõ deſcuidado?
  Que o eſcuſe a humildade do ſeu canto?
  Que quem deu o que tinha aſſáz tẽ dado.
Em quanto voſſas glorias aleuanto
  Daime eſſa maõ ſublime, com que poſſa
  Mouer o mundo todo a nouo eſpanto.
De meus olhos tirai a neuoa groſſa
  Sô para ver a lux deſſa excellencia,
  Que olhos de aguias offende por ſer voſſa.
Dai aos rudos Paſtores audiencia;
  E ſe me ouuis em fim DVQVE ſereno:
  Farei ao meſmo Apollo competencia.
Quando vos auzentaſtes do terreno
  De voſſa amada patria venturoſa
  E as praias foſtes ver do Tejo ameno:

Ah

Ah quẽ queixas em vaõ trifte & chorofa
Deu a terra em gèral aos furdos ares!
Sô por voffa partida taõ euftofa!
Tudo fofpiros, tudo faõ pezares;
Os olhos dos Paftores feitos fontes;
E as lagrimas fem fim correndo a pares.
Trifteza eftaõ moftrando os Orizontes,
Com dor fe partem rochas & penedos:
Veftindofe com dôr de luto os montes,
Eu que eftou atentando eftes fegredos
Sentado ao pê de hum alemo fombrio,
Que era o cetro real dos aruoredos;
Os olhos reuoluendo ao claro Rio,
Sem a caufa entender de minhas magoas,
Lagrimas derramei de fio em fio.
Que he ifto, que rios, ou que fragoas?
Dentro no coraçaõ tenho encerrado?
Que caufaõ eftes fogos, & eftas agoas?
Eis que eftãdo em meu mal todo enleuado,
Vejo vir pello valle dous paftores
Guiando para o monte o manfo gado:
Eu li nos olhos feus magoas & dores
Com fofpiros ardentes mifturadas:
Porem fempre cudei qne eraõ de amores.
E chegando mais perto das manadas,
Os ecchos efcutei do trifte pranto;
E as doces lyras vi deftemperadas.

As dores desiguaes puderão tanto,
Que as correntes das agoas suspendiaõ;
E eu mudo me tornei de puro espanto.
E como por antolhos sô traziaõ
Saudades senhor de vossa auzencia:
Magoas & saudades repetião.
Ouui Duque cantar â competencia;
E vòs tambem ò flor de alta esperança
Dai a taõ justas queixas audiencia.
Ouui testemunhar esta lembrança
No som da agreste auena mal formado,
Que o que deue não diz, mas o que alcãça:
Ouui DVARTE Principe esforçado,
Virgil. Georg. 4. Verdadeiro penhor do grande Atlante
E costumaiuos jà a ser inuocado.
A orelha appliquei no mesmo instante
Por ouuir os pastores, eu que estaua
De tão duras auzencias ignorante:
Eis que Frondozo a cytara tocaua
Com saudoso som, triste armonia;
E quando a puros prantos acabaua;
Salicio desta sorte respondia.

Frondozo.

Pastor auzente porque nos deixaste?
Por ires ver do Tejo as agoas claras?
Pera que os valles teus desemparaste?

Deixando

Deixando mágoas mil, penas ámáras!
Depois que destes campos te ausentaste
As florestas estão de tudo auaras;
Que Flora se ausentou chorosa, & triste
Tanto que desta terra te partiste.

Salicio.

Pastor que vas buscando outro Pastor,
Que lâ do Mançanares veo ao Tejo;
E com mostras leais de puro amor
Lhe estâs manifestando teu desejo:
Quão contente com tigo o Tejo for,
Tão tristes estes campos sem ti vejo;
Que nòs te chorarêmos na espessura;
E o Tejo gozará nossa ventura.

Frondozo.

Qual mãy choroza pello filho ausente,
Que no Mauorcio jogo o peito ensaia
Porque o espera triste & descontente,
Nunca os olhos tirou da curua praya,
E lembrada do nome tristemente?
Do nome que entalhado achou na faya;
O repete mil vezes sobre a area:
Tal te chora Pastor a nossa Aldea.

Horatius. Non oculos curuo dimouet à littore.

Salicio.

Chorosos vão correndo estes ribeiros;
Do Tejo que regoza murmurando.
As mimosas ouelhas, & os cordeiros

Por ti de saudade andão balando.
Chamãote os mõtes, chamãte os outeiros
E os pinheiros tãobem te estão chamãdo,
Que oje mais dita té, do que alcançarão,
Quando o Pastor de Mantua sospirârão.

Frondozo.

As veigas que mostrauão ledo riso
As cytaras ouuindo sonorosas
Do excellente Richardo, & doce Anfriso,
Negão de sentimento as frescas rosas,
E ambos elles ao pê de hum tronco liso
repetindo mil magoas saudosas,
Atroàrão cantando o seco outeiro;
E as lyras pendurârão de hum pinheiro.

Salicio.

As lyras pendurârão de hum pinheiro
Estes que saõ a gloria dos Pastores
E ao som destemperado de hum salteiro
Cantârão tua auzencia, & suas dores.
Eu os vi ambos junto de hum salgueiro
As coroas quebrar de finas flores;
Colhendo rosas negras & amarellas:
Que â sua dor competem tais capellas.

Frondozo.

Os Pastores do gado se esquecerão
E do lobo vorax o não guardârão;
E âs ouelhas tão triste pasto derão

Que

Que nunca o branco leite lhe ordenharão,
As cabras de triſteza que tiuerão
Pellos rochedos não ſependurárão:
Negão (ſoltando ao ar penoſos gritos)
O paſto a ſy, & o leite aos Cabritos.

Salicio.

As aues que na leda madrugada
Dauão com branda voz, doces recramos,
A muſica em triſteza tem trocada,
Quando tua partida lhe contamos.
Ia com ſom rouco, & voz deſentoada
Se vão dependurando pollos ramos;
Chorão as Aues, chorão os orizontes,
Chorão os rios, aruores, & fontes.

Frondozo.

O Sol então mais bello apparecia
Oh pastor ſoberano em noſſo monte;
De outra maneira âs aues reſpondia
O canto de criſtal da clara fonte.
Outra cor, outra graça, outra alegria
Moſtraua reueſtido o orizonte,
E agora tudo he treua eſcura, & fea:
Vem pois ô Sol dar luz a noſſa Aldea.

Salicio

Como ſe eſpantarão Paſtor famoſo
Os Zagais de Madrid quando te virem!
E muito mais ſe como a grandiozo

Mais què o Paſtor de Grecia té pedirem!
Que ſerá neſſe pouo glorioſo?
Quando as eſtrellas para ti ſe rirem!
Vendo os que de Xarama ſe abalârão,
Que ſe trazem Paſtor, Paſtor achârão.

Frondozo

Que ſerâ quando neſſe campo ſayas?
Que comtigo ſe alegra, & ſe recrea?
As folhas decerão das altas fayas,
Por tocarem teus pês na loura area.
Ay temo que te queira em ſuas praias
Por ſegundo Paſtor à grande Aldea;
Mas inda que o deſeje tu não queiras:
Vemte vemte Paſtor a eſtas ribeiras.

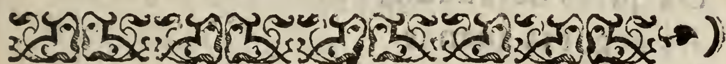
Salicio.

Se ciſnes te offerecẽ a relua fria
Por onde o claro Tejo vai correndo,
Que tenhão entre ſi doce porfia
Cadaqual o teu nome engrandecendo;
Melhor te cânta a ruſtica armonia
Com que ca teus Serranos vão tangendo
As frautas paſtorîs de mil maneiras:
Vemte vemte paſtor a eſtas ribeiras.

Aſſi vinhão chorando os meus Paſtores
Oh Duque ſoberano voſſa auzencia
Arrebentando em pranto à puras dores.

Eis

Eis que vẽncidos ja da violencia,
Que aos brandos corações a dor cauſaua,
Puſerão termo â triſte competencia.
Todo o boſque em gêral que os eſcutaua
o ruido das aruores enfrea:
Porque o canto a ſilencio as obrigâua.
Se Parnaſo obedece â voz Phebea
E Rodope ſenhor a Orfêo reſpondé:
Tambẽ ja quẽ vos canta, o boſque enlea.
E chegando os Paſtores perto donde
Eu atento eſcutâua o triſte pranto:
Pouco a pouco de nôs o Sol ſe eſconde,
E foi o fim do dia o fim do canto.



ECLOGA III.

SOBRE A ENTRADA DO Duque em Lisboâ leuando com ſigo o Duque de Barcellos.

Niſardo Peſcador. *Lico Paſtor.*

NVma noite fermoſa
Mais clara que o dia
Em que o Sol nace mais reſplan-
decente,

A Deoſá

A Deosa luminosa
No Ceo aparecia
Apacentando o gado reluzente;
E a dourada corrente
Do Tejo cristallino
Em suas agoas bellas
Debuxaua as estrellas,
Seruindolhe o christal de espelho fino:
Que sò no Tejo brando
Se estauão as estrellas enfeitando.
Os Delfins namorados
Iunto âs prayas amenas
Andauão por ouuir os Pescadores:
Os quaes desafiados
As argutas auenas
Tocauão â competencia cos Pastores,
Os Rusticos caltores,
Que em fim tão mal sofrião
Dos outros ser vencidos
Sobre os montes erguidos
Com as sonoras frautas respondião;
E neste doce emprego
Estes o campo louuão, estes o pego.

Soaõ tão brandamente
Per todo o orizonte
As doces vozes do suaue canto:

Que

Quẽ perde facilmente
O ſeu preço no monte
A frauta paſtoril do antigo Manto.
Mouenſe à puro eſpanto
As rochas para a praya;
E deixa o fundo aquoſo
O rebanho eſcamozo:
Que não ha nenhum peixe quẽ não ſayá
La do vitreo argento,
Sô por ouuir em terra o doce acento.
Mas deſpois que tocàrão
As frautas ſonoroſas:
Inda em maõs de juis fica á contenda.
As Aues que eſcutaraõ
Ficaraõ duuidoſas
De quem fique rendido,ou de quem renda.
E para que ſe entenda
Que o preço da vitoria
Da doce competencia
Eſta na excellencia
Do verſo que contem ſublimẽ hiſtoria:
Aquelle he vencedor
Que Duque excelſo diz, voſſo louuor.

Ia de todo vencidos
De hũa & outra parte
Quantos na alta contendaſſe eſmerarão:

Os

Os dous màis conhecidos
Na Apollinea arte
De nouo a nouo canto ſe incitârão.
As cytarás tocârão
Hum da agoa outro da terra;
Hum retrata Ariôn:
Outro imita Anfiôn.
Lesbos parece o már; Rodope a ſerrá;
E neſta grão porfia,
Hum acabaua, & outro reſpondia.

Niſardo.

Era num dia cláro
Quando o ſol criſtallinõ
Pello mundo ſeus raios eſtendia:
O Tejo nunca auaro
De areas de ouro fino
Cos remos compaſſados ſe feria.
Neſte dourado dia
Paſſaua o grande Atlante
Leuando o filho Alcides.
Ai para que vos ides!
Momentos de prazer, glorias de inſtantẽ
Que ſe o Tejo he ſagrado:
Ficâra então mais bemauenturado:

As Nereidas bellas
De ſeu verde teſouro

Perolas

Pérolas, & corais lhe offerecérão.
E em conformes capellas
Tocando as lyras de ouro
Mil louuores em verſo lhe renderão:
E comſigo trouxerão
O diuino Protèo
Pera que diſcantaſſe;
E o Ceſar ſublimaſſe;
Aleuantando a voz ao quinto Ceo,
Ia na harpa que feria,
Entoa eſta profunda profecia:

Oh râmo venturoſo
Daquella Regia plantá,
Que tantos ramos de ouro tem gêrado!
THEODOSIO famoſo!
Que os Ceos, & o mundo eſpanta,
Co immenſo poder do grande eſtado!
Quam bemauenturado!
E quaõ digno de hiſtoria!
Sois ó DVQVE ſereno!
Ah crie o Tejo ameno
Ciſnes para cantarem voſſa gloria;
Cuja voz ſoberana
Ponha em ſilencio a Grega, & a Romana.

Oh ditoſas Camenas!

Do

Do vâte laureado,
Que em branda lira voſſas glorias cante!
Pois acharão Mecenas,
Que com tanto cuidado
Os ſeus humildes verſos aleuante.
E com ledo ſembrante
Eſcute o nouo Orfêo,
Abrindo a maõ diuina;
Que a fama Alexãdrina
Com dadiuas ſepulta em mar Lethêo
Que a liberalidade
Pos ſeu trono neſſa aurea Mageſtade.

La na eterna morada
No Olympo rutilante
Voſſas grãdeſas DVQVE haõ de parar.
Ficara acrecentada
A machina ſtellante
Cos Planetas que vôs lhe aueis de dar.
Oh diuido lugar!
A tal merecimento
Bem he que eſſa excellencia
Tenha ſua aſſiſtencia
Sobre os puros criſtais do firmamento:
Que voſſas prendas bellas
Sô ſe ſabem ſentar ſobre as eſtrellas.

Ia agora estâ tremendo
Atlante, sô cuidando
No grão pezo que entaõ sustentarâ.
E os olhos reuoluendo
Suspiros estâ dando
Preguntando por quem o ajudarâ.
Que então naõ auerá
Alcides taõ forçoso,
Que descançando Atlánte,
Com alegre sembrante
Sustentar possa o peso luminoso;
Que hum Ceo de peso tanto,
A mil Alcides juntos dera espanto;

E esta prenda tão dina,
Que com vosco trazeis
Nosso bem, nosso amor, nossa esperança;
A quem o Ceo ensina
Que dos fados crueis
Naõ tem que temer golpes de mudança:
Viua em larga bonança
Nesta idade dourada;
Pois por elle ja vejo
Sobre as agoas do Tejo
Thetis, de puro amor, quẽ afeiçoadã
Ao gesto bello & tenro,
Deseja de comprallo pera genro;

Assi

Aſſi Proteo cãtaua
Taõ doce & brandamente:
Que era Echines dos ares o inſtrumento,
O Tejo que eſcutaua
Do liquor tranſparente
Fez muros criſtallinos num momento.
Ià tornaõ ao mouimento
Marès, que quando ouuião
Eſtiueraõ ſuſpenſas,
E eſtas agoas immenſas
De nouo para o mar tambem corrião,
As quaes eu vi detidas,
Com ſonora liſonja adormecidas.

Ah quãtas vezes foraõ
As Ninfas amoroſas
Detendo o lenho curuo na agoa clara!
Mas ay que agora choraõ
Lagrimas ſaudoſas!
Voſſa auzencia ſenhor lhes cuſta cara!
E ſe as naõ ſuſtentara
A eſperança pequena
De vos ver muito cedo:
Principe excelſo hei medo,
Que feneſſam âs maõs de ſua pena;
Ah vinde a noſſas agoas,
Ponde termo ſenhor a tantas magoas,

Estés doces acentos
De meu humilde canto
Vos offereço Duque soberano.
E se estes pensamentos
Que na lira aleuanto
Sô para dar a Lico hum desengano;
Forem para seu danno;
Prometo outros melhores,
Que o abrasem de inueja:
Sò para que então veja,
Que cantão como Orfeos os Pescadores;
E se eu não venço a Lico,
A lyra ao desengano sacrifico.

Lico.

Oh campos de esperança.
Que a gloria merecestes;
De ver ao Duque excelso ẽ vossos mõtes:
Se esta doce lembrança
Ainda não perdestes,
Pois a estão reperindo as claras fontes:
Por estes orizontes,
Por esta alta campina,
(Dando a Febo historia)
Os pês moueo com gloria,
O filho da sublime Catherina,
Aquella de alto peito,
A quem o mesmo cetro forâ estreito.

As alègres Napêas
Pellos altos outeiros
A vos ver não corrião, mas voauão:
Ordenadas chorêas
Ao ſom de ſeus ſalteiros
Sobre o florido valle exercitauão.
Todas acompanhauão
Ao intenſo Apollo,
Que em citara de prata
A doce voz deſata,
O Duque leuantando ao etèreo Polo;
Fala aquella excellencia
Com grão comedimento, & reuerencia;

Por vēr voſſa grandeza
Deixei Duque ſereno
Os empinados montes de Teſſalia
Das flores a riqueſa
Que no teſouro ameno
Os criſtais fertelizão de Caſtalia.
Deixo Smirna, & Italia;
E venho a voſſas terras
Abrandar os penedos,
E mouer os rochedos:
Que hão de cãtar em fim nas altas ſerras
As aruores ſagradas,
Com meus doces acentos animadas.

Se o Teſſalico Anfriſo.
Ouuio a lira de ouro,
E ſuas agoas de prata me eſcutàuão;
Quando com doce riſo
Das telas o téſouro
As nimfas por me ouuir tãobẽ deixauão;
As que me ſuſtentauão
Erão voſſas lèmbranças,
Que me eſtauão dizendo,
Que como reuoluendo
O Ceo foſſe ſeus curſos & mudanças
Então veria o tempo
De meu tão deſejado paſſatempo;

Veo o tẽmpo ditoſo;
Apareceo no mundo
O dia que afagaua eſtàs mẽmorias.
Oh dia venturoſo!
Dia alegre,& jucundo!
Que cifra aueis de ſer dẽ minhas glorias.
Ia não quero vitorias
De Fiton arrogante;
Ia não quero trofèos,
Colunas,Mauſolèos,
Nem templos fabricados de diàmánte;
Morram Cinthos,& Delos:
Que eſtes bẽs de ſeruiruos ſaõ mais bellos

Por hũa breue taſſa
Dei agoa de Aganippe
A hum q̃ trombeta foi de grãde Auſonia:
Tãobem a teue eſcaſſa
Quem a luz de Felippe,
Enuejou por cantor de Macedonia:
Mas oje toda aſſonia
Offereço contente
A Celio alma de Anfriſo
Mas ay que a tem por rizo!
E ſô o obriga voſſo nome ingente:
Que a minha doce rima
A viſta do alto Schoto não na eſtima.

E vôs perfeita imãgem,
Penhor claro, & jucundo,
Do pay q̃ retratais ao natural
Vôs que fazeis ventagem
Aos Principes do mundo
Alto ramo do tronco Imperial;
Todo o Ceo em gèral
Por ſigno vos deſeja;
E com temor vrgente
O eſcorpião ardente
Encolhe os braços ſeus, para que ſeja
Voſſo lugar ditoſo
Maior que qualquer ſigno luminoſo.

Virg. Georg. 1. *Ipſe tibi iam bra chia contrahit ardens ſcorpius &c.*

Aſsi

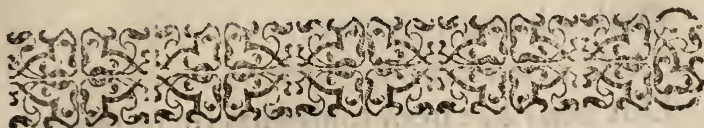
Assi cantaua Apollo
Tão brando, que enfréauá
O confuso rumor dos aruorèdos.
O ádormecido Eôlo,
Que os eccos escutauá,
Vio que soauaõ versos os rochedos.
Os orizontes ledos,
Com as montanhas bellas,
As flores, as boninas,
Os valles, as campinas;
Parèce que se riaõ das estrellás;
Dizendo com bonança:
Viua o graõ THEODOSIO de Bragãça

Virg. ecloga 5. Ipsæ iam carmina rupes. &c.

Quantas vezes com gloria
As Musas soberanas
Chuueiros de açucenas derramâraõ!
E por honra notoria
As frautas Mantuanas
Señor à vossa vista ja deixaraõ
Outras liras tomâraõ;
Outros plectros disseraõ;
E com ambiçaõ nobre
Porque a gloria se dobre,
Todas à competencia contenderãõ:
Tendose por ditosa,
Quem melhor canta a estirpe generosa:

Estes humildes versos
Vos dou Duque sublime,
Duque merecedor de largo Imperio.
E se forem mal versos
Essa Alteza os anime
Pera dàr à Nisardo hum vituperio.
Que se neste hemisferio
Se disser que Nisardo
Venceo cantando a Lico:
Se eu tão humilde fico:
Que tenho q̃ esperar? que mais aguardo
Senão que este instrumento
Fique sacrificado a meu tormento.

Nesta alta competencia
Estauão os dous cantores
Quãdo o carro do sol aparecia
Oh musica eloquencia!
Dos humildes cultores,
Que sustentar puderão tal porfia!
Cada qual recebia
Da mão do companheiro
Capellas curiosas;
Hum de conchas lustrosas:
Outro de verdes folhas de loureiro
E o canto ja acabado:
Estes os peixes seguem estes o gado.



ECLOGA IV.

AO SENHOR DOM DVARTE Marquez de Frechilha.

Sileno.

OH Criſtais derretidos!
Que eſtas Veigas ditoſas,
Como cintas de prata ides cercando!
Oh campos reueſtidos
De açucenas, & roſas,
Que eſtais as almas liures catiuando!
Oh jardim freſco, & brando!
Que a rica Primauera
Fes junto deſtas agoas
Pera deſterrar magoas:
Aqui hum pouco deſcançar quiſera;
Aqui entre eſtas flores,
Doce campo, direi voſſos louuores.

Mil vezes he ditoſo:
Quem ſobre a relua verde
De voſſa margem de ouro ſe reclina.

Onde viuendo em goſo
Toda a lembrança perde
Dos bens que nem ſonhados imagina.
A prata bella & fina,
Os rubins eſtremados,
Topazios excellentes,
Tronos reſplandecentes
De fermoſos diamantes ſemeados,
Tudo vil lhe parece:
Que ſô do campo as glorias appetece.

Tullius pro Roſc. Amerin.

Gartilaſſus da Veiga.

Naõ no inflama a auareza;
Nem a inueja o perſegue
Nem eſpera dos Reys grandes fauores.
Foge toda a riqueza;
E ſô ao gado ſegue,
Ao gado doce aliuio dos paſtores:
Naõ buſca os reſplandores,
Que eſconde a mina ingrata;
E ſeus campos fieis
Antepoem aos doceis
Laurados de ouro fino,& rica prata;
E ſeu arado duro
A purpura real,ao cetro puro:

Seneca. *Haud illum niger edaxque liuor dente de generi petit.*

Boetius. *Contenta fidelibus aruis.* Sanazarus.

Oh bemauenturado!
E outra vez venturoſo

Quem

Quem fòra de negocios pisa os montes!
E arrimado a hum cajado
Com o verso numeroso
Faz retumbar de longe os orizontes!
Ao murmurar das fontes
Se fica adormecido;
Nem teme o ronco insano
Do feruente Oceano,
Nẽ das sonoras armas o ruido;
Que vai mouendo a guerra,
Por buscar outro mundo,& outrá terra.

Beatus ille qui procul negotiis. &c. Horat. ode.2. Epodon, Claudian. *Qui baculo nitetens.&c.* Seneca in Hipol.

Ve lutar os cabritos
Com os cornos virados:
Doce teatro aos olhos do Pastor.
Ouue os mudos gritos,
Que os touros estrellados
Vão dando, por fugir do laurador:
Oh cuidado sem dor!
Oh bemauenturança!
De quem nos campos mora,
Gozando os dões de Flora,
Liure de inueja,& cheo de sperànçá:
Ditoso se conhece
Os bens, que o bello càmpo lhé offerecè!

Gnorg .2.

Marc.Tul. act. 5. in Verrem.

Na dura sobràncelha

Do

Ecce supercilio cliuositramitis vndam elicit.

Do fragozo caminho
Ocõuida o cristal da clara fõte
Quando a pequena abelha
Mordendo o rosmaninho
O susurro leuãta pello monte
Pede â Aue que conte
O mal de sua áuzencia,
De seu consorte charo;
Ah duro amor auaro!
Que ás Aues tambem fazes violencia!
Ditoso quem teus lassos
Sabe fugir com agigantados passos.

Agorá ajoelhado
No arado, a terra âbrindo
Entrandolhe os grãos, & á esperança.
Agora no serrado
Co podaõ vai ferindo,
Enxertandö na braua, á verga mansa,
Naõ sofre a esquiuança,
Nem á reposta dura
Da dama vingatiua,
Que hé bella como esquiua:
Mas nos troncos mais altos da spessura
E escreue com verdade
Doces tenções de sua liberdade;
Iá quando a noite fea

Os

Os Ceos fermosos cobre
Co manto que de treuas he tecido;
Se recolhe na Aldea
Onde acabaua pobre
He pára elle seu paço enriquicido;
Alli com o conhecido
Gasta as alegres horas;
Fala das sementeiras,
Dos nouilhos, das eiras,
Sem palauras sutîs & enganadoras
Gozando junto ao fogo
Conuersação sincera honesto jogo.

Me focus, & nigros non indignantia fumos Tecta iuuant, &c. Marr. l. 2, epig. ad Quintil.

Assi cantaua o desterrado Anfriso
Excellente senhor, tocando a lira,
Recostado entre as florès de hum Narciso
Ouuio de longe a voz, & inda sospira,
Sentindo o claro Tejo a eterna auzencia,
De quem mil vezes tão de perto ouuira:
Anfriso dos Pastores excellencia,
Que nas praias do Tejo ja cantara,
Fazendo a Orfèo no Hebro competencia.
Alli jà doce gado apacentâra;
Alli gostosas horas de alegria
Com seu amigo Syluio ja passâra.
Ambos andauão sempre em companhia;
Ambos em verde idáde florecentes;
Ambos destros na musica armonia.

Teocritus idillion. 8.
Virg. Eclog. 7.

Mas

Mas ay q̃ quando andauão mais contentes
A Fortuna inimiga os apartaua;
Ia deixa Anfriſo os valles deſcontentes:
Ia deixa os areaes que o Tejo laua:
Iâ deixa os montes, deixa a eſpeſſura:
Ia para Guadiana caminhaua.
Eis o nouo ſoldado da ventura
De Paſtor peregrino ſe fizera,
Trocando da montanha a veſtidura.
A que trazia de romeiros era,
Serguilha humilde; nella disfarçado
Dar volta ao mundo todo Anfriſo eſpera
Bordaõ de Zimbro, liſo, & torneado;
Contas de tiracollo penduradas,
Chapeo branco de conchas ſemeado:
Nas terras Tranſtaganas afamadas
Cos dões da loura Ceres, caminhando
As mais dellas ja tinha atrâs deixadas.
Chegando a hũ verde prado, freſco, & brãdo
Por onde hum ribeirinho vai correndo
Se aſſentou doce canto aos ares dando,
Eſtaua pois Anfriſo engrandecendo
Georg. 2. Os lauradores bemauenturados
Se foſſem ſuas glorias conhecendo:
Eis que ouuio da quebrada de hũs ſerrados,
Onde hũa fonte pura murmuraua,
Chamar, Anfriſo, Anfriſo, a grãdes brados

Era

Era o bello Ricardo o que bradaua,
Ricardo que o zagal da praia Auſonia,
Tocando a doce lira, atraz deixaua.
Ricardo a quem Teſſalia, & Macedonia
Ouuir deſejaõ, porque lhe contârão?
Que vencia o Paſtor de Colofonia,
Ricardo em quem os bens todos juntârão
Como em teſouro as prodigas eſtrellas;
E para honra dos prados o criârão.
Na mão tinha Ricardo tres capellas
Com que prendẽdo eſtaua ao grão Sileno
Seruindolhe de corda as flores bellas.
Chegou Anfriſo então, ledo, & ſereno;
E ambos atão ao velho que ſe eſcuſa,
Por não querer cantar no prado ameno.
Era Sileno neto de Aretuſa;
Sabia as gérações do mundo todo;
Porque lhas enſinâra hũa alta Muſa.
Eſte he alto: eſte he baxo. aquelle he godo:
Eſte he ſangue tãobẽ dos Reys primeiros:
Aſsi cantaua por eſtranho modo.
Os altos acipreſtes, & os pinheiros
As cabeças mouião quando canta;
Moueſe o monte, abalãoſe os outeiros.
Eis que agora de nouo a voz leuanta:
Moſtra o verde orizonte alegre rizo,
A terra, o mar, o vẽto, & o ſol ſe eſpantá.

Entaõ

Então cantaua aquelle Paraiso,
  Que Portugal gozou tão breues annos;
  Mui atentos estaõ Ricardo & Anfriso.
Então cantaua os peitos mais q̃ humanos;
  Affonsos,& Ioannes valerosos,
  Os Pedros,os Duartes soberanos.
Então cantaua como bellicosos
  Libertárão do jugo o seu terreno
  Com feitos memoraueis & famosos.
Digãono os Atoleiros,campo ameno,
  Que virão pello vão dos altos montes
  Rios de sangue Ibéro,& Sarraceno.
Então cantaua que pedião pontes,
  Pera passar o sangue & em vozes tristes
  Maldizem de Alentejo os orizontes.
Vòs meus berços amados que isto vistes
  Pellas concauidades muitas vezes,
  NVNO,NVNO,chorando repetistes.
Então cantaua os golpes;& reueses,
  Que em fortes Espanhois descarregaua
  Nuno coroa de altos Portuguéses.
Canta,que qual leão bramando andaua,
  E que pernas & braços decapando,
  De corpos mortos o esquadrão junçaua.
Æneid.10. Proximaq; æque metit gladio. Estradas pello meo vai formando,
  Ninguem ousa chegarse â dura espada,
  Que quanto encontra tanto vai cegando.

O Pa-

Oh patria minha bemauenturada!
Que então mandaste ja filhos valentos,
Fera aquella vitoria assinallada.
Debaxo das bandeiras excellentes
Do grande Condestable o vão seguindo;
Como touros briosos,& rompentes.
Eis as lanças,& espadas retenindo,
Fazem nos Espanhois estrago fero
Os escudos de proua diuidindo:
Alli porque laurâra o moço austero,
E trocara em espada o arado duro;
Inda laurando vai no corpo Ibero,
Que quando descarrega o aço puro,
Regos fazia como quem laurava;
Nem o corpo entre bronzes vai seguro,
Aqui feria: alli descabeçaua:
Alli tê as cruzes mete à espada toda:
Alli ja de matanças a fartaua.
Ia vai tingindo o arnes do sangue a noda;
Que em rios lança o dono amortecido;
Quando o Luso a fulminea espada roda. Aeneid. 9. *Ac rotat ensem fulmineum &c.*
O grande Scipião Nuno atreuido
Nos olhos tras a Patria,& o Rey famoso
E ja o trofeo leua esclarecido.
Não matou a quarta parte o venturoso
Que duro açoute foi da illustre Roma
Quando os aneis contaua vitorioso:

Porque

Porque ſe alqueires tres aos mortos toma,
  E por hi vai medindo os que matàra:
  O numero deſtoutros não ſe aſſoma.
Então cantaua a preza que ficàra
  Por aquelles outeiros & campinas,
  Que a forte mão de corpos ſemeara.
Deſpreza o animo excelſo as martas finas;
  Os fermoſos capuzes variados
  Purpuras & marlotas peregrinas.
Pello campo ſem dono eſtaõ lançados
  Os braços, inda em ferro reueſtidos;
  Alli corpos taõbem deſcabeçados.
Qual lutando co a morte entre gemidos
  Tem hũa nobre inueja aos que morreraõ
  Entre os golpes de Nuno eſclarecidos.
Oh ditoſos aquelles que puderaõ!
  Morrer às maõs do inuicto caualleiro.
  Que a morte com o Autor, doce fizeraõ.
Alli ficão, eſcudos no terreiro,
  Piques, & capacetes curioſos,
  Onde ficaua morto o ſeu guerreiro.
Oh lauradores, diſſe, venturoſos!
  Que vos ajoelhais no curuo arado,
  Cortando aquelles campos glorioſos;
Quantas vezes, dizei, tendes achado
  Alabardas & piques ja comidos?
  E o capacete podre ja gaſtado?

Claud. *Dicite Biſaltæ vel qui Pangæa iuuencis ſcinditis offenſo quoties ſub vomere putres diſsiliũt glebis galeæ &c.*

Quan-

Quantas vezes os ossos taõ compridos!
Debaixo dos enxinhos iá soaraõ!
E os peitos de aço em terra conuertidos!
Tudo isso saõ despojos que ficaraõ
Daquella grande, & prospera vitoria,
Onde em sangue os imigos atolaraõ.
Tempo virá, disia, que a memoria
Deste triunfo excelso, & soberano
Escreua a pena de ouro em larga historia
O grande engenho, Homero Lusitano,
Que a Cidade de Alcides taõ famosa,
Suspensa ouuio falar sobre Trajano.
Aquelle que na stirpe generosa,
Pos esmaltes taõ ricos, & perfeitos,
Com partes de sciencia gloriosa.
Aquelle a quem seriaõ muito estreitos
Os cargos, & excellencias, que a Cadeira
Vai dádo em Lucitania aos sabios peitos.
Entaõ cantaua a frota auentureira,
Quando o graõ Manoel Rey soberano
Pos sobre o mar castellos de madeira.
Canta como gemera o Oceano,
E encolhera seus ombros cristalinos,
Sentindo o graue peso Lusitano.
Entaõ canta os penhores peregrinos
Que deu o grande Rey á nossa idade,
Do alto sangue resplandores finos:

Agricola incur uo terram molitus aratro exesa inueniet scabra rubigine pila aut granibus rastris galeas pulsabit inanes, &c.

E Deu

Deu hum Ioaõ de Regia Mageſtade,
Deu hũa Iſabel fermoſa,& bella,
De Carlos quinto graõ felicidade:
Deu hum Duarte de benigna eſtrella,
Deu hum Henrique Melchiſedhec ſanto,
Ambos tios da gloria de Caſtella.
Entaõ cantou aquelle grande eſpanto
Do mundo, Caterina taõ famoſa,
Neta de Manoel, ſubindo o canto.
Reconhecei na Lyra ſonoroſa
Do meu Sileno, ô Principe ſubido!
Voſſa Mãy ſoberana,& glorioſa.
Alli cantaua o ſangue eſclarecido,
Mageſtade real,ſincero peito,
Aos paſſados Auôs taõ parecido:
O animo cantaua aos Ceos aceito,
O roſto Imperial,ſereno,& brando,
Pera quem era o mundo reino eſtreito.
Canta que eſtaõ os olhos ſpirando
Diademas reais,ceptros a pares;
Em tudo Emperatriz repreſentando.
Entaõ ſolta a garganta aos altos ares,
Diſendo do graõ Duque em vox ſonora
Louuores,& excellencias ſingulares.
Ioaõ Ioaõ em quanto a roxa aurora
Bordar de tellas de ouro os orizontes
E aljofar derramar nos doens de Flora:

Em quanto o ſol ferir os altos montes,
Vibrando reſplandor do eterco Polo:
Em quanto pera o mâr correrem fontes:
Em quanto reſpirâr o freſco Eôlo;
Em quanto em fim colares de ouro fino
O Tejo pendurar ao vitreo collo:
Viuirá pello mundo de contino
Voſſo nome real, Duque famoſo,
Ornamento do eſtado Brigantino.
Entaõ cantaua com eſtranho goſo
O ſagrado hemineu de Caterina
Co eſte Principe excelſo, & glorioſo;
Alli alli denouo a vox affina:
Alli forma mil paſſos de garganta:
Angelica toada, & peregrina.
A liberalidade agora canta,
Do Ceo ſereno que tais doens reparte;
Dandolhe filhos para gloria tanta.
Lâ canta hum Theodoſio, & hum Duarte,
De tantos Reys gêrados, & nacidos;
E alli ſumio a vox com graça, & arte.
E diſſe: ô Sôes do mundo eſclarecidos!
Que no luſente Polo de Bragança
Vibrais da ſanta fê rayos ſubidos!
A THEODOSIO cantou brâdindo a lança
Na ſuprema tragedia inda minino
Com real, & brioſa ſegurança:

Nihil ſplendidius irradiat in Principe quã recta fides.
L. inter claras. C. de ſum. Trin.

Oh

Oh valor claro, ô peito peregrino?
  Pois pello vosso Rey, minino amado
  Naõ temeis os alfanges de aço fino.
Pello seu trocarieis vosso fado;
  Oppoemse ao golpe barbaro, & cruel
  Por liurâr a cabeça o membro armado.
Bem faseis THEODOSIO em ser fiel,
  Que acudis por hũ Rey q̃ he primo vosso;
  Que ambos bisnetos sois de MANOEL.
Entaõ cantou senhor o nome vosso.
  Dizendo glorias tais, tantos louuores,
  Que apenas com chorar contallos posso.
DVARTE, disse, gloria dos senhores,
  Que jâ corte fizestes minha Aldea,
  Quando de vòs gosauaõ meus Pastores.
Alli Euora clara se recrea
  Porque da vista vossa estâ gosando;
  Mas ay que lhe ameaça a noite fea!
Ay que està Mançanaires enuejando,
  Ditosos campos meus, vossa ventura!
  Ay que ja tanto bem nos vay roubando!
Ficou a triste Aldea em treua escura
  Quando vos ausentais Principe raro;
  Gemem os Rios, geme a espessura.
Mas em quanto de lus naõ for auaro
  O sol, & em quanto com perpetuà roda
  Seguir a noite negra o dia claro.

Em

Em tanto chorarà a Aldea toda,
  Trazendo os meus Paſtores ſaudoſos
  Dentro no coraçaõ a eſcura noda.
Alli Ricardo, & Anfriſo de choroſos
  Pondo os olhos no monte ſuſpiraraõ
  Lembranças dando aos ares venturoſos!
Alli de Mançanaires murmuraraõ,
  E dizendo entre lagrimas, DVARTE,
  Os outeiros, DVARTE, retumbaraõ.
Principe, em quem o Ceo tanto reparte,
  O grande Rey Felippe vos deſeja,
  Pera de ſeus negocios vos dár parte.
Mas atê que outra ves eu vos naõ veja
  Neſtas verdes campinas, neſtes prados;
  Padecerá Madrid a minha inueja.
Eboreos campos bemauenturados,
  Nunca deſeſpereis deſta bonança,
  Que eis de ſer de DVARTE inda piſados
Em tanto porque viua eſta lembrâça
  Os Paſtores entalhém pellas faias:
  DVARTE noſſo amor, noſſa eſperança:
DVARDE eſcreuaõ nas amenas praias.
  Com ſeu dedo na area os Peſcadores;
  Nunca ſobre elle ô mâr com furia ſaias.
Daqui tê os longinquos moradores
  Que bebem do Eufrates a agoa fria:
  Toda a gente dirà voſſos louuores.

Entaõ cantàua as perolas que criâ
O graõ THEODOSIO ſol de Luſitânia,
Que enchem o mundo todo de alegria:
Atras ficaõ as glorias de Dardania;
Atras ficaõ Alexandres, & Darios,
E os Ceſares tambem da gente Aſcania.
Entaõ de Ioaõ canta excelſos brios,
A quem vê eſcrito o nome de Barcellos;
Ioaõ digno de regios ſenhorios.
Entaõ canta que os mares amarellos
Se faſem; vendo o principe excellente,
As quinas aruorando, & os caſtellos:
Là canta de DVARTE o peito ingente
Que eſtâ grandes venturas eſperando
Com animo Real, forte, & valente.
DVARTE que os Auòs repreſentando
Tambem quer imitallos nas vitorias;
Nuno lhe eſtâ nos olhos eſpirando.
Principe, diſſe, excelſo, voſſas glorias
Hade cantàr hum ciſne em noſſos dias,
Que eclipſe dos Virgilios as memorias.
Mas delle alcançaõ minhas profecias
Que tem por partezinha a graõ ſciencia,
Que illuſtrou noutro tempo Monarchias.
Outro maior ſaber, outra eminencia
A Alma lhe arrebata, & os ſentidos,
Trabalho eſclarecido, alta excellencia.

In Dominum meũ Eduardũ quadrant illa verba Nazian. de Iou. electo: *Vir vt aliis rebus ita pietate clarus, & inſignis, atque oris mageſtate regio Imperio dignus*; & illud quod ait, Æmilius de Iphicrate.

Ay que

Ay que cõs reſplandores opprimidos!
A quem elle mal deu licença eſcaſſa,
Mil morcegos ſe daõ por offendidos.
Suſpende o Paſtorzinho os doens de graça;
Por euitar as ſetas venenoſas,
Com que o reino da inueja o ameaça.
Se em idade de flor, tempo de roſas,
Tiueſte taõ cançada Primauera:
Que fora nas idades venturoſas?
Mas aquellas Alma grande naõ ſe altera,
Antes ſofre com ledo, & brando roſto
Ser manjar de furor, & inueja fera.
Oh campo onde rigor, pena, & deſgoſto
A eſtrella dos mais altos ſemeou,
Pera magoas colher em duro Agoſto!
Em ti outra hora Celio apacentou,
Oh campo indino; & agora com vertade
Sua ditoſa auſencia aos Ceos cantou.
Agora em montes de outra ſaudade,
Paſtores de outra fê ſincero trato,
Quer gaſtar o que reſta â curta idade,
De ti de ti fugindo ò campo ingrato,
Pera liure ſe ver de tantos danos,
Naõ por buſcar riquezas nem contrato.
Altos entendimentos ſoberanos
Naõ eſtimaõ as pedras de ouro fino,
Nẽm os ricos colares Indianos.

Felicitas, & excelencia inuidorum acuit carnificinã. Pulchrè D. Chry. de Iobo notat. Et ſimile quid ad Pſ. 9. Orig. in illud Ioannis. *Et poſt buccellã introiuit in eũ Satanas.*

Zelo multoties iniuſtitia ſimulatur. D. Ioan. Dam. D. Cyrill. Hyeroſolim. D. Amb. præclare. Lyra. ad illud: *Sedere facite Nabot inter primos populi, & producite illum, & lapidate.*

3. Reg. 21. D. Hyeron. in c. 7. Amos. Euſeb. & Abulen. loquuti de Balam. Orig. in c. 12. Ad Rom.

Bona mundi pro nihilo iudicanda à ſapiẽte. Sic docuit Chriſtus qui Petro dicenti: *Ecce nos reliquimus omnia,*

& secuti sumus temô respôdit. *Vos qui reliquistis omnia*, sed tantum: *Vos qui secuti estis me*. Notat argute satis Orig. quã etiã veritatẽ Etnici attigere, Tul 5. Tusc. idem 3. De officijs, & Alij.

*Præclare Beda ad illud Euang. hoc vobis signũ; inuenietis infantem panis inuolutum Beda. *Hoc nobis signũ nati in carne saluatoris, semper animo retinere condecet, vt semper eius beneficijs gratias repẽdere bene viuẽdo discamus, &c*

*Nibidio nihil nocuit balteus, nec apparitorũ caterua quia sub habitu alterius alteri militabat. Hieron. Epist. 9.

Quem serrano se fes sendo minino,
E os bens pisou que o Ceo lhe prometia
Por partes naturais, & engenho dino:
Porse em esperancinhas mal podia
Depois de longa idade; & mais sabendo
*Ao Pastor de Belem quanto deuia.
Oh Milagre de graças estupendo
Sigue o eterno bem, que sô IESVS
Estâ teu alto emprego merecendo.
Se te rouba á bellesa dessa Crus,
*Naõ impedem Nibidio os resplandores;
Darâs treua a Beemoth, aos Anjos lus.
Entaõ foy discantando honras maiores,
Do transformado Celio altas vitorias,
De quem presaõ vencerse os vencedores:
Entaõ vai entoando aquellas glorias,
Que ao fermoso Alexandre adiuinhaua
O que doce esperança, ô que memorias.
Principe soberano, discantaua,
Pera se honrar cõ vosco em firme idade!
Purpura para vòs o Tybre laua.
Os bagos de Toledo, graõ cidade
Per vôs vaõ suspirando de contino:
Nem há quem lhe acalante a saudade.
Entaõ canta do estado Brigantino
Outras nouas venturas de excellencia;
Pera quem o meu verso he campo indino.

Entaõ

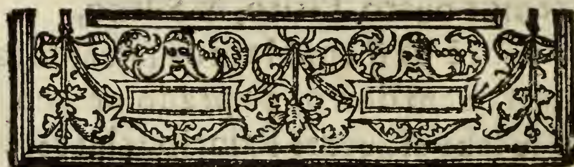
Entaõ foraõ saltando â competencia
  Os faunos, & as feras da spessura,
  Obrigadas da doce violencia.
Tudo o que Febo disse na verdura
  E ouuio Eurôtas bemauenturado:
  Isso canta Sileno com vox pura.
Até que deu licença ao sol dourado
  Pera que se mouese em sua esfèra,
  Que de o ouuir cantar ficou pasmado.
Reconhecei Senhor a primauera
  Onde estes doces cantos já soâraõ;
  Que tambem Portugal seus cisnes gerá:
Nem sô junto ao Menandro se criaraõ
  Câ temos outro Titiro, & Sileno,
  Que vencẽ os q̃ em Mantua ja cantaraõ.
Câ temos quem de vos no prado ameno
  Naõ se sabe esquecer Principe claro;
  Tudo algum dia repetir ordeno.
Quando em subido estillo grande, & raro,
  Dizer que o que Calliope excellente
  Sobre o seu Brigantino amado, & charo:
Recebei entre tanto brandamente
  Com animo Real, egregio peito
  A humildade Senhor do meu presente.
Tambem o pouco he â Principes aceito;
  Mas vede neste pouco retratado
  De hũa larga vontade hum grãde effeito.

Omnia quæ quõdam Phæbo meditante beatus Audijt Eurotas iussitq; edicere lauros ille canit. *Virg. Eglog. 6.*

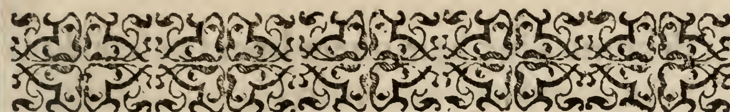
Hoc dicendi colore vocat Pindarum Horatius. *Multa Dircæum leuat aura cygnum, &c.*

Agora

Agorá jà dos baxos eſcapado
  Penduro a taboa, em voſſo templo ſanto,
  E o veſtido nadante inda molhado.
Vede Senhor que eſte ditoſo canto
  Apenas ſe ſaluou de hũa tormenta,
  Que por ondas no Ceo compuro eſpãto.
Ao humido papel que ſe apreſenta
  Dai voſſa maõ real, porto ſeguro.
  E ſe eſte nada naõ vos deſcontenta:
  Outras couſas prometo ao futuro.



LAVRA



LAVRA DE ANFRISO

Pello Lecenceado Manoel da Veiga.

Liuro primeiro das Odes.

ODE PRIMEIRA.

VINDE cà pensamẽtos atreuidos,
Que por meu mal voastes,
E agorá jà do vôo arrepẽdidos,
Em fado miserando,
vossa infelicidade ides chorãdo.

Quem vos deu tanto brio ô pensamentos!
Se ereis de hum Infelice,
Porque fostes voando sobre os ventos!
Oh Se nunca voasseis!
Pera que tantos golpes não prouasseis!

Oh

Ouuidius.
Crede mihi bene qui latuit bene vixit, &c.

Oh como viue bem quem bem se esconde!
Oh como he venturoso!
Se à fama aduladora naõ responde,
Que falsa, & importuna
Vai irritando os golpes da fortuna

Ay que apenas do chaõ vos leuantastes,
Batendo as azas de ouro:
Quando Amor, & fortuna exprimetastes:
Ambos se conjurâraõ,
E hum diluuio de males derramaraõ.

Mette o Amor na aljaua a maõ guerreira,
E hũa Seta tirando,
A estendeo no arco; & fez barreira
Desta alma sem ventura,
Que asi ficou disendo em voz escura:

Naõ mais, naõ mais, minino endurecido,
Basta, basta hũa seta,
Ah naõ empregues mais no teu rendido.
Mas elle perfiaua,
E hum chuueiro de bronze aos ares daua.

Logo

Logo me vy perdido por aquella,
Que ſoy do mundo gloria;
Pouco digo em dizer que era hũa eſtrella;
Foy Ceo, foy Sol dourado:
Mas ay que dous eclipſes tem prouado!

Oh como triunfaſtes penſamentos!
Que cauſa taõ ſublime
Pode entaõ abrandar voſſos tormentos
Porèm fortuna ingrata
Todas as voſſas glorias desbarata.

Eiſme altiuo, eiſme alegre, & triunfante;
Mas eis a Deoſa fèra
Faſendo ſementeiras de diamante,
Com taõ dura eſquiuança,
Que me encrauou os bens, & a eſperança.

Naõ conſentio a Deoſa ſementida
Que vòs ô penſamentos
Tiueſſeis hũa gloria em toda a vida;
Sempre ſempre ſofrendo;
E atè no triunfâr vos vi morrendo.

Triunfastes em câmpo de èxcellencia
Vencendo todo o mundo:
Ninguem com voſco tinha competencia;
Em tudo aleuantados;
Grandes em tudo, em tudo ſublimados.

Eis que hum monſtro de formas mil deſeja
Tragaruos; eilo abrindo
Sulfureas bocas de danada inueja,
Monſtro, a quem a fortuna
Deu, com nenhũ ſaber, lingoa importuna.

Que males? Que deſgoſtos? Que âgonias?
Que tormentos que mortes?
Paſſei naquelles tão infauſtos dias?
Ay que erão noites triſtes!
Aſsi vôs ſorte minha o permitiſtes.

Pello que não trocàra aquelle eſtado?
Qualquer inda que humilde
Me parecia bemauenturado,
Eis aqui penſamentos
Voſſos triunfos, & contentamentos.

Hypocritæ mul, tiformes; & fucata virtute deaurati d. 2. de pænit Gloſ. ad c. citius & ad c. Si enim §. iuxta. Notat Imperfectus homil. 3. Math. 3. *Pena ſtrutionis ſimilis eſt penis herodij & accipitris:* Iob. 39. pulchre. D. Greg de Hipocratis interpretatur. Concinit Viegas in c. 9. Apoc. naturam ſtrutionis â Plinio eleganter expēdēs, &c. *Suſcitatur falſiloqus aduerſus faciem meam cō tradicens mihi. Collegit furorem ſuum in me & cominans mihi infremuit cōtra me dentibus ſuis: hoſtis meus terribilibus oculis me intuitus eſt,* Iob. 16.

Pois

Pois que direi nas glorias de amor leue?
Tudo foraõ pesares:
O praser falso, a esperança breue;
Foy de vidro a firmesa
Daquella que era exemplo de bellesa:

Terrena spes breuis, & fallax: *Ego dixi in excessu meo omnis homo mendax.* Ps. 115. D. Hier. *in festinat. mea:* Fugiens enim Dauid à facie Saul mendaces & fallaces homines iudicabat, in quibus spem posuerat.

Oh de fortuna, & Amor duros cutellos!
Vede bem Alma minha
Que saistes cõ as maõs sobre os cabellos;
Vede em magoas taõ certas
Que traseis as feridas inda abertas.

Fugi Alma fugi de tais tiranos;
Vede em campo estrellado
Aquelles bellos olhos soberanos;
Magesta Diuina
Que santos desẽganos vos ensina.

Amb. de fuga sæculi. cap. 4. *Non erubescamus fugere à peccato gloriosa enim est fuga, fugere à facie peccati.*

E vòs ó pensamentos desdagora
Vede vossas tragedias;
E vede quaõ coitado he o que chora
Apos falsos amores,
Bebendo penas, magoas, & rigores:

Esquiuança

Aduc ipsa aduersitate impellête citius ad Deum cõuolamus: Notat acutissè Rupertus cum de Iacob loquitur fugiête Labam. D Aug. attingês illud. Isai. c.26. *Anima mea desiderauitte innocte* Teof.in Marc.8. Nazianz. in Ps. 118. Greg.in Ps. 21. Chry.ho.10. Matth. D.Hier. in c.26. Prouerb. S. Idiota lib. 2. de amore Dei cap.5.

Esquiuança de alhea fermosura;
Gostos nunca alcançados,
Tristes carrancas de fortuna escura,
Escassa,& infanda sorte,
Me haõ de fazer achar da Cruz o norte.

Hora pois jà ganhados pensamenros
Ao som da triste Lyra
Soltai roucos,& funebres acentos,
Vosso mal repetindo:
Que entaõ mais vos ireis a Deos vnindo.

De amoris laqo Iob.18. Ezech.12 Ps. 140. Iob. 40. Ibidem D. Tho. D. Greg. D. Ambros. D. Hieron. Epist. ad Demetr. Prouerb. 7. Iosep. de antiq. lib.11.cap.3.

Vos cantos dedicados ficareis
Aos errados mortais:
Porque fujaõ de laços taõ crueis,
Vendo esta dura historia,
De hum santo desengano alta vitoria.

*Deo lachrimari; cantare est; *têpus putationis aduenit:* Heb. *tempus plorationis, seu cantationis. Vocem flentium ego audio:* Alij legunt, *vocem canentiũ.*

Nem vos culpe quem vir que roucamente
Publicais minhas dores:
Porque sois partos da alma descontente,
Que entaõ canta suaue,
*Quando sospira rouca,& chora graue.

Dizei

Dizey ô pensamentos magoados
No teatro do mundo
A violencia dura de meus fados;
Aprendam em meu dano
Os que seguem fortuna, & amor tirano.

Vos naõ cantais ao tom das claras agoas
Materias de cothurno,
Mas queixumes mortais, pesadas magoas
Acentos mal polidos,
Em liberdade naõ, mas dôr nacidos.

Por tanto vossa Lyra o pranto seja,
Ao som do qual dizendo
Insolencias de Amor, golpes de inueja:
Repeti vosso dano:
Porque mais vos ateis aõ desengano:

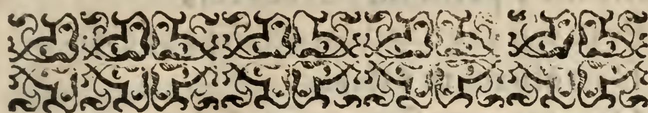
Ouui mortais o pranto enternecido
Em cythara de dores;
Onde as lettras saõ ais, solfa o gemido;
Nunca do Sorga ao Batro
Se vio mais triste, & funebre teatro.

Aſsi cantaua o peregrino Anfriſo,
Por ver ſe em tais memorias
Acha do deſengano o paraiſo,
Aſsi o vay buſcando,
Com a Lyra ſeus paſſos animando.

Naõ tece hiſtorias não, prompto Ariſtarco;
Se o titulo te altera:
De Italia, & Portugal conſulta o arco;
Se em fim lho dás por erros;
Orelhas leua para muitos perros.

Hũas vezes entoa indiferente;
Querendo por ventura
Diuertir a lembrança deſcontente:
Iâ neutral, jâ queixoſo,
Retabulo de penas doloroſo.

Outras vezes de Laura magoãdo,
Laſtimas multiplica,
Eu q̃ as rimas lhe ouui, no vulgo érrãdo
As deixo publicadas,
Na eſtampa da memoriá eternizãdas.



ODE II.

DAs cadeas de Minos vay fugindo
Hũ nouo nadador, caminho abrindo
Pello reino das Aues:
Como quẽ em ſeu peito tinha as chaues
Da graõ ſabiduria,
Donde naceo taõ ſubitâ ouſadia?

Que naõ intentá hũ triſte? ou q̃ naõ ouſa?
Se entre duros tormentos naõ repouſa?
O engenho da dor *,
He entre outros engenhos o mayor;
Tudo ve, tudo entende,
Tudo alcança, obrá tudo, tudo emprẽde.

Eſtâ Dedalo as azas fabricando,
O filho para os ares animando;
Iâ de pena o veſtia;
Iâ entre eſperança, & agonia
Lagrimas derramaua,
Como quem ſua morte adiuinhaua.

Venuſtiſsime hæ Metaphoræ reciprocantur cum .ſ. naues volare, & aues nauigare dicimus. 1. Probat Virg. AEneid. 3. 5. Fuluius, Propert. l. 4. eleg. 6. Valer. 1. Arg. Ariſtides Tull. in Verrem: 2. probat Virg. in 1. 4. 10. & Georg 4. Ouid. Mercurius in AEneide ait grues tranare Apuleius de Aquila. Plinius de cygnis. Boet. l. 5. Lucretius, Silius Italicus li. 12. De Dedalo

*Claud. Ouid. *grande doloris Ingenium eſt miſeriſque venit ſolertia rebus.*

Dædalus ab ingenio nomẽ habuit. Nã græce Dędaleu eſtartificioſe aliquid facere. Vnde Virg Georg. 4. Aluei cęllas Dædalas nuncupauit Nec diſſentit Calpurnius, & lucretius lib. 4.

Ouid. lib. 8. Met. Filho meu pello meyo voareis
Pera q̃ o rayo ardente naõ proueis
Da reluzente esfera;
Que como voſſas azas ſaõ de cera:
Ficaraõ derretidas,
E voſſas eſperanças jâ perdidas.

Iſto dizendo; o abraça vltimamente
E já o ar ſuſpenſo proua, & ſente
Milagroſos eſtremos;
Leuãdo em viuas naos, de cera os remos,
Que com nobre artificio
Imitaõ das barquinhas o exercicio.

Plin. de cygnis: *Liburnicarum more roſtrato impetu ferũtur.*

Entre tanto ſeguro o filho vây
Em quanto ſegue o acautelado Pay;
Mas logo de atreuido
Com o voo deſuſado eſuaecido
Se aleuantou nos ares,
Dando penas ao ſol, & o nome aos mares.

Ouid. *Icbarus Icbarias nomine fecit aquas.*

As correntes do mâr impetuoſas
Lagrimas receberaõ ſaudoſas,
Que os olhos deſtillaraõ
Do pay choroſo, quando contemplaraõ
As penas ſobre as agoas
Ai que duros tormentos! ai que agoas!

Aſsi

Assi Dedalo triste vây, chorando,
Ao sepultado filho exequias dando;
Ate que em fim parou;
E o remigio das asas pendurou
Pera eterno exemplo,
Fasendo a Febo hum sumptuoso templo.

Alli pinta de Androgeo a fera morte; *Æneid. 6.*
Dos Cecropidas pinta a dura sorte;
Tambem vrna pequena
Inocencias catorze alli cōdenã;
Contra os Pais infiel,
Duro stipendio, tessera cruel.

Alli defronte Creta respondia,
Que os açoites do mâr tambem sofria;
Alli o Amor do Touro, Ouidius.
Que o corpo tem de leite, & os cornos de (ouro, *Vna fuit labes cætera lactis erant.*
Por quem se vio perdida
Pasifae Raynha alta, & subida.

Alli pintá com maõ mâravilhosá
A uaca de madeira mentirosa,
Que nos campos pastaua;
E a Rainha infeliz dissimulaua;
Alli o graõ portento,
De Venus torpe infando munumento.

Ouid.lib.8 Metamoph. Virg. æneid.5. Plinius lib.36.cap.13.

O cégo laberinto alli pintáuá,
Que com engano ſobre ſi tornaua,
Aſi meſmo occorrendo,
As voltas & caminhos retorcendo,
Enredos duuidoſos,
De paredes ſofiſmas flexuoſos.

Mas de Ariadne as lagrimas atenta
Dedalo que com arte o fio inuẽta:
O qual enouellaſſe
Pera que aſsi Teſeu ſaida áchaſſe;
Tambem te aqui pintàra,
Oh Icharo, ſe a dor naõ no eſtoruára.

Tres veſes debuxarte pretendia
Tres veſes o pincel da maõ cahia
Oh Minino imprudente!
Que ſerás dor do Pay perpetuamente.
Pois nos ares pagaſte
A gloria juuenil com que voaſte.

Aprendaõ em teu dano os voadores
A temer da Fortuna os reſplandores;
Que em fim azas de cera
Mal podem ſuſtentar ardente esfera;
Vay a Fortuna ardendo,
Ouro, quanto mais cera, desfazendo.

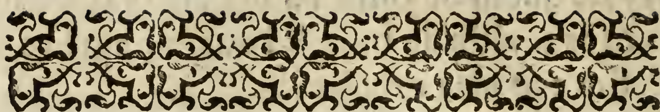
Ay

Ay de quem de ouro ad verdes azás teue
Mas â viſtã de hum ſol voando em breue;
Em taõ alta excelencia
Logo prouou de ſorte à inclemencia:
Icharo morre em agoas;
Ay daquelle q̃ morre,& viue em magoas!

Dedalo diuidamos o exercicio:
Eu tomo ſobre mi o triſte officio,
Que tua dor te impede;
Eu lautarei,ſe a Muſa mo cõcede,
Nos bronzes da memoria
De teu amado filho a dura hiſtoria.

Quãdo em ſeu proprio dano a alma ſe enlea
Milhor ſabe pintár a magoa alhea;
Eu pintarei os teus
Tormentos deſigoais,tu pinta os meus:
Que eu triſte quando os pinto,
O pincel froxo,& a maõ caida ſint.

Pintã quẽ morre em már de pranto amáro
Vendo eclipſes a pares do ſol claro;
O teu filho acabou
Porque do ſol ardente prouocou
Os rayos que o mataraõ;
E eu morro porque os raios me faltáraõ.



ODE III.

VIda quieta, & pura,
Deſcanço ſem receo de tormento,
Alegrias de dura,
Noua quietaçaõ do penſamento
Naõ ſe podem comprar cõ prata & ouro,
Que em ſi eſconde o Atlantico teſouro.

Ah mordazes cuidados!
Como da vida breue vos vingais!
Taõ firmes, & empregados
Traſendo em gerra os miſeros mortais:
Pois jâ mais primittis ao penſamento
Qué de voſſos tributos viua iſento:

O colâr peregrino
De fermoſos diamántes ſemeado,
O ceptro de ouro fino,
A clarà dignidade, & o Conſulado,
A curia que laurou a Dedala arte
Dos cuidados naõ quebra a menor pârte.

Quaõ bem qnaõ docemente
Se viue ſó com meſa humildé,& pobre!
Quaõ ditoſo,& contente!
Aquelle que em ſua Almá naõ deſcobre!
Deſejos, & ambiçaõ de illuſtre mando,
q̃ o deſcanço lhe rõpam doce, & brando.

Perá que em breues annos
Queremos conquiſtar o mundo inteiro?
Se tudo ſaõ enganos
Neſta ïdade;que em ſim por derradeiro
Quẽ deixa a patria,&deixa o reino antigo
Naõ deixa áſi, qne a ſi leua comſigo. D. Hyer. Baſil. Greg. Anſel, Ioan, Gerſon,

Nas torres âtreuidas
Que do már vaõ cortãdo às creſpas ondas *Horatius.* Scandit æratas vitioſa puppes cura.
Quándo com o vento erguidas
As brâncas vellás prenhes,& redondas
Triunfadorás vaõ do tempo, & fados; D. Bern,
Là entraõ os temores,& os cuidados.

Roſtro álégre,& ſereno
Ha de moſtrar o peito generoſo,
Iulgando por pequeno
Qualquer trabalho, & trance riguroſo
Que nada pode auer no humano eſtádo
De toda a parte bemauenturado.

A enuejoſa

A enueiosa Morte
Priuou da doce vida a Achylles fero;
Do tempo a branca sorte
Diminuio Titaõ graue, & seuero:
E a mi daraõ os fados per ventura,
O que a vós vos negar, a hora escura.

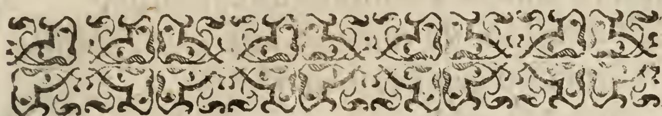
Sé os rebanhos de neue,
Que nos campos traseis de cento em cẽto,
Se a toga branca, & leue
Sobre o vestido que arde em puro argẽto,
Se a purpura de drogas recamada,
Tendes por vida bemauenturada;

Ah queira o Ceo sereno
Dobraruos esses bens que jà gosais;
Que eu neste valle ameno,
Tendo por testemunhas de meus ais
As pedras de alta rocha endurecida,
quero passar contente a curta vida.

Theocrit. *Non mihi sint nec opes Pelopis, nec multa talenta, Nec celeri cursu ventos superare fugaces At vacuo curis liceat cantare sub antro, Et procul a specula mare prospectare profundum.*

Aqui com minha Musa
Tocarei baandamente a doce Lyra;
E na noite confusa,
Que sô sabe escutâr a quem sospira,
Cantando dârei morte a meu cuidado,
Fortuna de teus bens nunca lembrado.

Inueni portum spes & fortuna valete.



ODE IV.

NOS ares vay voando para Idalia
Aquelle q̃ nos campos de Tessalia — *Ouid. Met. lib. 2.*
Fes de ouelhas serrano
Ao Deos de Delo claro, & soberano:
E em mudado semblante
Fes roubador de Europa o graõ Tonante. — *Ibidem.*

Ià entra pella sala o moço esquiuo
Mouendo com soberba o passo altiuo: — Claudianus *alacer passuq; superbior intrat, &c.*
E sem detença algũa
Leuando aos hombros a pequena lua:
Se foy ledo, & contente,
Pera onde estaua Venus excellente.

Sobre hũa mesa de ouro fabricada,
Onde a materia da obra he superada, — *Ouid.*
Se assentaua Ericyna:
E em cadeiras tambem de prata fina
As tres Irmãns se assentaõ,
Que a Magestade, & graça lhe acrecẽtaõ.

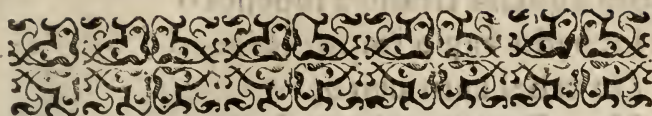
Hũa

Hũa chamaua a numero os cabellos;
Pondo leis de marfim aos laços bellos:
Outra do graõ tesouro
Formãdo està com as maõs serpentes de
Outra com alegria (ouro;
Mil chuueiros de nectar desparzia.

Iâ com a Mây o filho se abraçaua;
Eis que hũa seta da sonora aljaua
De repente cahio;
E com aguda ponta â maõ ferio
De Venus, que gemendo;
Contra o cruel Minino estâ disendo.

Quem poderâ liurâr se por ventura?
Quando appontas no arco a seta dura!
Si rindo, & abracando,
Cruel, estâs ferindo, & mâl trãtando!
Tirano àquem perdoas?
Se feriste a teu Pay; & â mi màgoas!

ODE



ODE V.

OH Soberba do humano entendimẽto!
Quẽ pudera dar luz ao pẽsamẽto!
Com que seus danos visse,
E nos males alheos naõ se risse;
Que se laços ordir,
Nelles por justa ley há de cair.

Pulchre Rup. ad illa verba. *Gigantes autem erant, &c.* Ex Hebræo transfert: *Cadentes autem erant.*

Quantas vezes nas aras da Esperança!
A Nemesis cruel tomou vingança?
Dos fingidos humanos?
Que dando traças, & forjando enganos,
Primeiro se enredaraõ
Nos laços, & perigos que inuentaraõ.

Vide Rafael, Reg. in Comenẽ Metam lib. 3.

D. Basil. orat. 21. de felic. & prud. Sabell. lib. 10. exẽpl. c. 4. Alex. ab Alexandro.

Forma Perillo o Touro mentiroso,
Com as penas dos homens glorioso,
Que em bojo de metal
A vida sustentasse racional,
E o fogo menos forte
Fizesse mais comprida a dura morte.

Plin. Nat. hist. l. 34. cap. 8. Carol. Steph. ver. *Hercules.*

Com

Com aquella tiranica inuençaõ
Inchado vay o impio coraçaõ
Do cruel carniceiro;
Mas ah que por ley iustá he o primeiro,
Que fes com pranto, & brado
Parecer verdadeiro o boi pintado:

A lingoa logo o Rey cortar lhe manda:
Agora pagareis ò alma infanda
As maranhas que obrastes;
Entrai, entrai no touro que inuentastes,
Que elle com vossa dor
Dirâ, que fostes vòs seu mesmo Autor:

Tornarase de bronze o Ceo sereno;
Noue annos naõ sentio chuueiro amẽno
A terra do Egyto; Ouidius.
Sofre o campo em gêral dano infinito;
Morrem rios, & fontes;
Sospiraõ pella chuua os altos montes.

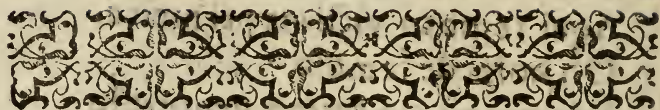
A Busiris vây Tracio mûy contente, Tunc Tracius Busirin adit; mõstratque piari Hospitis effuso sanguine posse Iouem, &c.
Dizendo assi: que Iuppiter potente
Logo se applacaria:
E a seca terra em agoas nadaria,
Se lhe sacrificasse
Hũ hospede, qualquer q̃ o paço entrasse.

Diz Busiris então: dessa maneira
Aqui temos a victima primeira,
Oh hospede famoso;
Vós poreis oje termo venturoso
A nossas grandes magoas;
Vòs dareis oje a Egypto alegres àgoas.

Como isto disse: o sacrificou;
E em suas proprias traças se enredou;
Ià seus laços prouaua;
Que por ventura à morte machinaua
Contra inocencia alhea;
Oh maranha cruel! ò traça fea!

Pagay, pagay ô almas Carniceiras; Ps. 7. & 9. Ps. 34. & 36. Prouerb. 26. Eccles. 10. Isai. 33. Ierem. 48. Daniel, 3. Eclesiast. 27. Iudith. 13. Apoc. 18.
E sede em vossos danos as primeiras,
Que os tormentos proueis:
Porque então para exemplo ficareis
A humanos pensamentos;
Pera que ponhaõ freo a seus intentos.

ODE



ODE VI.

OH vida venturosa,
Oh parda serpe, q̃ cõ verdes laços
Dais eternos abraços
A esta aruore fermosa,
E com perpetuo goso
Vos recreais em talamo frondoso.

Parece que torcendo
O passo pellas ramas estendidas,
Com razoẽs naõ ouuidas
Ao mundo estais dizendo,
Que este alemo sombrio
Tem do monte, & do bosque o senhorio.

Elle em sua figura
O ceptro mostra têr dos aruoredos;
E atè estes penedos
Conhecem tal ventura:
Pois saindo da terra,
Vieraõ fazer trono ao Rey da serra:

E vôs,

E vôs, pâra moſtrar
De voſſo Eſpoſo excellencias tantas,
Deixando as outras plantas,
O ides coroâr
Com diademas de parras,
De voſſo caſto amor perpetuas arras;

Com verde diligenciá
Voſſo fertil emprego ſe dilata,
Que em voltas de eſcarlata
Se encontra â competencia:
Formando em Creta airoſa
Errante laberinto a folha vmbroſa;

Quando he a Veiga fria
Sepulcro de jaſmins, tumba de flores;
Dobrando ſeus calores
Apollo ao meo dia,
Porque os raios ferindo
Mortes vomitaõ contra o pouo lindo:

Quando em fim o Oceáno
Entas ſotaõs de neue a calma ſente:
Vôs alegre, & contente,
Iſenta deſte dano
Zombando eſtais do rayo,
Faſendo eterno Abril, & eterno mayo:

Hoſpeda-

Hoſpedagem frondoſa
Offereceis às Aues namoradas,
As quais deſafiadas
Em capella amoroſa
Soltaõ ao brando vento
Pellas lingoas de prata ſeu tormento

Dá tragedia eſquecidas
Eſtaõ cantando Progne, & Filomella;
E por contenda bella
As outras homicidas,
Que nos ramos ſe eſcondem,
Com Angelica vox tambem reſpondem.

Entretanto tangendo
A frauta paſtoril, & agreſte auenâ
Em voſſa ſombra amena,
Cançoẽs eſtà diſendo
O Paſtor a ſeu gado,
Entre partas, & flores recoſtado.

Os voſſos cachos verdes
Vencem os ramos de eſmeraldas finas;
Quando ſaes das minas
Rubi, teu preço perdes,
Vendo os cachos que a ornaõ,
Que de verdes em fim roxos ſe tornaõ.

Aqui

Aqui ledo, & contente
Entre as vrnas de vidro recostado
Tem o Rio lançado
A onde transparente,
De si mesmo esquecido,
Com lisonjas de prata adormecido:

Aqui de ouas cuberto,
Coroado de junça, & de espadanas
Iunto a estas verdes canas
Fes eterno concerto;
Que vòs, & vosso esposo
Terieis sempre estado venturoso:

Aqui de seus cabellos
Vejo cair areas de ouro fino:
Oh Rio cristalino!
Que dais os fruitos bellos,
De vosso graõ tesouro,
Morgados de cristal, Imperios de ouro.

Por tanto ô vide vmbrosá
Nunca temais de tempo as esquiuanças:
Gosai vossas bonanças,
Em quanto em ley frondozá
Com cachos de esmeraldas
A vosso Esposo dais ricas grinaldas.

ODE VII.

Horatius. *Diffugere niues.*

IA fugiraõ as neues,
Que veſtiaõ de toga os altos mõtes;
E em recompenſas breues
Aprendem mocidade os orizontes,
Que de ouro,& verde ornados â porfia
Veſtidos apparecem de alegria.

Redeunt iam gramina campis, Arboribuſque comæ.

Ao câmpo as flores tornaõ;
Ia torna a folha âs aruores fermoſas:
E as Veigas jâ ſe ornaõ
De lirios açucenas,& de roſas;
Iâ os laços tambem de fina prata,
Que eraõ priſoẽs do Rio, o ſol deſata.

Com as Nereidas bellas
Sae do mâr ceruleo Cytaréa:
E com verdes capellas
Ordenão danças mil na loura arêa,
Himnos,odes, em harpas diſcantando;
Com que o vento minâx ſe torna brando.

Porém ò natureza!
Pois logo ao bem ligeiro o mal alcança;
Nem ſabe auer firmeza
Senaõ ſô neſta ſubita mudança:
Ao doce Outono ſegue o inuerno rudo:
Porque em fim tudo acaba,& paſſa tudo.

Que foy de pio Eneas?
Que foy do rico Tullo? & de Anco forte?
As duras leis letheas
Os fiſeraõ manjar da fera morte,
Porque chegando a hora tributaria
Somos pò leue, & ſombra imaginaria.

Horat. Phylo Hebreus.

Quando na eternidade
Minos fizer arbitrios na vrna funda:
Naõ pode a piedade,
Nem a lingoa ſutil douta, & facunda,
Nem poderaõ os Deoſes inuocados
Reſtituir os annos jâ paſſados.

Et de te ſplendida Mynos fecerit arbitria. Horat.

Depois da morte inſana,
Depois de entrar na eſcura noite eterna:
Naõ tem forças Diana,
Perá tornar o moço à lux ſuperna;
Teſêu em que prometta grande eſtrago,
Perito o naõ liurou do Stygio lago.

O D E VIII.

DE ſua prenda amada
Anfriſo eſgotara o fogo brando;
Iâ tras a Alma enleuada:
Iâ com ſigo falando:
Seu doce mal andaua acalantando.

Hauſerat inſolitos promiſsæ virginis ignes. Claud.

Iâ deixa o exercicio
Com que as feras no monte perseguia:
Iâ de si sacrificio
Com lagrimas fazia
A linda circe pella qual morria.

A pena á maõ tomaua
Quando em varios negocios occupádo;
Ah que vezes deixaua
No meo o começado!
E punha o nome bemauenturádo!

Claud.
Nomenque beatũ iniussæ scripsere manus.

Errastes liure pena,
Sorrindose dizia: ô claro acerto!
Mas o que mais me pena
He naõ errar mais perto;
Que este erro anticipado he mais cõserto

Quando virá o tempo?
Em que a segura ley do santo estado
Com doce passatempo
O collo ja inclinado
Nos possa atâr ao iugo consagrado?

Riose o Amor tirano;
E feito embaxador da mãy sagrada
Altiuo, & soberano
Entrou na salla amada,
Sobre os montes de Chipre situada.

E diz: ô mãy diuina,
Iâ meu arco prouou Anfriso amante;
Leuantasse Erycina
Dizendo; ô triunfante!
Que escalâr podes muros de diamante!

Sabeis Mãy soberana?
Lhe torna o moço fero, & insolente,
Hũa alta *Lusitana*
Filha de hum excellente
Que illustrou Portugal cõ o nomẽ ingẽte?

Rompei pois â detença
E apressay mãy sublime o casamento;
Venus ouue a sentença;
E logo em hum momento
Manda nadar os cisnes sobre o vento.

Iá passa os altos montes,
Entre os quais sua Corte está fundada,
Iá pende aos orizontes
Da praya nomeada,
Onde Doris com o Tejo he mistura da.

Iá os tectos diuisa:
Iá entra os paços em que a Ninfa mora:
Iá o estrado piza;
Iá Dis: ò graõ senhora!
Que os rayos eclipsais da roxa Aurora!

Por ver vossa belleza
Deixei fermosa Laurà o Pafio assento;
E por dar nesta empresa
Aliuio ao sofrimento
Com que Anfriso passa o seu tormento.

Oh rosto singular!
Oh claros olhos! ô cabellos de ouro!
Oh bellesa sem pàr!
Oh das graças tesouro!
A quẽ eu mesma adoro, & por quẽ mouro!

Oh

Oh boca onde se encerra
Hũa mina de perolas mais dignas,
Que ao mesmo Ceo fas guerra!
Oh sobrancelhas finas!
Que podem render almas diamantinas.

Oh soberanos olhos!
Onde seu trono pos o Amor altiuo,
Setas tirando a molhos,
Sem ninguem deixar viuo:
Mas q̃ muito? Se eu mesma jà naõ viuo!

O bellesa diuina!
Nouo eclipse da humana naturesa,
Modestia peregrina,
*Alma em virtude acesa,
* Digna sô por ser tal da mòr grandesa.

Com vergonhoso pejo
Abaixa a honesta Laura as luses bellas;
Acendesse o desejo
No Ceo entre as estrellas
Delhe virem faser nouas capellas.

Species corporis simulachrum est mentis. D. Amb. l. 2. de Virg. citãt. Mart. Franc. in tract. de modo studẽci. Lucas Pinell. in l. 1. C. Qui ætat, vel profess. se exu: item l. 1. C. de profess.

*Pulchritudo, & virtus Reges facit D. Bas. Lucret. Cassãn. in Catalog. gloriæ mundi Strabo, l. 16. Diod. Sicul. l. 17. Arist. 1. Polit. c. 4. Pomp. Mela. l. 3. cap. 4. Athenæus. l. 13. Seneca l. de clementia ad Neronem Plin. l. 11. Virg. Columel. Imola. Panorm. c. super eo, l. 2. de testibus.

Mappas

Mappas de fermosura
Ao Angelico rostro o mundo deue;
Quanto a virtude appura:
Tanto ensinarse atreue
Por globos de esmeralda em cristal breue

Sobre a neue animada
As peregrinas fachas resplandecem
Da vergonha encarnada:
E taõ bellas parecem,
Que as que acende Erycina se escurecem.

Claud. castiq; pudoris illuxere faces.

Qualficará tocado
O Indico marfim da graã preciosa;
Ou qual no verde prado
Numa manhaã fermosa
Entre lirios se mostra a fresca roza.

Virg. Æneid. 12.

Quais crauos desfolhados
Sobre o campo se vem de leite ou neue:
Tais os raios sagrados
Da vergonha, que em breue,
Rosas, & leite no seu rosto escreue.

Venus

Venus lhe diz: os montes
 Que estaõ alem do celebrado Tejo,
 As cristalinas fontes,
 Por vôs sospirar vejo:
 Oh que doce esperar, doce desejo.

Inclinai filha amada
 O pescoço de neuē ao jugo brando
 Nesta idade dourada,
 Na qual ireis prouando
 Mil venturas que o Ceo vos irâ dando.

Em himineu sagrado
 O fruito gosareis de tais amores;
 E o mesmo sol dourado
 Mostrarâ seus fauores
 Com chuueiros de rosas, & de flores.

Ià vêm Anfriso amante
 No meo de hum sublime ajuntamento
 Altiuo, & triunfante,
 Dando feria ao tormento,
 Em que trazia atado o sofrimento.

Ià a pompa glorioſa,
E os couches de ouro fino marchetados
Ante a porta famoſa
Eſtaõ Laura parados,
Iâ para vos leuar apparelhados.

Iſto Venus diſendo:
Com a fermoſa Laura ſe abraçaua;
E perolas vertendo,
Iá os ciſnes juntaua;
E os cabellos de Ambroſia, aos ventos da (ua.

Mas, ay Fortuna ingrata!
Ay que os goſtos de Anfriſo ſaõ de vento!
Quando tal bem ſe trata,
Eis que num ſô momento
Se trocou ſua gloria em môr tormento.

ODE IX.

DEpois do veraõ brando
Se ſegue o inuerno rudo, & cõgelado
Que os campos vay trocando;
E o que ontem foy prado
Iá oje em campo ſeco eſtà tornado.

Ontem

Ontem se estauaõ rindo
As rosas com o cristal da bellá Aurora
Os botões de ouro abrindo,
E vendo os doens de Flora,
O mesmo Ceo dá terra se namorá.

Ojé està seco o monte
E do tempo esta subita esquiuança
Chora a Veiga, & a fonte;
Porem nesta mudança
Se falta a flor naõ falta a esperãçá.

Que estes caluos outeiros,
Que as ouelhas de neue andaõ pizando.
Cos mimosos cordeiros,
Inda estaõ esperando
As douradas librès do tempo brando.

Sô o pẽnoso inuerno
De meu penar contino, & de meu dano.
He pera sempre eterno;
Passa hum anno, & outro anno:
E o fado cada ves mais deshumano.

Passouse

Passouse a idade breue,
Passouse a primáuera a minhas glorias;
E agora jà se escreue
No liuro das memorias
Hum processo de tragicas historias.

Tenha embora esperança
A fonte, o Cámpo, o Bosque, à Veigá, & o
Que eu tomarei vingança (Prado;
De meu duro cuidado,
Fartandome de ser desesperado.

ODE X.

GRándesa excelsa, machiná de neue
Cobre de Achylles fero a cinsa leue,
Que em vaõ Thetis sospirá;
Pois hâ de ver voâr na doce Lyra
Viuendo eternamente
Na memoria do mundo o filho ingente.

Dé palmas rodeado valerosas
As bandeiras de Grecia gloriosas
Terceira Monarchia
O famoso Alexandre moue, & guiá;
Iâ nos berços da Aurora
O Gangetico mâr seu nome adora.

Aluisius Camõis Homerus Lusitanus in Lysiados, lib.

Nobre

Nobre excellencia, regia Mageſtade,
Temperada com doce humanidade;
Peito nunca vencido,
Entendimento alto, & eſclarecido,
Liberal, dadiuoſo,
Sublime em tudo, em tudo grandioſo.

Rodig. l. 24. c. 6. Pier. in hierog. l. 41. c. de Diadem. Mach. 1. Oroſius l. 3. c. 16. Plutarc. D. Chriſ. in 1. Teſſal. 1. hom. 2. D. Hier. tom. 5. in Dan. c. 7. Iul. front. l. ſtragem. cap. 6. Val. Max. l. 5. c. 1.

Iá ſua fama os Polos aſſombraua;
Iâ de Felippe Rey ſe deſpreſaua,
Iá com gloria mais alta
De progenie de Iuppiter ſe exalta;
Confeſſa que he menor
A fortuna aos pès do vencedor.

Quint. Curtius de eo ſic ait: *Ioue natus, & haberi voluit, & credi.*

O qual tanto que chega ao Mauſoleo,
Os olhos reuoluendo ao claro Ceo,
Lagrimas derramou,
Quando o valente Achylles contemplou
Tambem afortunado,
Que mereceo de Homero ſer cantado.

Petrar. in Laura Giunto Aleſſandro ala famoſa tõba Del fero Achille ſoſpirando diſſe: ò fortunato che ſi chiara trõba trouaſti, & che di te ſi altro ſcriſſe.

Oh ditoſõ Mancebo! ſuſpiraua,
q̃ em quãto graõ Neptuno as praias laua:
E em quanto luminoſo
Corre os campos de prata o ſol fermoſo;
Ha de viuer em gloria
De teus feitos illuſtres a memoria.

Cicero pro Archia Poeta: O fortunate, inquit, adoleſcens qui tuarum laudum præconem Homerum inueniſti.

Muitos

Horatius. Vixere fortes ante Agamemnona Multi sed omnes illacrimabiles, &c.

Muitos viuerão fortes, & esforçados;
Que cõ ſeu braço em tempos jâ paſſados
Derão ao mundo eſpanto;
Dignos todos porèm de eterno pranto;
Que em noite eſcura decem,
Pois de Vate ſagrado em fim carecem.

Pera ti eſgotou á fonte Aônia
O ſublime Cantor de Colofonia;
Affinando o inſtrumento
Com vozes imortais, diuino acẽto,
A cuja alta excellencia
O claro Meles deu branda audiencia.

Oh quem os fados abrandar pudera!
Com que outra ves Homero â vida dera;
Pera que eternizaſſe
A quem ou te venceſſe, ou te igoaleſſe;
Ao cantor tenho inueja:
Não me vences Achylles na peleja.

Quando minhas grandeſas contemplaſte
Outro Homero Fortuna me negaſte,
Temendo que ſe riſſe
De ti o mundo todo quando viſſe,
Que com gloria exceſsiua
fixei hum crauo em tua roda altiua.

LAVRA

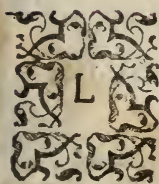


LAVRA DE ANFRISO

Pello Lecenceado Manoel da Veiga.

Liuro ſegundo das Odes.

ODE I.



LIGEIRA não fermoſa,
Que acometeis o Indico Oriēte,
Taõ alegre, & contente,
Que prometeis brioſa,
Vendo os mares largos — Ouid. Metam.
De ter aſſento etherco como a dè Argos.

Cortai do àzul imperio
Com voſſa proa rochas criſtalinas;
Atè que as àgoas finas
Do remoto hemisferio
Em rio vagaroſo
Suſtentem voſſo pezo venturoſo.

H — Neſta

Neſtá praya ondeârão
Reuendoſe no mar voſſas bandeirãs,
Que altiuas, & guerreiras
Os fados deſprezarão,
Cuja cor ſem deſcanço
Branda liſonja foy de vento manſo.

Deſtés licença âs agoas
Que vos foſſem leuando brândamente.
Com a força da corrente:
Mas ay que triſtes magoas!
Que grandes ſaudades!
Eſperai nâo ligeira não vos vadés.

Hum Irmão me leuais,
Irmão que era metade da alma minha;
Porque ides tão azinha?
Ou porque me deixais?
Neſta auzencia tão dura?
Paſſando em ſaudade a vida eſcura?

Horat. Animæ dimidiũ meæ.

Mas jâ que a ſorte ordena
Que eſcuſarſe não poſſa eſta partida
Farei a deſpedida
Sobre eſta praya amena,
Aos Anjos rogando
q̃ nas palmas das mãos vos vão leuando.

Praza

Práza à Deos não fermosa
Que nunca vossa quilha toque o fundo
Do golfaõ furibundo;
Nem a Syrte raiuosá
Em noite éscura, & fea
Vomite sobre vôs montes de arêa.

Occupe o fresco vento
As brancas vellas prenhes, & redondás;
Vaõuos seruindo as ondas
Do humido elemento;
Sereis nâo triunfante
Torre viua no mar, cidade errante;

O tempo naõ resistá
A estes vossos agouros tâõ ditosos
Com trouoẽs temerosos;
Atê que â vossa vista
O Ganges, & o Indo,
Por bocas de coral se estejaõ rindo.

Què quando em fim chegardes
A ver os berços da gemmante Aurora,
E jà dos mâres fòra
As anchoras lançardes
No doce rio claro;
Naõ tenho que temer o tempo auáro.

Contendunt Aliqui Gangem à paradiſo mini me diriuari. Nos tamen ſequimur Aug.li.8 de Gen.ad lit. c.7. D.Ierony. in trad. heb. in Gen.&Epiſt- 4 ad Ruſticum.D. Epiph. D.Amb. l.de parad. c.3.

Vede eſſe rio ſanto
Que ſeu principio tem no Ceo terreno,
Como corre ſereno,
Que a todos faz eſpanto,
Pois cria finas flores,
Cujo cheiro ſuſtenta os moradores:

Vede a cortiça quente,
q̃ em Ceilaõ veſte as aruores cheiroſas,
Vede as outras, que airoſas
Brotaõ o crauo ardente,
Que em idades paſſadas
Co ſangue Portugues foraõ compradas.

Ioan. De Barros in Decad.

Marauilhas por fruto
Gera a fria corrente, & criſtallina;
E com maõ peregrina
Em ſeu rico tributo
Mil gigantes retrata,
Briareos de coral, Tifeos de prata,

Neſſe grande hemisferio
Fez o Ceo ſementeira de eſmeraldas:
Por dar ricas grinaldas
Ao *Luſitano* Imperio,
Cujos filhos valentes
Saõ guerreiros Lioẽs, Touros rompẽtes.

Mas

Mas como náo ligeirà
Tiuerdes visto tantas marauilhas;
Tornem, tornem as quilhas
A dobrar a carreira;
Ah vinde, vinde azinha;
Trazeime essa metade da alma minha.

Vinde, penduraremos
Em hum dourado, & sumptuoso templo
Pera eterno exemplo
Os venturosos remos;
Os calabres, & as vellas,
Sempre fauorecidos das estrellas.

ODE II.

HVm alto assento piza
De fermosos diamantes semeado
A fermosa Leoniza,
Tendo Laura a seu lado,
Retrato natural de tal treslado;

Bem como antigamentè
Escutaua a Mnemosine Talia;
Ou Diana contente
A Latona ouuia,
Assi Laura os conselhos aprendia.

Os antigos exemplos
Da casta pudicicia reuoluendo,
Claud. A que a fama fás templos,
E os costumes bebendo;
Que na Mây bella estaõ resplandecendo.

Ambas saõ semelhantes
A duas das estrellas luminosas;
Quando mais radiantes;
Ou como duas rosas
Nos montes de Lucania as mais fermosas

Em ver taõ graõ tesouro,
Rostros diuinos de sublime alteza,
Testas de neue,& ouro,
Imperios da belleza;
De si mesma se espanta a natureza.

E alli como corrida
Escassamente os olhos leuantaua,
Dandose por vencida,
E mais bella ficaua,
Quando seu vencimento confessaua.

ODE III.

A Lemo venturoſo,
Que tendes as raizes ná agoã clara
Deſte rio fermoſo;
Que correndo aqui pâra
Sò por me ouuir cantàr a Ninfa chára:

Pouco těmpo he páſſado,
Em que no voſſo tronco limpo, & terſo
Eſcreui meu cuidado,
Pondô eſte brando verſo:
Laura, Laura, belleza do vniuěrſo.

Com às letrás ditoſás
Como creceſtes vôs, crecerãõ ellas,
Cadáues mais fermoſas,
E por ſerem taõ bellas:
De inueja ſe eclipſauáõ as eſtrellas.

Oh lětrâs ſignos da Alma!
Que os ſignos ſtellantes exeědeis,
Leuái, leuai a palma
Contra os ſados crueis,
Pera que o voſſo Anfriſo eternizeis.

E vôs alemo altiuo,
Que merecer pudestes tál venturá,
Naõ temais tempo esquiuo,
Nem sorte iniqua, & dura:
Que o nome q̃ em vòs pus vos asegura;

Quantas vézes com brio
Alemo meu vos vejo deburçado?
Por vos verdes no Rio
Tambem afortunado,
Tendo de Laura o nome em vos lavrado.

Ah como vos contemplo
Oaid.Met.li.3 Que mouido do âr sonoro, & brando,
Sois de Narciso exemplo?
Pois para a agoa olhando,
Vos estais de vòs mesmo namorando.

Pâraõ os cristais finos,
Que querem ser as agoas vagarosas
Espelhos cristallinos
Das letras venturosas,
q̃ se estaõ vendo na agoa mais fermozas.

Entre

Entre as ſelices agoas
Criſtallina contenda ſe ẽnxergauá;
Qual vai chorando magoas
Porque o lugar deixaua:
Qual porque lhe ſucede ſe alegraua.

As que na competenciã
Seu ſpumoſo engano enobrec erão,
Honrando a reſiſtencia,
Torres de alambre erguerão,
E obeliſcos de neue aos ares derão.

Lá nunca eſtas correntes
Eſtiuerão mais puras nem mais bellas:
Saluo quando preſentes
Se debuxàrão nellas
Huns olhos, mais fermoſos q̃ as eſtrellas.

Por tanto Alemo nobre
As fortunas gozai tão glorioſas;
Que o tempo em vós deſcobre:
Em quanto as vagarozas
Agoas, de vôs murmurão de enuejoſás.

O D E IV.

ALegrês passarinhos,
Que de hũa aruore em outra ides voãdo
E dos verdes raminhos
Vos andais pendurando,
Doces cançoẽs de amor aos ventos dãdo.

Assi nunca sintais
Que se torne cruel vossa consorte
Aos cantos que espalhais:
Assi a triste sorte,
Vos naõ traga ante tẽpo a escura morte:

Assi nunca proueis
Do astuto caçador cẽgo perigo
Entre laços crueis:
Que em vôs achem abrigo
As namoradas magoas, que aqui digo:

Assi na frêsca hora,
Quando choue o cristâl, musicas Aues,
Vos veja a bella Aurora
Em capellas suaues,
Subindo agudas, alternãdo graues.

Assi

Aſsi o freixo ameno,
Que com frondozo hoſpicio vos eſperã
Sinta o tempo ſereno,
Fazendo em verde esferá
A voſſo canto eterna primauera.

Eſcutai entre tanto
Deſentoada voz, rouco inſtrumento,
De quem jâ foy eſpanto,
E com ſeu doce accento
Pos freyo voluntârio ao ſurdo vento.

E depois que eſcutârdes
O accento largai brando, & chorozo,
Pera me acompanhardes:
Que fica em vôs fermozo
Hum pouco de tormento em tanto gozo.

ODE V.

CLaro Rio que em ſerpes criſtallinas
Correis por entre as flores, & boni-
E com ſuſurro brando (nas,
Parece que de nouo ides cantando,
Com o criſtal palreiro
A izençaõ de voſſo catiueiro:

Lem.

Lembrame que do inuerno o tẽpo esquiuo
Vos teue rio meu prezo, & catiuo
Em carcer de regello.
Algemas & grilhois de caramello
Ao collo de prata
Vos lançou, que ja agora o Sol desata.

Quando em mudos grilhões prezo estiuestes
Teatros de çafira aos olhos destes;
E vossas agoas bellas
Pareciam pedaços das estrellas,
Quando em parte quebradas
Dos pês da honesta Laura eraõ tocadas.

Laura com seu passeo magestoso,
De prezo, vos tornaua venturozo.
Oh Rio de cristal.
Que pisado da planta imperial
Taõ sublime vos vejo
Que vos inuejaõ Ganges, Douro, & Tejo?

Ah Rio se sabeis, não consintais
Que tenham liberdade esses cristais:
Que nessa prizaõ dura
Teraõ melhor estrella, & mais ventura.
Pois haõ de ser pizados,
Cos pès da bella Laura delicados

Corre

Corrè Laura taõ bella, como esquiua
Pello campo da prata, que catiua
Pello ouro o mais fino
Naõ dera o catiueiro peregrino;
E com ser falsa prata
Ouro, perlas, rubins, de inueja mata; Syncope.

Ficauaõ as pisadas peregrinas
Impressas sobre as tarjas cristallinas,
Pera que o mundo as veja;
Mas ah que o mesmo sol arde de inueja,
Vendo ventura tanta
De hum Rio que sobre elle se aleuanta:

Dobrà o sol enuejoso seus calores
Com nouas chamas, nouos resplandores
Contra o Rio inocente,
Que de seu catiueiro està contente
Entre prisoẽs de prata:
Mas ay que o sol de inueja lhas desata!

Hora pois Rio meu taõ diferente
Se vos ouuir soàr naõ cuide a gente
Que com suauidade
Ides cantando vossa liberdade:
Antes com nouos ais
Por vossa prisaõ doce sospirais.

Ide

Ide puro criſtal ſonoro, & brando
Do ſol voſſo inimigo murmurando;
E a voſſa queixa ſeja
Que elle vos deſatou de pura inueja;
Porque em voſſa agoa clara
Laura ſublime as plantas debuxara.

ODE VI.

Qve he iſto penſamentos?
Pera q̃ me trazeis eſtas lẽbranças.
Ah naõ ſejais izentos
Neſtas nouas mudanças;
Deixai, deixai paſſadas eſperanças.

Aſſumpſi mihi duas virgas; vná vocaui decoré, & alteram vocaui funiculum, Zachar. 11.

Olhai o que fazeis:
Naõ vos torne a açoutar o Amõr tirano
Em ſeus laços crueis:
Deixai taõ graue dano,
Olhai que apoſtatais do deſengano.

Pera que ſaõ memorias?
Do bem paſſado, & vaõ contentamento?
Pera que cantais glorias?
No ſentido inſtrumento?
Que dedicado tendes ao tormento?

Iâ

Iá o tempo he paſſado,
Quando em idade verde,& Lyra vſana,
Publiquei meu cuidado
Com a voz ſoberana,
Que ſoou mais Angelica, que humana.

Então com mão ligeira
Ao tom das agoas o marfim rompendo,
Diſcantei de maneira:
Que os pinheiros decendo,
E os montes,& penhaſcos vem correndo.

Então meus doces males
Cantei,então de Laura a fermoſura,
Então cantei os valles
Veſtidos de verdura,
Então o monte, o Rio,& a eſpeſſura.

Então chamei ditoſas
Hũa,& mil vezes bem afortunadas
As flores, & as roſas,
Que via ſer tocadas
Daquellas niueas plantas delicadas. Mantuanus, in Diris.

Então

Entaõ meus vaõs amores
Me faziaõ chamar ditoso engano.
Ditosos os rigores,
Que o Amor deshumano
Sobre mi semeaua: Ah Deos Tirano!

Plaut. in Mercato. Act. 1. serm. 1. Non ita amo, vt sani solent homines; sed eodẽ pacto vt insani solent.

Mas agora que entendo
Que delle vou ganhando altas vitorias,
Como inda pretendo
Enredarme em memorias?
Que saõ cutellos das presentes glorias?

Por tanto ô pensamentos
Vossas lembranças sejaõ de maneira
Que com nouos intẽtos
Prosigais a carreira
Com vontade mais pura, & mais ligeira.

ODE VII.

FErmoso campo, em flores reuestido;
E vôs doẽs de Pomona enriquecido
Ouui de Anfriso a Lyra;
Que os enredos de Amor chora, & sospira
Com musica queixosa
A enternecer penhascos poderosa:

Vòs

Vos flores deleitoſas deſte monte
Regadas com o criſtal da clara fonte
Ficareis ſecas logo,
Se vos rego com lagrimas de fogo:
Pois chega a dor à tanto
Que lagrimas ſaõ brazas, fogo o pranto.

Tudo ſe me trocou fado, & ventura,
Ficando ſò comigo a ſorte eſcura;
Perá cujo tormento;
Era miſter de bronze o ſofrimento
Bem que à golpes taõ duros,
Nem Mauſoleos de bronze eſtaõ ſeguros.

Mas ſe as forças de hũa Alma podẽ tanto,
Que poſſaõ ſuſtentar o graue canto,
Maior que o de Gigante;
Iá naõ quero ſer bronze, nem diamante;
Terei ſofrendo a palma;
Receberei os golpes na meſma alma.

Oh ſofrimento ſobre a natureza!
Todos quantos ſouberaõ de triſteza
Venhaõ ver minhas dores,
Que as de Niobe emfim ſeraõ menores;
Pois nunca em peito humano
Entrou taõ duro mal, taõ graue dano.

O D E VIII.

EM Pretorio ſuaue
Republica de mel, reino de cera;
Suſurra eſquadraõ graue,
Quando a primauera
Eſtrellas brota na terrena esfera:

Em trabalho partido
Andaõ nectareas cellas eſtendendo;
Com ſonoro ruido
A obra vai feruendo;
O mel cheiro ſuaue eſtâ verrendo.

Georgicon. 4. feruet opu, sic dolentq; thimo flagrãtia mella.

Passaõ a vida breue
Guardando juſta, & rigoroſa ley;
Venera o pouo leue
Ao conhecido Rey,
De cuja Mageſtade que direi?

Virgil. 4. Georg. Columella. li. 9. c. 10 omnis erit qui ſcripſerunt de natura animalium. Baſil. Mag. in Hexame ro homil. 8. D. Amb. in lib. eiuſdem tit. 5. c. 21.

Alegre Companhia
Lhe fazem docemente murmurando;
E com noua alegria
Sobre os hombros leuando
A ſeu Rey, trono viuo vaõ formando.

A elle lhe obedecem;
Oh ditoso mandar, ditosa Corte!
Por elle se offerecem
A qualquer dura sorte,
Nas feridas buscando a bella morte.

A hũas por ley veyo
Dos florecentes campos o exercicio:
A outras pôr o freyo
As vespas, que com vicio
Querem turbar de nectar o edificio.

Dedaleos aposentos
Erguem de aureo Manà, de Achanto liso;
Pondo em seus fundamentos
Lagrimas de Narciso,
Saudades da manhaã, da Aurora o riso.

As flores Hiacintinas,
Hũas colhendo vaõ pellos outeiros;
Outras roxas boninas;
Outras pellos ribeiros
Mordẽdo o rosmaninho, & os salgueiros:

Pulchre Virg. Sæpe etiam duris errando in cotibus alas Attriuere; vltroq; animã sub fasce dedere; Tantus amor florum, & generandi gloria mellis.

Ah quantas vezes bellas
Deraõ a vida em carrega de flores!
Tanto podem com ellas
Do seu mel com amores,
Que naõ sentẽ da morte as graues dores.

Sannazarius. Virgil.

Oh doce campo ameno!
Oh lauradores bemauenturados!
Oh Tu Rio sereno!
Que coroando os prados,
Os tens de varias flores estrellados.

Ditoso quem te gosa,

Claudianus Statius. Ouid.

Em quanto as Abelhinhas susurrando
Colhem da bella rosa
Aljofar puro,& brando,
Que a noite fresca esteue derramando.

Ah como descançado
Dorme quem de cuidados viue izento!
Seu sceptro he o seu cajado,
Seu reino o fresco vento,
Que a sono lhe conuida o pensamento

Daqui

Dáqui as Abelhinhas
Murmurando de flores carregadas
Dalli as Auèzinhas
Do freixo penduradas:
Dalli ſoando as agoas prateádas.

Ah triſte! quẽm pudera
Gaſtar o que da vida inda lhe faltã
Entre eſta primauera,
Que o verde pallio eſmalta!
Naõ naci para ter gloria taõ alta.

Atè aqui diuertia
Anfriſo magoas, & èu que as tresladaua,
Froxa a pena ſentia,
Que as Muſas deteſtaua:
Mas com cambios de glorias à animaua.

Venuſtiſsime depingit Virgilius ruſticæ vitę amorem. Georg. 2. ô, vbi campi ſperchiuſque, & virginibus bacchatã Lacænis Taygeta; ô qui me gelidis in vallibus Hæmi, ſiſtat & ingenti ramorũ protegat vmbrã &c.

ODE IX.

OH pẽnã violenta*da*
Que eſta Phebea hiſtoria
Quereis deixar cortada,
Continuay com gloria;
Ouui o q̃ de vôs ſente a memoria.

Lembràme altiua pena,
Que os cantos meditais,
Pera na agreste auena
Compor de Anfriso os ais,
Que neste pranto vos eternizais.

Libri sunt imagines ingeniorum quę vera sunt & ęterna monumẽta, D. Ieron. tom: 3. Epist. ad Marcellam.

Pois mẽ promette a sorte
A honra sempiterna
De ser izento à morte
Gozando famà eternà;
Sem que pague tributo à folha auerna.

Naõ tema noite fea
Quem vio Pindo, & Parnaso,
Nem a vrna Lethea:
Que não terâ occaso
Seu nome soberano, em nègro vaso,

Horatius.

Com pènna não vsada,
Nem com azas de cerà;
A terra jâ deixada
Vencida a inueja fera
Ei de subir voando à quinta esphera:

E inda

E indá que os reſplandores
Do engenho triunfante
Pizaõ do Pindo as flores:
Quando preſo, & conſtante,
Seja eſte liuro o dedo do Gigante.

Quê dos partos ditoſos?
Quiça por eminentes
Suppoſtos a enuejoſos;
Oh pupillos auzentes!
Que Pais hoje tereis? q̃ amor? que gẽtes

Pupilli dicuntur qui de poteſtate Patris impuberes exierunt. ſic gloſ. ad c. lic. ex diſt 87. l. Pupil. ff. de verb. ſign. Gloſa ad §. Pupilli. Inſt. quibus mod. tut. finitur

Oh, em inueja tanta
Abjuradas rapinas!
De Theologia ſanta!
Tornai ô peregrinas,
Por lei do poſtliminio ão grãde Aquinas:

Iure poſtliminij non tollitur ſed ſuſpenditur patris poteſtas §. Si ab hoſtibus. Inſtitutis quibus modis ius par. poteſt ſoluitur. l. Poſtliminium ff. de capti. & poſt Decret. 2. p. cau. 16. q. 3. cap Prima actione. Gloſa ad c. Iuſ. Gentium. d. 1.

Mas em quanto não vedes
Voſſo Pay verdadeiro:
Entre as toſcas paredes
Deſte vil catiueiro
Demos a Phebo incenſo liſonjeiro.

Tambem honrárão a vea
Entre grilhoés, & algemas
Tiaras de Aquilea,
E o Rei dos diademas,
Que vio o dia ao dia ir dando temas.

Dies diei eructat verbũ & nox nocti indicat scientiam. Psal.

Quero que a este nádã
De glorioso extremo,
Infimo em minha alçada,
Igoale o grao supremo
Desses, que daõ comento a Poliphemo.

Supremũ infimi attingit infimũ supremi. D. Dyonisi. Areopagita.

Iâ inuejas, & danos
Tem o ouro semeado
De prata em verdes annos,
Vendome taõ mudado,
Que num cisne de neue estou trocado.

Horatius, & album mutor in alitem.

Porem jà mais ligeiro
Que Icaro Dedaleo,
Verei o derradeiro
Império de Nereo,
E as Syrtes arenosas sem receo.

Iam Dædaleo ocior Icharo.

Verei

Verei em Tracia as prayas
DoBosphoro gemẽte,
E as vltimas arrayas,
Que açouta à corrente
Do Indico Oceano no Oriénte.

Os Hiperboreos montes,
E Dacia de ouro auara,
De Heſperia os orizontes,
O morador de *Lara*,
E o que bebe do Rodanõ a agoa clara.

Todos conhecèraõ
De meu nome a grandeza;
E a douta opiniaõ,
Que oje o Tejo ſò preza,
Nas bocas andarâ da redondeza.

Horâ pois com tal ſorte
Ninguem Nenias me cânte
Em minha doce morte:
Mas com ledo ſembrantẽ
Mauſoleo de criſtal ſe me alcuãnte.

ODE X.

ALtas rochas, mordaças do Oceano,
Que com boca ſpumante, & ronco
Animado dos ventos, (inſano,
Quer parece mouer dos fundamentos
Com furibunda guerra
O globo vniuerſal da madre terra;

Se da ira cruel, raiua ſpumoſa,
Que ſobre vòs vomita a onda iroſa
Naõ eſtamos ſeguros,
Sendo vôs para nôs eternos muros,
Que o Padre Omnipotente
Job. 38. Prou. 8. Pos preceitos ao mar, termo à corrente;

Como eſtara ſeguro aquelle ouſado?
Que da prezente vida naõ lembrado,
Por eſtranha carreira
Vay correndo em cauallo de madeira?
Deſafiando os áres,
Mortes bebendo, deſprezando mares?

Metal dobrado tinha nas entranhas,
Quem vendo encapellar ondas tamanhas
Aos damnos ſurdo, & cego
Hũa taboa meteo no immenſo pego:
Oh miſeros mortais!
Nada dificil, nada duro achais!

Plaut. Plinius. Tu ſecanda marmora locas ſub ipſum funus, & ſepulchri immemor, &c. Horat. ode. 18. l. 2. & lib. 1. ode. 3. Illi robur & æs triplex circa pectus erat, qui fragilẽ truci commiſit pelago ratẽ. Concinit Seneca in tragedia: Audax nimium qui freta primus rate tã fragili perfida rupit.

Oh

Oh dura ſorte! eſtranha condiçaõ!
Pois tudo intenta o humano coraçaõ;
Tentáraõ de ignorantes
Periteo,& Teſeo, mas arrogantes
Com animo ſeguro
O Reyno de Plataõ horrendo,& eſcuro.

Virg. AEneid. 6.

Do graõ Iappeto o ſangue ſe atreueo
A ſer ladraõ famoſo do alto Ceo;
Em fim naõ deſcançou;
Tê que com arte o fogo lhe roubou;
Tambem jâ ſe atreueraõ
Os Gigantes que o Olympo acometeraõ.

Horatius.
Audax Iappeti genus ignē fraude mala gētibus intulit.

Atreueſe a caminho nunca vzado
Dedalo (Aue humana) aleuantado
Sobre as pennas erguidas,
A mortal homem nunca concedidas,
As Aues ſe eſpantàraõ
Quando as azas de cera contemplaraõ.

Ariſtoteles. 1. Polit. Plato in Memnoni. Horatius. li. 1. ode 3. Ouid l. 8. Meth. Virgil. AEneid, 6, Diodorus. l. 4. c. 13.

Em fim q̄ o Ceo,& ār,& o meſmo Inferno
Com duro coraçaõ alto,& ſuperno
Humanos atreuidos
Acometer pudeſtes, naõ mouidos
Do eſtrago miſerando
Com que o perigo eſtaua ameaçando.

Valerius 1. Arg. volat imissis, cana pinus habenis Seneca. Audax qui dubio secans æquora cursu potuit tenui fidere ligno.

Agora sô faltaua vltimamente
Fazer voar pinheiros na corrente
E numa taboa leue
Entregar com vontade a vida breue
A o feruente Oceano:
Oh graue desatino! ô grande engano!

Horatius. Cõtracta pisces equora sentiũt, Eleganter D. Ambr. lib. de Hella & ieiunio: c. 19. attingens illud Isaiæ. 23. Erubes. Sydon.

Assi contra a cobiça rompe os ares
Anfriso: porque estreitos sente os mares,
Monarchia escamosa;
Mas jà leuanta à Lyra sonorosa
Por cantar em figura
Paradigmas de Celio em coua escura.

Frio temor seus ossos descorria:
Oh alta, & poderosa sympathia!
Pois feito fontes de agoas,
Naquella Alma gentil padece as màgoas
Por secreta assistencia;
Sem que estorue do amigo a lõga auzẽcia:

Rethorico sentir, lingoagem muda,
Os compassos mortais da algema ruda
Em compendio retrata;
Ate que no instrumento à voz dezata,
Prophetica armonia,
Echo viuo de Celio parecia.

Se os

Se os ſinonimos prantos eſcutara
O Romano Doutor; na gente achará
O que das Liras conta
Depois que algemas vîs Anfriſo àponta;
Proteo, & Laura entoa,
Se o diuerte Proteo, Laura o magoa.

LAVRA



LAVRA
DE
ANFRISO

Pello Lecenceado Manoel da Veiga.

Liuro terceiro das Odes.

ODE I.

FErmoſo Apollo q̃ em carroças de ouro.
Aos humanos moſtrais o graõ teſouro
De voſſos reſplãdores,
Pintando o claro Ceo de varias cores
Ià branco, jà vermelho,
Sendo as nuuẽs fermoſas voſſo eſpelho.

Quando em freſca manhaã da primauerà
A capella das Aues vos eſpera,
Enchendo de armonia
Os ares por fazer ſaluas ao dia;
Enfeitais voſſos rayos,
Brotando Abris, & derramando Mayos.

E corren.

E correndo co coche luminoſo
Pellos campos azuis do Ceo fermoſo:
As nuuens vagaroſas
Ficaõ à voſſa viſta venturoſas:
Qual he monte de prata,
Qual rochedos imita de eſcarlata:

Qual fica parecendo trono de ouro,
Por ter em ſi bebido o graõ teſouro:
Qual toga de criſtal,
Qual ſe veſte de purpura, & coral:
Que eſtas cores taõ finas
Tomaraõ para ſer voſſas cortinas.

Quando em fim com carreira preſuroſa
Chegais do Occidente â ſala vmbroſa:
Os cauallos ſoltais
Em quanto brandamente repouſais
No reino humido, & frio,
Da bella Thetis verde ſenhorio.

Entre tanto em ſilencio adormecidos
Eſtaõ de ſeus cuidados eſquecidos
Os miſeros mortais;
Eu ſò triſtes ſoſpiros, triſtes ais
Aos ares derramando,
As noites com os dias vou juntando.

In me marceſcit anima mea, & poſsidet me dies afflictionis. Iob. 30. noctes laborioſas enumeraui mihi. Iob. 7.

Deſcançaõ

Deſcãçaõ em ſeu ſono as ouelhinhas;
Quãndo cantaõ do ramo as auezinhas:
Dorme o boſque, & o prado:
Dorme o mar, dorme a terra, & o vento
Que tal vez hum accento (irado,
He ſono da Alma, & Remora do vento.

* Guardaõ doce ſilencio os orizontes;
Deſcançaõ brandamẽte os verdes mõtes,
Deſcança o claro Rio
Em leito de eſpadana humido, & frio;
Vôs tambem Animais
Nas entranhas da terra deſcançais!

* Eu ſò triſte affligido, & deſcontente,
Atado em dura, & aſpera corrente
Dos grilhoẽs faço Lyra,
E o carcer tambem chora, & ſoſpirá,
Vendo que hum breue inſtante
Me naõ deixa o tormento penetrante;

Aſsi o permittio a Deoſá ingrata,
Fortuna infame, que taõ mal me tratá;
Ah vingate inimiga!
Que aqui acharas hũa alma que te ſiga,
Pois moſtro em verdes annos
Alma de bro[n]ze a golpes deshumanos.

Se fora

* Nocte os meũ perforatur doloribus. Verſa eſt in luctum cythara mea, & organum meum in vocem [fl]étium. *Iob.* 30.

* In laboribus (Deo auſpice) fortiores afflicti. Pſal. 90. Theod. ex heb. non modo liberabo verum etiã illuſtrẽ efficiam nam. ארן boré ארר fortitudinem ſignificat ſic. Amos 5. & Iob. 18. Oſee 12. בארכר Beono i. in fortitudine ſua ſic Benoni filius doloris mei i. filius fortitudinis meę Geneſeos, 35,

Se fora filho teu ingrata altiua
Naõ te sentira, naõ cruel,& esquiua;
Teu rigor me despreza
Porque sou filho sô da natureza;
E eu te faço diuina
Quando me dàs coá ponta diamãntina.

Te facimus Fortuna Deum cęloque locamus.

Naõ te fas Deosa quem de teus fauores
He filho, mas quem sofre teus rigores
Com animo constante:
Esse te erge templos de diamante,
Adonde os sepultádos
Ficaraõ para sempre etérnizados.

Puchre Doctor Andreas Cardoso senator meritissimus in lyrico carmine ad amicum.

Repousai sol nos braços do Oceano;
E repouse em sono o pouo humano;
Que eu que a Deos mé àprezento
Quero fazer cançàõ do meu tormento
Nesta masmorra escura,
Da Alma,& do corpo viua sepultura.

Plus Deo fidendum in laboribus exemplo Dauid: *Ego dixi in excessu meo omnis homo mendax.* Ps.1.5. Alij, in festinatione mea fugiens â Saul. quasi illi fiducia regnandi augeretur: dum fregientem non crederent regnaturum sic accipe illud ad Rom.3. Nũquid incredulitas Illorum fidem Dei exacuauit.

ODE X.

PAstora luminosa
Que ligeira,& contente
Na noite saudosa
Em campo transparente
Apacentais o gado reluzente.

Curraõ de prata fina
Sobre a roupa arrogante,
Carroça cristallina,
Adonde triunphante
Is pisando a esphera rutilante.

Que inda que sois Pastora
Sois Deosa soberana
Da belleza Senhora;
Sendo da gente humana
Iâ Lua, já Proserpina, & Diana.

Ay que penas, que dores!
Pois vejo retratado
Em vossos resplandores
Hum eminente estado,
Quando de altos Liceos fuy sospirado.

Ay vencimento leue!
Ay glorias inconstantes!
Dialecticas de neue!
Esperanças errantes
Pera subir Anoẽs: mingoando Atlantes.

Por esta fenda escassa
Que fez a natureza
O vosso rayo passa,
Censurando a dureza
De quem chega a negarme a luz aceza.

Iâ quinta ènriquecestes
Esta masmorra ingrata
Com o pallio que estendestes,
Dando doceis de prata
Aos sitiais fraternos de escarlata.

Vos Luà em tal bonança
Creiceis porque mingoastes;
Oh ditosa mudança!
Pois mingoando ganhastes;
E vossos bens perdidos reparastes.

Mas ay que minhas glorias
Pera sempre mingoaraõ,
E estas duras memorias
Por meu mal me deixaraõ;
Que o ouro de Tolosa apresentaraõ.

Hũmãnitate trãctãdus erat innocens, quando vel delinquens absoluendus est propter aliquam ingenij excellentiam. text. notabilis in lege ad bestias ff. de pænis. Iason. l. 1. col. 2. ff. de legib. Penel. l. 1, cod. pe desert. & in l. Apparitor. C. de Cohort. vide D. Th. 2. 2. q. 65.

Por tanto triumfante
Correi lua fermosa
Em carro radiante,
Nem temais receosa
Os golpes da mudança rigorosa.

Que depois das mingoantes
Tereis vossas crecentes
Mais fermosas que dantes,
Allumiando as gentes
Com nouos rayos mais resplandecentes.

E eu triste, & descontente
Ao som do brauo vento
Tocando brandamente
Meu queixoso instrumento
Cantarei vossa gloria, & meu tormento.

Atè que venha o dia,
Ao qual meus olhos viro.
Oh toga de alegria
Sô em cuidarte me admiro
* De Serafins Ephod por quem sospiro.

* Mystica Ephod significatio, patientiæ symbolũ; iuxta Inocentiũ Papã li.1. de misterijs missę. cap. 18. penitentię; iuxta D. Ierony. in Ps. 98. D. Isidorum, & Alios. sinceritatis, & innocentiæ; iuxta Phil. Heb.

Oh

Oh bellas a meus olhos
Paredes que verteis
Charidades a molhos.
Quando me abraçareis?
Quando a porta de estrellas me abrireis?

Torcato Tasso. ô belle agli occhi mei tende atine.

Entre esta casa fea
Atê o âr de vida
Que spirais me recrea:
Oh saudade entendida!
Pera que me auizinhe me conuida:

Aura spira di voi che me recrea,& me combida pur che me auicine.

Quantos stellionato
Contra my cometerão
Verão neste contrato,
Que honrinhas não me alterão:
*Inda que ser do mundo o Rey me derão.

Iuro pellas estrellas
De ser hostia offerecida
Em vôs ô aras bellas,
Sem que o mundo mo impida:
Que não quero sem Christo hôra nẽ vida.

*Suadet elegantissime Tert. de corona militis, expendẽs illud; *qui vicerit dabo ei coronam vitæ* Tertul. quid caput strophialo aut dracontario damnas? diademati destinatũ? nã & reges nos Deo & Patri suo fecit Christus Iesus. Quid tibi cum flore morituro? habes florem ex virga Iessè, super quẽ tota diuini spiritus gratia requieuit; florem incorruptum immarcescibilem, sempiternum.

ODE III.

Virg. Georg. 4. Homerus l. 4. Odiss. Ouid. l. 1. Fastorum. D. Aug. to. 1. l. 3. Cont. Acad. c. 5.

NO Carpathio Oceano
Rebanhos mudos a quē veste esca-
Apacentaua vfano (ma
Hum de quem diz a fama;
Que se fazia Rio, Tigre, & chama.

Em couche cristalino
Com cauallos azois o mâr pisaua;
Agoureiro diuino,
Que tudo adiuinhaua,
Se as entranhas do fado speculaua.

Este pois (quando Eôlo
Sobre estrellas ao Caõ latindo ouuia
Salamandra de Apollo)
Buscando a sombra fria
Numa secreta coua se metia.

Vay orualhando os ares
Seguindo ao seu Pastor a humida gente;
E jâ deixando os mares
Se sobio eminente
A hum leito de cristal resplandecente.

Nà

Na oppa quẽ ondeaua,
Aureo meandro estrellas descorriã;
A agulha bem mostraua
Ser de Ephyre,& Thalia:
Que Cirene o peitou pera algum dia?

De coral precioso
Sanguineos ramos o aposento ornauão;
Electro lacrimoso
As paredes suauaõ;
Cheyrosa maça os tectos destillauaõ;

Realça o ouro fino
Sobre a Sydonia grãa,que estaua ardendo
No docel peregrino,
Que nos ares,tremendo,
A brando,& doce sono està mouendo:

Aqui pois recostado
Tanto que aos olhos deu descanço breue,
Cantou entre o seu gado,
Tocando com maõ leue
Cytharas de coral,orgaõs de neue:

Eurydice fermoſa
Pizando as prayas, de Ariſteu fugia;
Ay que na erua viçoſa
Miſerauel naõ via
Hũa Hydra cruel quẽ ſe eſcondia!

Com pranto triſte, & amaro
As Driadas encheraõ os altos montes;
Chorou o Hebro claro,
Chorâraõ ſuas fontes,
Chorâraõ de Pangêa os orizontes.

Choroute o teu Orfeo,
Que em rouco metro, funebre armonia,
Des que a noite deceo,
Atè que morre o dia,
Teu doce nome aos echos repetia.

Virg. 4. georgicõ. Tænarias etiam fauces alta oſtia Ditis, &c.

As gârgantas Ténarias,
Portas imperiais do Rey tremendo,
Pouo de penas varias,
O ſtygio lago horrendo,
Tudo foy com ſeu canto acometendo.

Ouuin.

Ouuindo a doce Lyra
Vaõ do Erebo as ſombràs cåminhando;
Cocito naõ ſoſpira,
Antes para o ſom brando,
Orelhas de eſpadana eſtâ criando.

As maſmorras eſcuràs
Hum profundo ſilencio exprimẽtàraõ;
Vipereas ataduras
Os cabellos ſoltàraõ,
E com ſuaue acento ſe encantâraõ.

Teue á roda deſcanço
A roda de Ixiaõ tormento inſáno;
Sentio clemente, & manſo
O abutre deshumano
Ticio fecundo com ſeu proprio dano.

Virg. 6. AEneid. fæcundaque pœnis pectora.

Goza agoa fugitiua
Tantalo dando feria a ſeu tormento:
A vrna vingatiua
De Minos auarento.
Suſpendeo entre tanto o mouimento

Iá Euridicé alcança;
Ià com ella ſe vem ledo, & contente:
Ay do fado eſquiuança!
Que olhando, de repente
Todo o trabalho ſeu baldado ſente.

Detras ella o ſeguiá
Porque eſta ley Proſerpinà lhà derà,
Ay que quando a via,
Digno de perdaõ era:
Se o duro inferno perdoàr ſoubera.

Ami & à Ti, Orfèo,
Quem nos perdeo? Euridice brádauá:
Quem tal furor moueo?
Eiſme outra vez eſcraua,
Onde o turuo Cocito os campos laua.

Iá Sinto o ſono eterno;
Ficate embora eſpoſo ſem ventura;
Ià de Erebo Auerno
Me cerca a noite eſcura,
Miſerrima priſaõ acerba, & dura.

impunitus videtur relinquēdus qui amoris furore delinquit. Oldrad. Conſil. 210. regularis habet traditio. col. 2. verſic. 3. conſideratio. facit Ariſt. 7. etic. c. 2. ſecūdū quam ſententiā Ioſeph. l. antiq. 18. c. 6 & AEgiſippus lib. 2. rerum iudaicarum c. 4. hiſtoriam referunt huic loco non parum conuenientem.

Ay triste que faria?
Duas veses perdendo á chara espoʃa!
Ay que já naõ podia!
Em cythara queixoʃa
Abrandar de Acheronte a Sala vmbroʃa!

Nas Strymonias prayas
Sete meses gastou chorando inteiros;
Mouendo as altas fayas,
Os rubustos pinheiros,
Funereos aciprestes, & loureyros;

Septem illum tõtos perhibent ex ordine menses Rupe sub aerea desertiad Strimonis vndã Fleuisse, &c.

Qual Roxinol suaue
Se queixa pendurado de hum raminho
Com voz aguda, & graue,
Porque seu doce ninho
Lhe salteou o laurador mesquinho.

Nesta casta porfia
Do segundo heminêu se despresauà;
Euridice gemia,
Euridice, bradaua,
Com Euridicẽ, o monte retumbauà.

Hum odio excessiuo
As matronas Ciconias conceberão
Contra o Amante esquiuo;
E tanto que o colherão:
Em pedaços seu corpo às Aues derão.

Inda então sente ás magoas
Do marmoreo pescoço diuidid
A cabeça entre as agoas
Do Hebro reuoluida,
Que Eudirice chamou perdendo a vida.

Ay Euridice! brada
A desmayada voz, & a lingoa fria
Fugindo a alma cançada,
Euridice, disia;
Euridice a ribeira respondia.

Assi Protêo cantaua
A tragedia fatal do infausto amante;
Iâ na agoa se lâçaua:
E por donde arrogante
Se lançou: fez o mar onda espumante.

Afsi Protêo cantaua
A tragedia fatal do infaufto amantẽ;
Iâ na agoa fe lançaua;
E por donde arrogante
Se lançou: fes o mar onda efpumantẽ;

O D E IIII.

PRifaõ de canas Roxinol fuaue
Prouara em verdes annos;
Quando efpalhando graue,
Accentos foberanos,
fentio do Caçador duros enganos;

Voaua o Paffarinho liuremẽtẽ
Sem receo,& cuidado
Ledo como inocente:
Eifque no verde prado
Se vio entre maranhas enrêdado.

Alli exequias fes â liberdade
Dos ramos de hum falgueiro;
E agora com verdade
Sentindo o catiueiro:
Aos ares deu o canto derradeiro.

Pizando

Pizando vinha os jardins de Flora
Hũa bella Serrana,
Quidius. Que se aos valles fora,
Venceria vfana
As tres Deosas de forma soberana.

A qual tanto que viô que sospirando
O Passarinho estaua,
Vozes ao vento dando:
A elle se chegaua;
E das duras prisoẽs o desataua.

Alterna o Roxinol a lingoa de ouro
Com a voz delicada
Por verse em tal tesouro;
Que de neue animada,
Lhe dera a bella maõ cadea honrada.

Mostra doce prazer, gozo excessiuo.
Entre as maõs soberanas,
Porque cantas catiuo?
Ah simples que te enganas;
Pois cedo te haõ de dar prisoẽs de canas.

Assi foy, que de nouo o encerrarão
Em catiueiro de Aues:
Ay quanto lhe custarão,
Algemas tão suaues!
Inda que a bella Laura tinha as chãues!

Mudou em rouco accento o doce canto
Queixoso da ventura;
Tê que vio entre tanto
A prisão menos dura,
Que tudo o tempo remedéa, & cura.

Nullus dolor est quẽ lõginquitas temporis non minuat atque molliet, Cicero.

Iá dobraua mil passos de garganta,
Quando a Laura via;
Que em excellencia tanta
Delle não se esquecia;
E o doce mantimento lhe trazia.

Iá se mostraua alegre, & agradecido,
Quando Laura chegaua,
E em contraponto erguido
Mil requebros formaua;
E co tenro biquinho a mão beijaua.

Hum

Hum dia esteue Laurã descuidada;
E a porta destapando
Da prisaõ animada:
O Passarinho brando
Saindo fora, se escapou voando.

De perolas choueiro derrãmàraõ
Os olhos soberanos;
E o passaro culparaõ,
Que taõ cheo de enganos
Tiuera seus grilhoẽs por deshumanos!

Ay, diz pequeno Roxinol ingrato!
Bem digno de castigo;
Pois quando assi te trato,
Me foges Inimigo,
Sẽ cudar em teu dano, & em teu perigo!

Naõ tẽ lembrãs cruel q̃ em prado ameno
Dos laços te liurei?
Mas eu que te condeno?
Vingada me verei,
Quando prouares rigurosa ley.

Naõ era isto prisaõ acerba, & dura;
Leito de ebano, & louro,
De prata a cubertura,
Canas vestidas de ouro,
Esteos de marfim, rico tesouro.

Com minha boca ingrato te partia
Os maniares dobrados;
E quando te ouuia,
Viuiaõ meus cuidados
Sô de teu doce canto acompanhados.

Vaite, Vaite cruel ão verde prado
Que o caçador te espera
Por te ver enlaçado;
Ay olhos quem pudera
Ver posto este inimigo em prisaõ fera!

Estes queixumes Laura ao vento daua:
E o passaro escutando
A prisaõ se tornaua
Doce, amoroso, & brando:
Ay quanto pode hũa molher chorando!

Omnia didicit mulier lacrimis superare. D. Pet. Crisol ser. 76. D. Fulgent. l. 2. Mytho. D. Cyprianus de sing. Clericorum.

L ODE

ODE VI.



Plin. Aristoteles Iob.c.28. D. Ber. D. Aug. D.Chris.in Mat. D. Hilar. in Ps. 41. Eclef.8.12. Timot,6. Eclef.31.

O Metal reluzente
Que por māy teue a mais inculta (serra;
Por quē a humana gente
Viue em perpetua guerra,
Ay quantos males seu valor encerra!

Barrad.in Euāg. Plutarc.de Ang. Rogell.notandū quod scribit Paulus Diaconus de Rodoaldo Rege. Sueton. in vita Vesp.c.23. Alex. ab Alex.l.4.c.10. Erasm. cliad.3. adag. 13.cent.7.

Iâ fâs, jâ desfâs leis,
Mil vezes contra a regia integridadē
Tiranos torna os Reys,
Que com baxa vontade,
Poem nodoas mil na propria Magestade?

AEneid. 3. Propert.Ouid.

Por ficar com o tesouro
Mata ao Troyano Infante el Rey Treicio
Tarpea á vista do ouro
Concebe auaro vicio;
E entrega aos enimigos ō edificio.

Homerus. *Horatius.* *Lucanus.* Solus ferrū mortemque timere, auri nescit amor

O ouro vay seguro
Pello meyo das armas, & perigos;
Nāō teme forte muro,
Nem duros inimigos,
Nem cruas penas, & asperos castigos.

As fortalezas rompe
A ma rompe penedos com potencia;
As justiças corrompe,
Sem achar resistencia;
Duro poder! estranha violencia:

De Acrisio a filha amada
Em torre de metal duro, & constantẽ
Estaua encerrada:
Mas o Pay arrogante
Enganado ficou do grão Tonante.

Porquẽ emfim quando cria
Que tinha bem guardado o seu tesouro:
Iuppiter se fazia
Chuua de metal louro,
E entraua: Ah quãto podẽ chuuas de ouro!

Aurum, sunt arma quæ omnia superant. Acute, D. Ieronym. ad illud armati ascẽdentes fili, Israel de terra AEgypti illustri' ampliat Eugubinus, dum in Psal. ex heb; vertit: Inuenerunt manus suas viri diuitiarũ, &c.

Horatius.
Inclusam Danẽ turris ahenea robustæque fores, &c.

O D E VI.

TOrre atreuida quẽ rompendo mares,
Com as azas ligeiras
Vàs prouocando os ares:
Atẽ nas derradeiras,
Prayas ver tremolar tuas bandeiras.

Cassiodorus.

Pecuniam vitæ, cupidi antepo- nunt, delicatissi me ponderauit Drogo de Iuda proditore; Se ip sũ laqueo pecu- niam templo ad dixit. Sic ille.

Que gente he esta? a quem o Ouro atiça
 A sede venenosa
 Da perpetua cobiça?
 Doença taõ airosa
 Que fás a mesma morte saborosa.

Diuitiæ sũt aquã salsa, ideo sitim non sedant. pul- chre D. Thomas de regim. Prin. l.1.cap.9. Iuuen. Saty.14. Eclef.4 Cap. Sicut ij, dist.47.

Desejo insáciauel, & importuno
 Que atè ver o tridente
 Do Antartico Neptuno;
 Leuas a triste gente,
 No meo dos perigos taõ contente.

Trouxe da ardente esferá Prometeo
 O fogo com engano;
 E tanto que o meteo
 Dentro no peito humano:
 Se foy seguindo hum dano, a outro dano.

Teriamos ventura alta, & subida
 Se Prometeo quisesse;
 Se nunca em toda a vida,
 Esta estatua tiuesse
 Fogo de altos desejos que á mouesse.

Sagráda

* Sagrada fome do ouro reluzente.
Que tantos tens ſogeitos
Com mando preminente;
A que terribeis feitos
Naõ obrigas cruel os mortais peitos!

Oh dura geraçaõ! duros humanos!
Que males! que ruinas!
Que deſaſtres! que danos!
Cauſaõ das pedras finas
Ricos teſouros! eſcondidas minas!

Vede que eſtaõ as praias branqueiando
Com os oſſos de muitos,
Que em fado miſerando
Com olhos naõ enxutos
A morte foraõ dâr vitais tributos.

De quantos as feridas esfaimados
Os peixes jâ lamberaõ?
E os braços apartados
Dos corpos que tiueraõ,
Quantas veſes ſem dono appareceraõ?

* Virg. Auri Sacra fames. Sacra per antiphraſim. Sic paſsim humanis litteris. Lucus quia non lucet, Parcę quia non parcunt. Mūdus quia nō mūdus: bellum quia non bellū. Nec in ſacris teſtimonia deſunt. Iob. Benedic Domino & morere. i. Maledic. Elcana dedit partē vnam triſtis. I. Reg. I. .i. Lætus Authore Caet. Eglon dicitur craſſus nimis Aug. legit exilis valde. Miſit ſaturitatem in animas. Pſ. 105. Hebraice, Miſit maciem. Geneb obeſum pro Macro ponit. Apellauit ſterilem terram Chalube 3. Reg. 9. i. terrā germinantem interprete Rabano. Benedixit Nabot Deū i. Maledixit. 3. Reg. 21. Vide Xiſtū Senenſem l. . Bibliot. annot 125. Lyranum in expoſ. Morali ad. c. 12. Deut. Hierony. Epiſt. 100. ad Bonaſū; ſe ſe de bono homine gloriantes

Hora pois naõ fieis a curta vida
De hũa taboa ligeira;
Que dos mares comida
No meo da carreira
Morre com a esperança lisongeira;

Spes impiorum Euanescit. Iob. 8. Prouerb. 10. Isaie 28. 2. Machab. 2.

ODE VII.

Vôs que habitais as agoas
Do sacro Tejo Ninfas amorosas,
Vinde ouuir minhas magoas;
Naõ sejais rigurosas,
Com quem merece teruos piadosas.

Deixai as tellas de ouro
E as vrnas de marfim aonde morais
Neste verde tesouro,
E vinde ouuir meus ais,
Que eu fico que choreis se os escutais.

Ouui o rouco acento
De quem jâ cisne foy do vosso rio,
Que tocou o instrumento,
E cantou com tal brio:
Que fez dormir o aquoso Senhorio.

Ouui

Ouui exequias tristes
De quẽ vay buscar morte em mãos de au
Iá que outrora me ouuistes, (zencia;
Daime oje audiencia,
Vede de hũa Alma a eterna paciencia;

Dizei donde aprendestes
Alma minha hum sofrer de tanta dura? Enallage.
Ah quam mal escolhestes!
Que mal que tanto dura,
Cedo vos ha de por na sepultura.

Olhai não digã agente
Que aos males seguis,& os bẽs deixais;
Nas tristezas contente,
E que a tanto chegais,
Que da peçonha emfim vos sustentais;

Porem êste custume
Alma sò no sofrer vos tras quieta;
Bem como fas no lume
A simples borboleta;
Que atê não se queimar anda inquieta;

E ſaõ tais voſſas dores
Que andais Alma ſem culpa padécendo;
Que tenho por menores,
As que no lago horrendo
Os Tantalos,& Ticios vaõ ſofrendo.

Aſsi cantâua Anfriſo
Seu penoſo tormento âs Ninfas bellas,
As quais,deixando o riſo,
Trocaõ as verdes tellas
Em roupas negras,roxas,& amarellas.

ODE. VIII.

Horatius. Oh fons Blandusiæ ſplendidior vitro.

FOnte reſplandecente
Mais q̃ o vidro delgado,& criſtallino
Que com voſſa corrente
Criais o cheiro fino
Deſtas flores,& roſas,
Em voſſa companhia venturoſas.

Deſpenhando os criſtais
Por piçarras azuis ides correndo:
Quando amoroſos ais
Ao vento eſtão dizendo
As Aues namoradas,
Dos floridos raminhos penduradas.

O Melro

O Melro canta o baxo
Dando por entre a rama alegre sàlto;
Tenor canta o Cartaxo,
E o Roxinol contralto;
E da verde figeira
O tiple festiual, cantà a Milheirà.

Vôs fonte murmurando
O compasso fazeis a seus amores,
E com susurro brando
Estas rosas, & flores,
Pera vôs se estaõ rindo;
Que de graã, prata, & ouro as is vestindo,

Honra alegre, & frondosa
Vos deue o monte, o valle, & a espessura;
E na Veiga fermosa
Com flores, & verdura
Tapeçaria fina
A melhor de Achemenia torna indigna.

Das ramas o ruido,
Das aruores o docé mouimento,
O prado florecido,
O murmurar do vento,
Podem dar alegria
A qualquer sepultado em agonia.

Schamalexeos;
Enallage.

Sô

Sô meus escuros males
Naõ sabem afroxar minha tristezá;
Vendo estes frescos valles,
Iardins da natureza
Que as tristesas ausentaõ,
E as minhas, ay de nouo me ăcrecentaõ.

Por tânto ô fresca fonte
Ià qué sois Alma, vidá, & álegria
Deste verde Orizonte
Quando a corrente fria
Com musica de prata
Parece que despresa a calma ingrata:

Iâ que sois taõ ditosa
Que tocaruos naõ sabe á hora ardentẽ
Da sesta rigurosa,
Porque o raio feruente
Em vôs seus brios perde
Sendo vosso doce o freixo verde!

Horat. Ode. 13 Te flagrantis atrox hora caniculæ nescit tangere, &c.

Iâ que vossa agoa clara
He espelho das Almas venturosas;
Ia que a belleza auara
Das Ninfas rigurosas
Dos Satyros fugindo
Em vosso cristal puro se estâ rindo:

Naõ

Naõ quero fonte minha
Turbar com o pranto meu vossos cristais
Que vos fugirá azinha
Todo o bem que gosais;
E com minha figura
Perdereis vossa graça, & fermosura.

ODE IX.

O Pentem de marfim, & a Lyra de ouro,
De doces vozes musico tesouro
Em silencio estaua;
Que auia tempos mil que naõ cantaua
O soberano Orfeo
Que rochas abrandou, pedras moueo.

Perdidos choraõ seus contentamentos
As Ninfas que estaõ postos em tormentos
Por naõ ouuir tocar
O Instrumento doce, & singular:
Tambem chora, & sospira
O bosque, que mil veses o seguira.

Claudianus. Lugebant crepta sibi solatia Ninfæ.

Mas depois que de Inachia glorioso
Veo o diuino Alcides, & com goso
Pisou de Tracia os montes;
Alegraõse penhascos, & orizontes;
E Orfeo tambem te ouuias,
Por festejar da Patria as alegrias:

Escamente

Eſcaſſamente as chordas de ouro fino
Tocara o leue pentem peregrino:
Quando os doces acentos
Lançaõ brãdas priſoes aos vagos ventos;
As ondas ſe arrazaraõ;
E as correntes do Hebro os eſcutâraõ:

Os choupos vem decendo em companhias;
Nû fica o Hemo de aruores ſombrias;
Os robuſtos pinheiros
Traſem carualhos mil por cõpanheiros;
Os louros, & as faias
Vẽ corrẽdo em rebanhos para as praias.

Ardua nudato deſcendit populus Hœmo, & comitem quercũ pinus amica trahit. Claud. facit illa Maronis de Orpheo deſcriptio. Maronizat Horatius in arte poetica, & Ode.11.ad Mercurium.

Goſaõ nouã concordia os ãnimais:
Vôs Corças entre os Tygres jà brincais:
A cordeira inocente
Entre os lobos jâ vem ſeguramente;
E os ceruos, que vieraõ,
As garras de Maſsilia naõ temeraõ.

As lebres ſò do ar amedrontadas
Iâ vinhaõ entre os galgos confiadas;
Todos emfim eſquecidos,
Da natural fereſa, eſtaõ vnidos;
Nunca do Tejo ao Batro
Viraõ olhos mortais melhor teatro.

Canta

Canta Orfeo, que no berço inda minino
As cobras mata Alcides diamantino;
Do Pay fazendo fé:
Que já filho de Iuppiter ſe cre,
Quando em taõ tenra idade
Naõ temeo dos Dragoẽs a feridade.

Claud. Feciſti de Patre fidem, &c.

Vòs dos filhos das nuuẽs triunfais;
Vôs muros, & Cidades eſcallais;
Quando vos receberaõ
Stygias alagoas vos temèraõ;
Ao Cerbero venceſtes,
E atado em duros ferros o trouxèſtes.

Virgilius. Tu nubigenas inuicte bimẽbres

Ouid. lib. 9. Met.

Vòs naõ temeis a Hydra furibunda,
Com ſeus danos mais rica & mais fecũda
Ao Gigante Anteo
Tantas vezes cair naõ lhe valeo;
Que em voſſos duros braços
Lhe quebraſtes da vida os fortes laços.

Ouidius. & *damnis ditior illa ſuis.* Claud Non cadere Anteo non creſcere profuit hydre.

Mais firme eſteuẽ o mundo, & mais cõſtãte
Neſſes hombros gentis, q̃ nos de Athlãte;
O Porco de Erimanto
Cahio ſò com vos ver de puro eſpanto;
E o Leaõ Nemêo
A voſſas maõs com gloria morrer veyo:

Claudianus Firmior herculea mundus ceruice pependit.

Iſto

Isto ditto: o marfim pendura ao collo;
E já se começaua o preso Eolo
A mouer brandamente
Ià seu curso tambem segue a corrente,
Que estaua suspendida,
Com sonora lisonja adormecida;

Humeroque comanti, facundú suspendit ebur. Statius.

ODE X.

PErpetuas saudades
Diseime q̃ quereis a hum desterrado?
Peçouos que vos vades;
E me deixais coitado,
Contente de viuer desesperado.

Oh não visto exercicio!
Que em desesperaçoẽs me vou ceuando;
Fazendo sacrificio,
A meu tormento infando,
Que espero de vencer desesperando.

Virgilius. Vna salus victis nullam sperare salutem, &c.

Desesperando viuo
E do bem a esperança me atormenta;
Oh tormento excessiuo!
Que aquillo me contenta,
Que os danos, & as tristesas me acrecẽta.

Oh

Oh duros rudimentos!
Crime de concussaõ, multiplicado
Em vis entendimentos,
Balas me tem tirado
Vede que culpa foy? ser èstrellado.

Cap. Concussionis causa 1. q. 1. Glosa ibi. § Innocentium. l. 1. & 2. ff. de concuss. l. 1. ff. ad leg. Corneliam de fal. l: ex senatus consulto. ff. ad l. Iuliã de vi publi.

Ay como antigámentè!
Agouros tiue deste estado duro!
Ay que dizia a gente:
Tempo, cruel, & escuro
Te espera Anfriso meu pèra o futuro.

Teus olhos fontes de agoas
Estaõ pronosticando eternos mares
De desgostos, de magoas,
De penas, de pesares;
Se mais benigna estrella naõ prouarès.

Assi me lamentaua
O Pouo todo, que meu mal sentia;
Mas eu que os escutaua,
Sorrindo lhe dizia:
Se naõ viuesse triste morreria.

Por

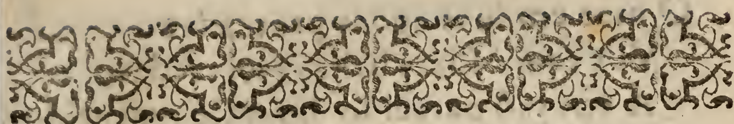
Por tanto ide fugindo
De mi ô ſaudades,& eſperanças;
Deixai que vâ ſintindo
Da ſorte as eſquiuanças;
Que naõ quero da vida outras bonanças.

Aſsi cantaua Anfriſo
Metamophorſis de honrã exercitando:
Quem he flor he Narciſo;
Naõ vay Almas dobrando:
Mas ſombras Nominais multiplicando.

Naõ ſofre o altiuo peito
As pinturas que admitte hũ verdẽ eſtado
Por naõ perder conceito
Heliodoro honrado
Entrã em diuerſos nomẽs disfraçado.

Affeaõ hum generoſo
As diſculpas de Auguſto em otra idade.
Por hum disfarſe honroſo
Naõ dourar a verdade,
Perde o Sorga tiâra,& dignidade.

ODE



LAVRA DE ANFRISO

Pello Letenceado Manoel da Veiga.

Liuro quarto das Odes.

ODE I.

CAmpos ázuis de eſtrellas ſemeàdos,
Veigas de prata, criſtallinos prados,
Taõ bellos, taõ fermoſos,
Que os olhos claros ficaõ duuidoſos,
Se moſtrais neſſas Luzes peregrinas
Ou roſas de ouro, ou de criſtal boninas:

Parece que fazeis ricas grinaldas
Com ramos de Luzentes eſmeraldas,
Pera vos enfeitar;
Seruindouos de eſpelho o largo mâr,
Onde ſoberbas, & vangloriosas,
Se eſtaõ vẽdo as eſtrellas mais fermoſas.

O mar em ſuas agoas praceadas
Vos tem ô luzes bellas retratadas,
A vòs taõ parecido hum Ceo mentido
Que eſtâ repreſentando:
Fingidas, & fantaſticas eſtrellas,
Ah como ſois ditoſas agoas bellas!

Vòs neſtas falſas, & appatentes flores,
Vôs neſtes mentiroſos reſplandores,
Suſtentais voſſas glorias,
D. Aguſt. Petrus Damianus. Ay daquelle que em tragicas memorias
Viue lembrado do eſtado antigo!
Pera ter môr tormento, & mor caſtigo.

Vòs daquelle alto reſplandor ſuperno
Aueis de ſer eſpelho quaſi eterno;
Nem em voſſa eſperança
Temereis da fortuna a eſquiuança;
Ay de quem vio do fado a violencia!
E ſentio da fortuna a inſolencia.

Ay de quem foy eſpelho em algũ tempo!
(Quem vos pos azas doce paſſatempo?)
De dous olhos fermoſos,
Mais que as claras eſtrellas luminoſos,
Que o ſol ao meyo dia eſcurecendo,
De contino nos meus ſe eſtauaõ vendo.

Dize

Dizei olhos se vos escurecestes
Aquellas Luzes, como naõ tiuestes
A constancia, & firmesa,
Iá que as imitastes na belleza?
Ah ligeiro praser, gloria de instantes!
Que ellas saõ fixas, vôs fostes errantes.

Por tanto doces horas apressadas,
Que em taõ largo tormẽto estais trocadas
Pella gloria perdida
Irey gastando em pranto a triste vida;
Esteja o mâr as luzentes retratando,
E ellas nelle se estejaõ enfeitando.

Vedeuos no alto mâr campos de prata
Em quanto em suas ondas vos retrata;
Que eu desta nâo fermosa
Contemplarei a esfera luminosa,
Que com doce mentira, & bello engano
Offerece a meus olhos o Oceano.

Vedeuos ô estrellas enfeitadas,
Sô de vossa belleza namoradas,
Neste espelho sereno,
Que ao viuo represenca o doce acéno;
Pois sobre elle as pestanas meneando,
Com silencio vocal lhe estais falando.

Eterna, eterna vossa gloria seja,
Que eu luzes altas naõ vos tenho inueja;
A mi sô ma tiueraõ
Minhas fortunas que olhado me deraõ,
Mas como me fez vidro a sorte escura;
Mal podia durar minha ventura.

Qual o espelho terso, & cristallino
Posto nas maõs lasciuas de hum minino,
Que vendoo reluzente,
No chão cahir o deixa facilmente,
E depois rindose, & mouendo os braços,
Se estâ vendo contente nos pedaços.

Tal eu, fuy noutro tempo espelho viuo,
Nas maõs me trouxe o minino altiuo:
E com nouos rigores
Vendo de minha luz tais resplandores,
Me foy de pura inueja desfazendo:
E agora em meus pedaços se anda vendo.

Eu me alegro minino deshumano
De me tratares com taõ feo engano;
A vida mudarey;
E enfim desenganado viuirey:
Que de amor, & fortuna altos fauores,
Saõ vidro fragil, falsos resplandores.

O ani-

ODE. II.

O Animo guerreiro
No meyo dos perigos de Mauorte
Ha de ser o primeiro,
Que desprezando a sorte
Tenha por doce vida a honrada morte:

Quaõ doce, & quaõ fermozo!
He morrer pella patria esclarecida!
Oh risco venturoso!
Pois perdendose a vida,
Fica ganhada quando mais perdida.

Dulce,& decorũ est pro patria me ri. Hrat. l.3. ode.2.

A morte ineuitauel
Segue com arco,& settá aos humanos;
Nem perdoa exorauel
Aos fugitiuos annos
Os couardes taõbem sentem seus danos:

Alciatus Viegas in Apoc.14. Hor.

Por tanto com seu braço
Queira fama ganhar quem isto entende;
Vestindo o forjado aço:
Que a vida que defende,
Entaõ se menos dura, mais se estende:

Silius Italicus. Senec. Ouid. Propertius. Terent.

Bradaõ de Grecia os montes
Achylles valeroso eternizando
Nas prayas, & nos montes
De Troya, naõ cessando,
Heitor, Heitor, os echos vaõ chamando.

Suspende o patrio Meles
Homero em tuba clara, & sonorosa,
Eternizando aquelles,
Que em idade ditosa,
Morreraõ pella patria gloriosa.

Liura de vrna lethea
Valentes peitos, Almas soberanas
A Mantuana vea:
Quando canta as Troyanas
Bandeiras imortais, Aguias Romanas.

Iustinus l.2. M. Tul.1. Tusc. Val. Max. l.5. c.6.

Em eterna memoria
Ficaraõ Codro, & Curcio eternizados;
Dignos de grande historia
Saõ os Decios ousados,
Pella patria mil veses arriscados.

Hora

Hora pois Lysia gente
Altos peitos de bronze, & de diamantẽ;
Mostrai, mostrai contente
O animo arrogante,
Nos mayores perigos triunfante.

Homerus Lusitanus in Lysiad.

E o rosto que se ensia
Fazey com que appareça ledo, & inteiro;
Quando ardente assouia
O pelouro guerreiro,
As entranhas rompendo ao Cõpanheiro.

Não temais gente ousada
Pois vos promete a Musa Lusitana
Hũa Lyra dourada,
Cuja voz soberana
Ponha em silencio, a Grega, & a Romana,

O D E III.

DOces canções dizendo
* Purpureos cisnes pello àr voauaõ,
Couche de ambar voluendo,
No qual Venus leuàuaõ;
Pera os montes Idalios caminhauaõ.

* Purpureos olores vocat Horat. id est pulchros vide Lambinũ, delrio, & lacerdã ad illud. Virgil. *lumenq; iuuentæ purpureum, &c.* Etsi mauis purpureos. i. albos de alba enim purpura fecit Plutarcus mẽtionẽ sicut de niue rubescente Plin. 11. c. 38. quod illus ttat Gualtẽ in 1. Oden. 4. Orat. l. 4. tãdem possunt appellari purpurei per synedochen, partem enim purpuream habent. Cãcerus l. 5 Nouar. lect. ex Ioue Euripedis sic profert: *Non alio pedem mouebis purpureum.* Nam præcedenti versu dixerat: Alius cygnus ad aras admonuit se.

 Iá

Iâ a Deosa diligente
Pizando o prado deixa o carro leue;
Iâ vem ledo, & contente
Beijarlhe a maõ de neue
O filho que a render os Ceos se atreue.

Ella que confiada
No regaço de Ambrosia o recebiá,
Mostrandose tocada
De temor, & agonia,
Falando desta sorte lhe dizia:

Filho, minha potencia,
Filho, que as armas de Tifeu desprésas;
E fazes violencia
As mayores Altezas;
Pois teme o mesmo Pay tuas grandezas.

Diony. Halicar. l.2.vet.rerum.D. Atan.Orat.cõtra Idol.D.Cle.Alex Orat.cõtra gent. D.Chris. tom.4. ho.26. 2.Corint. 32.D.Hie.in Isaí. c.2. Tertul. l. 1. contra Marcio.

Saberás filho amado,
Que por odio cruel da iniqua Iuno
Tem Eneas prouado,
De Eôlo importuno
Duro furor, nos reynos de Neptuno.

Restaõ escassámente
Sete nâos dentre as ondas arrancadas;
Mas Iuppiter potente,
Quantas foraõ tragadas
Lhas tem restituidas,& tornadas;

Iâ agorà as prayas piza;
Iâ na cidade mil banquetes goza
Com a Rainha Elisa:
Mas temo a Deosa irosa,
E aos Tyrios de lingoa duuidosa.

Por tanto filho meu
Porque Dido jà mais faça mudança
Importa o braço teu;
Filho minha esperança,
Agora o tempo he de setta,& lança.

O minino Real
Minha lembrança,& vnico cuidado
Ao passo Imperial
Serâ oje chamado,
De Eneas,& de Elisa desejado,

Tu

Tu pois ſeus olhos bellos
Veſtiràs,& ſeu collo peregrino,
As faces, e os cabellos:
Tu minino diuino
Reprezentando iràs a outro minno.

Eſtas couſas ordeno
Porque inſpires á Dido em dũro laço
Hum ſuaue veneno
Quando ella em ſeu regaço
Te dèr oſculo doce,& doce abràço.

Com moſtras praſenteiras
A bella Mãy o filho obedeciá;
Deſpe as azas ligeiras;
De Aſcanio ſe veſtia;
Como Aſcanio falauã,& reſpondiã.

Iâ caminhá contente;
Iá nas ſalas reais de Dido entraua,
Onde a Tyria gente
Com Troya ſe alegraua;
E de ver ao minino ſe eſpantauã.

Depois

Depois de recebido
Ao Pay ſe foy os braços eſtendendo;
Ao Pay falſo, & fingido,
E hum grande amor enchendo:
A Raynha ſe vay que eſtaua ardendo.

A qual com nouo gozo
Em ſeus braços gazalhos mil fazia
*A Aſcanio mentirozo
Ay que naõ entendia
Quaõ cruel Deos nos braços recebia!

Mas elle bem lembrado
Do que a May Acidalia lhe diſſera;
Iâ tem fogo inſpirado;
Iâ Dido de amor fera
*Arde, morre, blasfema, & deſeſpera.

Oh Deos fero, & tirano!
Oh mentiroſo, falſo, & liſongeiro!
Que com ſettas, & engano,
Iâ brando, jâ guerreiro,
Poẽs noſſa vida em duro catiueiro.

*Virg. Inſcia Dido inſideat quã- tus miſere Deus. &c.

*Furẽtes Amor efficit poſſeſſor. Virg. Æneid. 4. Ouid. in Epiſt. Helen. ad Parid. & Metam. 10. Eſt & textus hanc aſſum. ſororẽ me vocaſ. in c. Grẽ. in iuuentute de præſumptionib. tex. in Authent. quo modis nat. eff. legitimi. §. Illud. cui aſſenti- tur Socratis li. 3. Platonis de Rup. Tull. li. 4. Tuſc. ſicque perfecte Phiſicæ eſt hanc aſſum. cohibere. Bald. in l. preci- bus col. 6. verſi. quid ergo. C. de impub. & alijs ſubſt. quẽ ſequi- tur Franc. Curt. ſenior, Cõſil. 76. ſuper luerſia. c. 3. verſ. tranſeo ad 2.
Ecleſ. 19. Apulc. Alciat. Emb. l. 113 Pierius Val. l. 48. cap. de laqueo.

Os

Ioseph.de antiq. lib.11.cap. 3. Natal comes. Homer.l.4. Illiad. Aug. l.4.de ciuit Dei.c.27. & 8.c.r.10.

Os cetros, as coroas,
Os coraçoes de imperio, & mageſtade,
Tudo cruel magoas;
Ay que toda a vontade,
De tuas almas ſente a poteſtade.

Quaõ bemauenturado!
Aquelle ſe dirâ que viue izento!
De teu arco frechado
Tendo em ſeu penſamento,
Doces memorias de contentamento!

O D E IV.

MOrtifera doença
De hũa Alma nobre os laços diuidia.
Tolheſe a lingoa fria,
E aſsi declara mais a magoa immenſa;
Pena cruel, & intenſa
Catiuos tinha todos os ſentidos,
Que com mudas raſoẽs, triſtes gemidos,
Por fora bem moſtraua
Quanto a alma inocente atormentaua.

Ay qũaõ trocada tinha!
A testa de marfim, & ás faces bellas!
Eclipsaõse as estrellas
Vendo a ligeira morte tão vizinha!
Ay olhos quaõ azinha!
Vos deu olhado o tẽpo, & à sorte escura!
Pois que vos chego a ver nà sepultura
Em vossa primauera
Sem vos poder dâr vida: ah quẽ pudera!
Que he isto breues glorias?
Como assi vos passais taõ de corrida?
Que cometeo tal vida!
Pera em sy ver tragedias tão notorias.
Oh Ingratas memorias!
Oh como me trareis atormentado?
Quando por maior magoa for lembrado
De *L*aura esclarecida,
Que vejo em cinza quasi conuertida.
Ontem glorias contentes
Mas forão para mi glorias de instantes;
Oje duras mingoantes,
Mingoantes que jà mais terão crecentes,
Ontem resplandecentes
Os rayos deste sol: oje eclipsados;
Ah quantas vezes campos estrellados
Comigo à competencia
De Laura chorareis a eterna àuzencia!

Quantas

Quantas vezes lançando
A vossas veigas os fermosos olhos?
Se forão os abrolhos,
Em rosas encarnadas transformando?
Ao virar doce, & brando
Cos resplandores de hum celeste siso
Fez brotar flores o modesto riso;
E as palauras suaues
Detiuerão o vento, & as altas aues.
He posiuel grandeza
Que vos vejo trocada em sombra escura?
Esta he a fermosura?
Que eclipsaua a humana nâtureza?
Esta he a belleza?
Onde a graã, & o marfim o assento teue?
Os beiços de coral, testa de neue?
E as cores graciosas?
Como quando no leite nadaõ rosas?
Estas as luzes bellas?
De quem o sol dourado confessou?
Que vencido ficou?
Tanto que vio na terrá tais estrellas?
No Oriente as tellas
Escondia de inueja a branca Aurora,
Dizendo com sospiros· senaõ fora
Quem vence minhas cores,
Mostrara confiada os resplandores.

Propertius, Vtque rosæ puro lacte natant folia.

Este he o entendimento?
Que o das mais altas Aguias excedia?
E aquillo comprendia,
Onde naõ chega humano pensamento?
Este he o firmamento?
Onde duas inimigas se iuntàraõ
Bellesa com virtude? & se abraçaraõ
Com taõ estreito laço:
Que nunca diuidiraõ o docé abraço?
Ao celèste emisferio
Sem my vos ides Laura soberana?
Oh Atropos insana!
Quem pudera deter teu duro imperio!
Daquelle monte Aerio
Triste me lançarei nas verdes agoas;
Que naõ acho remedio a tantas magoas,
A tormento taõ forte,
Senaõ nos braços da jucunda morte.
Em mi, em mi emprega,
Oh cruel Libitina! o golpe esquiuo;
Pera que he ficar viuo?
Quando Laura seus olhos já te entregá.
Suspende surda, & cega
Suspende tua espada diamantina:
Deixa que esta belleza peregrina
Goze seus verdes annos,
Sem prouar ante tempo teus enganos.

Petratcha in Laura Due gran inimiche erano agiunte, Bellesa i honesta com pace tanta, che già mai rebellion le anima santa, &c.

Estes

Eſtes queixumes daua
Anfriſo triſte, com que o Ceo rompia,
E a morte que os ouuia
O furioſo golpe retardaua.
Iâ Laura em ſi tornaua;
Moſtrando o bello geſto mais contente,
Como quem ſeus tormẽtos menos ſente;
Ià liure de receo
Anfriſo, nos ſeus olhos punha o freo.

ODE. V.

SObre hum caluo rochedo
O ſem ventura Anfriſo ſe âſſentaua;
Quando no aruoredo
O vento murmuraua;
E com brando ruido;
O Tejo paſſa quaſi adormecido.

Toma nâ maõ a Lyra
Secretaria fiel de ſeu tormento
E cantando ſoſpira,
Eſcuta o freſco vento,
Eſcutaõ os orizontes,
As cabeças inclinaõ os altos montes!

Ay, diz, paſſadas glorias!
Que inda agora me eſtaõ atormentando
Voſas duras memorias;
Ay fado nunca brando!
Crueis golpes eſquiuos,
Diluuios de tormentos exceſsiuos!

Hora pois vida eſcura
Em quanto me ſois morte prolongada;
Quero neſta eſpeſſura
Fazer minha morada,
Os fados eſperando,
*Minhas proprias exequias celebrando.

Aqui iunto à eſta faya
Com cujas folhas o laciuo vento
*Eſtà juncando a praya,
Cantarei meu tormento
Que bem ſerà baſtante
A enternccer penhaſcos de diamante.

Aqui viraõ correndo
Pera me ouuir chorar tygres Hircanos,
A fereſa perdendo:
E os leoẽs Africanos
Ouuiraõ minhas penas
Com doces moſtras, brandas, & ſerenas.

Pænitudinem af fert & tamquam fumus præterit mundi gloria. 1. Cor. 7. D. Baſ. in Pſ. 33. Boet. de conſol. lib. 3. pro ſa 7. Horat. Epiſt l. 1. ad lolium. D. Baſ. hom. 13. de exort. ad bapt.
*Confabulabor cũ amaritudine animę meę. Iob. 7.
*Licet ripa proprie ſit amnium, & littus maris; illud tamen de mari Pontico Plinius vſurpauit, l. 18. *Ibini dextra ripa intrant læua exeunt.* Homer. Odyſſ. 1. *inſũt prata cani maris ad ripas,* pro ad littora vt Euſtathius annotauit.
Horat. Ode. 27. l. 3. AEquoris nigri fremitum & trementes verbere ripas.
Qui etiam fluminum littus dixit. Ode. 2. l. 1. vidimus flauum Tyberim retortis littore Hetruſco violenter vndis. Fauet Seruius in 12. Eneid. cui littus eſt omnis terra aquis vicina ſiue fluuialibus ſiue marinis.

Aqui Phebo me eſpera
Na cabeça trazendo a honra agreſte,
Tecidas folhas de hera
Com ramos de acipreſte,
Veſtindoſe de luto,
Vendo que â morte dou vital tributo.

Aqui na rocha dura,
Nas aſperas entranhas de hum penedo,
Se me abra a ſepultura,
Onde moſtre com o dedo
O ruſtico Syluano,
O rigor de meu fado deshumano:

E por memoria honrada,
Fiquem as grandes notas eſculpidas
Na pedra aleuantada;
Porque poſſaõ ſer lidas
Do laſſo caminhante;
E a vella enfrêe o vago nauegante,

Alienis felicitatibus inuidia ſaginatur. Cypriã. Bernard. Rabbã. D. Aug. in Pſ. 119. D. Criſolog. Ioſephus Abulẽſis D. Ioãn. Damaſc. Peres in Epiſt. ego ſum eſca furoris, inuidæſq; prędà.

Neſta lagem ſombria
Deſcança hum ſem ventura peregrino;
O qual quando viuia
Por força do deſtino,
Com crueldade ſobeja
Foy aluo de furor, preza de inueja.

Là mais hum breue instante
Soube que cousa foy contentamento
Crauos de diamante
De perpetuo tormento
A alma lhe pregàraõ,
Com que na vida inferno lhe causaraõ.

Quando em reino spumoso,
Do dia sepultura christalina
O sol bello, & fermoso
Os cauallos reclina;
O mundo descançaua,
E elle sospiros mil aos ares daua.

De sua amarga vida
Fez a fortuna ingrata carro altiuo;
Atè que a alma afligida
Em tormento excessiuo
Arrebentou com dores;
Dandolhe morte vil seus resplandores.

Horatius,

Ingenij splēdor sępe nocet vt in Dędalo apud Xenofontē videre est, & apud Iuuenalem de Græco, & Romano oratore.

Por tanto ô caminhante
Se foste em tempo algum tiranizado
De fortuna arrogante;
Naõ te seja pesado
Dizer passando em breue:
Sejate pastor triste a terra leue.

ODE VI.

CAntor de branca neue
q̃ em quãto o Rey dos rios vây pas-
Largais ao vento leue (sando,
O contraponto brando
Vossas proprias exequias celebrando:

Vitæ longęuitas in pænã. D. Amb. l. 2. de Cain. c. vltimo. D. Ierony. Epist. ad Damas. Ioseph. de bello Iud. l. 6. c. 11. Tertull. l. 2. contra Marc. c. 25. Albinus ad genus. 4.

Quanta inueja vos tenho!
Pois morrendo acabais a triste vida,
Que eu cansado sostenho
Taõ penosa, & comprida:
Quando has de vir ò doce despedida?

Soltais a vóz contente
Por ver chegada a meta aos breues dias

Martialis.

Viuendo alegremente
Iunto das agoas frias
Em doces cantos, puras alegrias?

Com tudo achâis cançáda
A mesma vida, em deleitosos annos;
Ay que farâ coitada!
Hũa alma em tántos dános?
Que tem sofrido golpes deshumanos?

Vem

Vem pois ô morte eſquiua!
Porque tardas cruel a meus intentos?
Porque queres que viua?
Entre tantos tormentos?
Ay ſorte eſcura! Ay fados auarentos!

Acabeſe â carreira;
Vem morte para my taõ vagaroſa,
Quanto a outros ligeira;
Oh morte venturoſa!
Em que ei de deixar vida taõ penoſa,

Cito mori felicitatis genus eſt acute Viegas ad illud. Tren.4. Maior effecta eſt iniquitas populi mei peccato Sodomorum, quæ ſubuerſa eſt in momento, Pagninus ex heb. ad illud Pſ.72. non eſt reſpectus morti eorum.

Mas vindo em meu ſocorro
Vem morte taõ cuberta, & eſcondida,
Que naõ ſinta eu que morro;
Por gloria taõ ſubida
Me naõ tornar de nouo à dar á vida.

ODE. VII.

AH venturoſos annos!
Como vos alõgais de hũ ſẽ vẽtura!
Moſtrandome os enganos,
Que minha ſorte dura
Por dobrar meus tormẽtos me procura.

Passouse à idade de ouro,
(Oh apressadas horas mais que o vento)
Em que vi meu tezouro:
Mas ay duro tormento!
Em caruaõ se torna me num momento!

Oh cruel Libitina!
Que armas cilada aos tẽpos deleitosos,
Ouue agora benigna
Estes ais lastimosos;
Naõ fujas dura morte dos queixosos.

Mors insidiatrix eius dies incert' Isaiæ.38. D. Ber. D. Aug. D. Greg. in Iob.7. D. Chrs. D. Ieronymus. D. Ephr. Eccles.9 Barr ad pulch. ad illud: sciens quia venit hora eius.

Fortuna porque erro?
Me das a penitencia taõ comprida:
Acabesse o desterro;
E tu Parca homecida
Cortame os fios desta amarga vida.

Mas se com o sofrimento
Faço môr sacrificio ao golpe insano:
Choua, choua o tormento,
Renouemse cada anno
Os seculos, & idades de mẽu dano.

Remouense

Renouẽnse âs idades
Que teatros serão de minhâs dores;
Chouão aduersidades;
E os fados vingadores
Ordenem por meu mal penâs mayores.

Estás penás sofridas
Terei por da ventura claro indicio;
Se tiuera mil vidas
Neste nouo exercicio:
De mil vidás fizera o sacrificio!

Más ây que digo & choro?
Cobiçoso de achar tempos infaustos?
Fortuna que te adoro?
Se os sentidos exaustos
Tenho, por fazer dalma os holocaustos?

Aqui tẽs vida, & alma,
Despois ah cruel de teus rigores;
Leua, tu, leua a palma:
Que eu fico com as dores,
De não te poder dàr prendas maiores.

ODE VIII.

DEdala primauera,
Que cõ vario pincel os cãpos pintas
De flores taõ distintas;
Que a estellante esfera,
Por ellas seus cristais trocar quisera.

Aqui na fos do rio
Que de aljofar luzente á erua esmalta,
Com soberba mais alta
E auentejado brio
Mostraste mais poder, mais Senhorio.

Aqui as rosas bellas
Claud. Com resplandor sanguineo debuxaste,
Aqui a praya ornaste
De flores amarellas,
Por dar ao claro rio altas capellas.

Aqui com maõs airosas
Et violas dulci ferrugine pingit. Hũa doce ferrugem descobriste,
Com que bella tingiste
As violas fermosas,
Com taõ suaue cor mais graciosas.

Aqui às flores finas
Purpura alegre, & toga branca deste,
Com que o prado se veste;
Oh cores peregrinas!
Purpura os crauos tem, toga as boninas.

Aqui leda, & serena
Tomaste em tuas maõs pincel de leite,
Por dar sublime enfeite
A fermosa açucena,
Cetro imperial da praya amena.

Aqui de ouro animastes
Cheirosos goiuos, crauos amarellos,
Aqui os jasmins bellos
De prata matizaste;
Aqui o corno rico derramaste.

Aqui o prado rindo;
Aqui o Rey das flores murmurando
Zefiro fresco, & brando
Por entre o pouo lindo,
Suas nectareas penas sacudindo;

Aqui em quanto as agoas
Correm por baxo deste pallio verde;
O sol a força perde,
Quando chorando magoas
Arde o mundo todo em viuas fragoas.

Oh tempo venturozo
Do anno juuentud, bella, & fermosa!
Tu para sempre goza
Este campo cheiroso,
Florido imperio, reino gràcioso:

Ditosos os pastores
Que em santa emulaçaõ, doce porfia,
Soltam â sombra fria,
Recostados em flores
Bucolicas cançoẽs de teus louuores!

Horatius in Epodon.

Elles â competencia
Gosem este jardim cantando, & rindo;
Que eu de gostos fugindo
Vou fazer penitencia,
Por me vingar do amor ẽ maõs de ausẽcia

ODE IX.

GOlpes, & enganos de fortuna auàra
Em citara queixosa,
Numa praya arenosa
De hum rio que passaua,
O sem ventura Anfriso aos ares daua.

Duas fontes corriaõ de seus olhos
Affinando o tormento
Em seu triste instrumento,
Com tàõ doce armonia,
Que a corrente das agoas suspendia:

Ay, diz, Fortuna varia, & fementida!
Que tàõ mal me trataste!
Pois que me derrubaste
Daquelle alto estado,
A que tu naõ me tinhas leuàntado.

Sé tua roda fatal me sublimasse
Nunca eu me queixara
Quando me derribara;
Que he esta tua empresa,
Derribar a quem poés no môr altezà.

Fortuna nullo ordine res humanas regit. Senec. trag. 4. act. 3. Philosoph⁹ . l. de trãquillitate animi c. 11. Curtius. li. 7 Valer. Maxim. l. 6. cap. 11. & Alij innumeri qui omnes fortunæ arguunt inconstantium tange Pierium. l. 39. titulo de quadrato. Plutarch. in vita Solonis.

Seneca; Quidquid in altum fortuna tulit, ruitura leuat. Tolluntur in altũ, vt lapsu grauiore ruant. Claud.

Elegãter Plin. de Tullio: salue primus in toga triumphum linguęque lauream merite Imperatoria longe pręstantiorẽ, quanto augustius est Romani ingenij terminos promouisse, quam imperij.

Quem fréos do teatro moderauã
Rey da Herculea Athenas
Deueo do estudo as penas;
Mais he estender Tiberio
Os limites do engenho, q̃ os do Imperio.

Magnis hominibus inuidentis fortunę vicissitudinem carpit elegãtissi me, & exẽplis cõfirmat optimus antiquitatis indagator Emmanuel Seuerim de Faria in vita Luduuici de Camoẽs fol. 129.

Mas ah que sem que deuã os resplandores
O estudo a tuas obras,
Duros tributos cobras
De Sabios eminentes,
De Reys, & Emperadores excellentes.

Historias funditus emedullat Poeta triuialis 4 de ponto eleg. 3

Quem te deu tal potencia ô deshumana!
Que naõ aja esfera
Onde tua espada fera
Quando ao golpe te inclinas!
Naõ vomite desastres, & ruinas.

Suetonius in vita ipsius. c. 55.

O Monarca do mundo esclarecido
Vay sogeitando França,
Numa maõ leua a lança,
Noutra a pena, & sciencia
Igoalando dos Tullios a eloquencia.

Iá entrá triunfante em Romá altiuá;
Mas ah se hora soubesse
Que a fortuna lhe tece
Golpes do tempo auaro:
Ay que se hà de eclipsar hũ sol taõ claro!

Daqui a pouco áquellá Deosa ingrátá
Pagareis o tributo,
Porque Casio,& Bruto
Vos veraõ no senado
De vinte & tres feridas tráspassado;

Suetonius in vita Iul. Caes. c. 82.

Lesbiá rẽgra fatal, Dedalio torno
Ao Capitolio altiuo
Quantas maõs deu esquiuo?
Que em borroẽs que lauraraõ
Palinceſtros de sangue adiuinhàraõ.

O nomẽ de Pompeo aos Ceos subido
Temeraõ geralmente
Fasis,& a linha ardente,
Siene peregrina,
Que de nenhum lugar a sombrá inclinã:

Lucanus.
Vmbras nusquã flectente Siene.

Ouuio

Ouuio o mõte Tauro, & o mar de Atlante
Suas grandes vitorias;
Mas taõ ſublimes glorias
Que ſeus feitos ganharaõ,
Nos campos de Sarſalia ſe acabaraõ.

De inſtabilitate fortunæ. Triſtiũ l.3. eleg.7. Horat. Fortuna ſęuo læta negocio, &c. Alciatus, Auſon.

Emfim todos te temem vil fortuna
Os Sabios, & os Senhores
Paſſaõ a vida em dores:
Que ſe ſaõ vidro as glorias,
Tu lhas podes quebrar. Ay q̃ memorias?

Tuli. 5. Tuſcul.

Quãdo em trono purpureo o Rey ſe aſſẽta;
E de ouro ſe coroa:
Ay como ſe magoa!
Pois que ve tua eſpada
Sobre ſi de hum cabello pendurada.

Eloquio ſed vterque perit Orator, vtrumq; largus & exũdãs Letho dedit ingenij fons. Iuuenalis.

As lingoas de rubins Grega, & Romana
Que nectar deſparziaõ
Ay que de ti tremiaõ!
No baſilico empenho
q̃ por algos lhe deſte o meſmo engenho!

Aſsy

Assy culpaua Anfriso a Deosa fera,
Os montes atroando,
Que ficaõ retumbando
Com os sonoros acentos,
q̃ eraõ freos do mar, grilhoẽs dos ventos!

A cytara suaue jà deixaua;
E Sobre a terra fria
Desmayado cahia
Entre as flores bellas,
Pondo os olhos serenos nas estrellas:

Forma mudas resoẽs de seus queixumes;
E fazendo do pranto
Hum nouo, & triste canto,
Ficou cantando em calma:
q̃ as lagrimas taõbem saõ voses da alma.

ODE X.

PEllos montes, & bosques de Diana
Vi hũa bella Nynfa soberana;
Alparcas de ouro fino,
A donde os graõs de aljofar peregrino
Com arte semeados,
Estauaõ de rubins acompanhados.

Do hombro o arco de ouro lhe soaua;
Prenhe de setas apintada aljaua;
Cinto de diamantes
Em nô colhia as roupas roçagantes
Taõ alegre, & ligeira,
Que vence os ventos leues na carreira.

Se pellas sementeiras coroadas
Mouesse a Ninfa as plantas delicadas;
Taõ ligeira correra
Que nem inda as arestas offendera;
E se no mâr entrara:
Apenas o cristal cos pés tocara:

Virgil. Illa vel intactę segetis per summã volaret gramina nec teneras cursu lęsisset aristas.

De seus cabellos fas lisonjás de ouro
O âr, que por tocar no graõ têsouro
Se enreda liuremente
Nos laços, que no collo transparẽtẽ
Roubaõ a cor ao dia,
Que vendo rayos tais se escurecia.

Hũa fera ẽtrẽ os ramos diuisaua;
E a maõ metendo na sonora aljaua
Das settas tirou hũa;
E as pontas apertou da eburnea Luã;
Despedindo arrogante
Pellos ares o rigido diamante.

A inocente fera que aguardando
Està o mortal tiro cego,& brando,
Chama ditoza â ſorte,
Que lhe ſoube trazer taõ doce morte
Ià cahe entre as feridas
Tẽdo altiuà ambiçaõ de dar mais vidas.

Os alemos ſoberbos,& fermozos,
Que ſaõ aluo dos tiros venturozos,
Com nobre preſumpçaõ
Na ſeta eſtaõ beijando aquella maõ,
Que ou he neue animada,
Ou do marfim mais puro foy formada.

Aſsi vay triunfando a caçadora,
Mil inuejas fazendo à meſma Aurora;
Taõ bella, como eſquiua;
A todos quantos ve todos catiua,
Settas tirando a molhos:
Porem as que mais rendem ſaõ dos olhos.

E com ſer na belleſa peregrina
Tem condiçaõ,& alma adamantina
Sò nos boſques,& prados
Guarda ſeus penſamentos,& cuidados,
Deſprezando os paſtores
A quem dura,& cruel matou de amores.

Ouid. Dat facies animos,&c. Idẽ li. faſt. ſic Tibul. l' Ponç. Propert. quibus concinit Ezechiel. c. 28. D. Chri. ho. 20. in Epiſt. ad Epheſ. Egiſipus. l. 10. de excidio Hieroſ. c. 38. Ioſeph. de antiq. Artemid. li. 2 de ſomniorũ interpret. c. 20.

O Ao

Ao Lobo ſegue a Liôa iroſa
O Lobo ſegue a cabra temeroſa: Bucolicon.2.
Vay em toda a idade
Guiando a cada qual ſua vontade;
Os paſtores ſeguindo
A eſta fêra, que delles ſe vay rindo.

Quem ordenou taõ aſpera ventura?
Que naceſſe de hum parto a fermoſura
Com a dura eſquiuãça? Veiga in Arcad.
Oh peſo deſigoal! cruel balança!
Oh tormento inſofriuel!
Que vamos ſempre a caça do impoſsiuel!

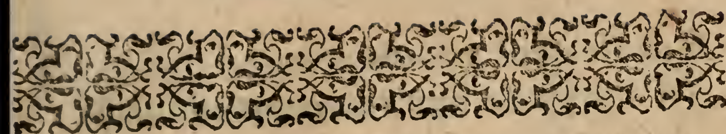
Se os bẽs todos tem azas Alma minha:
Buſquemos outro bem, que mais azinha
Podemos alcançar,
Bem verdadeiro, eterno, & ſingular,
Fermoſura infinita,
Com cujo ſangue ô alma andais eſcrita.

Bona mundi fugacia acutiſsime D. Criſol. ad illud: video arbores ambulantes.

D. Aug. ad illud ſimilis factus ſũ Pelicano ſolitudinis. Pſal. 101.

Deixai que ande bebendo ſeus enganos
Quem naõ vio inda ſantos deſenganos;
Porem vos que abriſtes
Os olhos, com que mil miſerias viſtes,
Buſcai bẽs de mais dura;
Deſpreſai a caduca fermoſura.

LAVRA



LAVRA DE ANFRISO

Pello Lecenceado Manoel da Veiga.

Liuro quinto das Odes.

ODE I.

COmo ſois combatida!
Rota barquinha, & mal affortunada
De minha triſte vida!
Ià dos mares tragada;
Iâ com duro furor aos Ceõs leuada,

Iob. 30. Ad dextram orientis calamitates meæ ſurrexerunt; pedes meos ſubuerterunt, & oppreſſerunt quaſi fluctibus ſemitis ſuis, &c.

Viſtes o dano certo,
Parece que tragaua o breue mundo
O Oceano aberto,
Moſtrando furibundo,
As intimas entranhas do profundo:

Os naufragios a pares
(Tudo perturba o vento que assouia)
Ay que bramando os mares!
Se socorro pedia,
Tudo eraõ Rochas,& ninguẽ me ouuia!

Iob.30. Et non uit qui ferret auxilium.

E aquella rocha dura
Que tem alma de bronze,& de diamãte,
E de Anjo a figura,
Sem mudar o sembrante,
Ficaua com meus males triunfante.

Ah rigurosa ingrata!
A meus prantos penhasco endurecido!
Dizeme,assi se trata?
Hum pobre,& affligido?
A teu gosto sômente offerecido?

Naõ bastaua inimiga
Que com taõ duras,& asperas tormẽtas
A fortuna me siga?
Pera que me atormentas?
Pera que meus naufragios acrecentas?

Oh

Oh eſtrella importuna!
Raiua Scyllèa, naufrago oceano!
Caribdes de Fortuna,
Syrtes de amor inſano,
Onda ſpumante ſò para meu dano.

Tertul. Cypr. Amb. Ouid. Orat ah miſer quanta laboras in Carib de. Ode. 27. l. 1.

Hora pois barca altiuâ
Tantas vezes das ondas ăçoutada
Em tempeſtade eſquiua,
Naõ ſejais arriſcada,
Que ficareis nos mares ſepultada.

Mundus maris nomine adũbratus. D. Ierony. ad Iſaię. 23. & Daniel 7. omnibus periculoſus pręcipue ſuperbis & impæ nitẽtibus; de hoc namq; ad litterã Pſ. 47. in ſpiritu vehemẽti conte res naues Tarſis

Poſta tinheis à proa
No golfaõ de miſerias, & tormentos
Sem eſperança boa·
Eis que voſſos intentos
Foraõ trocados cos celeſtes ventos.

Ioan. 3. Spiritus vbi vult ſpirat. Veni Auſter, &c. Cant. 4. D. Aug. 1. Spiritus gratiæ flans de meredie vbi ſpiritus cubat. Cant. 1.

Do Auſtro venturoſo
E do monte Pharán, o Omnipotente
Aſſoprou amoroſo,
Com que leda, & contente
Naueg aſtes ao porto brandamente.

Deus ab Auſtro venit & ſãctus de monte Pharã. Abac. 3. Septuag *& ſanctus de monte vmbroſo.* Rup. altitudiné diuinorum iudiciorum interpretatur.

Colhei, colhei azinha
Em taõ bom porto as vellas venturosas
Oh humilde barquinha:
Pois com marê de rosas
Escapastes das syrtes arenosas.

Os pedaços das vellas
Rotos calabres, & quebrados remos
Poderaõ ser estrellas
Neste Ceo, que aqui vemos;
Que a outros sejaõ norte tais estremos.

Hypallage. Alto Desengano pro, alto edificio sic. Æneid. 6. *arces quibus altus Apollo*. Hypallage. pro, *arces altas Apollinis*. vide Lacerdam ibidẽ, & gualterũ in 1. oden. Horat lir. fol. 15. n. 62.

Chegai a este edificio
Onde o alto desengano venerado;
Faseilhe sacrificio
Do vestido molhado,
Em que se vio Anfriso amortalhado:

Deos te salue excellencia
De triunfantes, santo desengano,
Filho da nobre ausencia,
Morte do Amor tirano,
Anchora dos que fogem do Oceano.

Em

Em teu dourado tēmplo,
Porto das almas bemauenturadas,
Ficaraõ pera exemplo
As taboas penduradas,
A perpetua memoria consagradas;

Como isto disse Anfriso:
Fazendo de seus olhos duás fontes,
Com lagrimas de riso
Olhaua os altos montes,
Olhaua o campo, olhaua os orizontes;

Agora recostado
Em verdes ramos junto ãos áltarēs,
No rabel ãcordado,
Olhando para os mares,
Com angelica voz suspende os arēs;

Ágora dē álegria
Pello témplo os despojos contēmplauã;
Agora a terra friá
De contente beijaua:
Agora cóm as columnas sé abráçauá;

ODE. II.

D. Aug. D. Bern. D. Anton. Lusit. in Sermonibus.

Diuinos olhos, que na Cruz fechados
Reprendendo estais
A soltura dos meus aleuantados,
Tantas vezes abertos
Pera amarem do mundo os descõcertos;

D. Ansel. D. Bern D. Ephr. D. Aug.

Sagradas maõs por meu remedio abertas;
Pregados pès com crauos,
Sò por me dardes esperanças certas
Que naõ podeis fugir,
Quando eu Senhor a vòs me quizer ir:

Pulchre Tertul. lib. de corona militis: *quale oro te pro vtroque sexu sertum subijt? ex spinis opinor ac tribulis, in figuram delictorum quae nobis protulit terra carnis.*

Cabeça santa bella, & radiante
Dos homẽs coroada
Com diadema duro, & penetrante,
Por pagar com tormentos
A vaidade de meus pensamentos:

Psal. 128. *Supra dorsum meum fabricauerunt peccatores* Alij legũt, *arauerunt*, *& flagellatio mea in matutinis*. Ps. 72.

Virginais hombros onde fabricaraõ,
Ou lauraraõ ingratos,
Quando em dura manhã descarregaraõ
Com furor excessiuo
Os crueis golpes do açoute esquiuo;

Se

Se taõ bello meu Deos aparecestes
Entre tantos tormentos
Que dessa Cruz o sol escurecestes;
Como me naõ roubais?
E a vòs pellos cabellos me leuais?

Teofil. Euthim. Isaiç.24. Luc.23 D. Ber. D. Bonau

Mas ah senhor, que eu sou o que resisto
A tanta fermosura,
Porque fujo depois de vos tèr visto,
Em busca de meus danos:
Ah mentirosos bēs! duros enganos.

Mendaces seculi splendores. D. Crisost. ad cap. 9 Amos. ad illud: *Væ ijs qui bona mundi arbitrati sũt tãquã stantia, & non tãquã fugientia*

Olhos fermosos onde amor diuino
Tem seu sublime trono,
Ponde no arco a seta de ouro fino,
Leuai, leuai, a palma;
Asseteai amor esta triste alma.

Christus aureus arcus, sagitas amoris iaculatur Sic Ansbert. & alij interpretantur illud. Eclef. 43. *Vide arcum* D. Ambr ad Isaiæ 49. Sagita est Dominus Iesus, Cui Pater dicit; *Posui te sicut sagitam electam*, hęc ille.

Entaõ com docè, & venturosa dor,
Sospiros derramando,
As fontes correrei do Saluador:
Qual o ceruo sedento;
Oh ditoso penar! doce tormento!

Haurietis aquas in gaudio de fontibus Saluatoris sicut seruus desiderat ad fontes aquarum, &c.

ODE

ODE III.

VEntos de meus queixumes sabedores
Leuai estes sospiros
A q̃lle Aspid fermoso, q̃ entre flores
Viue bem descuidado,
De que eu andei por elle atormentado.

Vię peccatorum tenebrosę eleganter ad hęc Greg. l. 33. Mor. c. 38. ponderans illud Iob. 41. de naribus eius procedit, fumus &c. D. Ambros. Genes. 4. D. Crisost. Genes. 19. & homil. 3. in Epist. ad Romanos.

Erros, & engãnos da primeira idade
Me cegaraõ os olhos,
Pera naõ conhecer a vaidade
E os praseres de vento,
Que depois trazem annos de tormẽnto.

Gratis venundati estis. Isaię. 52. Ad Rom. 7. Plaut. in Trinũ. Act. 3. sun. 2.

A liberdade que era joya minha
Entregei liuremente
A essa fera cruel, que taõ azinha
Mostrou que andaua eu cego
Em fazer de meus bẽs taõ baxo emprego.

Virginitas est soror Angelorũ. c. Nuptiæ Glos. ibi. §. Virginitas causa. 32. q. 1.

Virtude cõm bellesa se juntãraõ
Naquelle peito Angelico,
Em taõ subido ponto: que pisaraõ
Tudo o baxo, & terreno,
Pondo sô seu amor no Ceo sereno.

Desen-

Desenganate Anfriso, me dizia,
Que esposo mortal
Naõ hà de entrar em minha companhia:
Sô viuo namorada
Da belleza superna, & increada.

Cognita diuina pulchritudine humanam intelligimus fœditatẽ, pulchre in c. 1. Apoc. Richard. de Santo Victore Beda; Ioachimus D. Greg. l. 35. Mor. c. 2. Recent. in c. 1. Cant. ad illdu *fusca sum quia decolorauit me sol.*

Olha àquella belleza tal, & tanta,
Que por me dar a vida
Por mi se pendurou na aruore santa;
Estendendo seus braços,
Por darme em casto amor docẽs abraços.

Subarbore maio suscitaui te Cant. 8.

Estas palauras; tal força tiuèraõ,
Que logo em viuas chamas
O peito congelado me acenderaõ;
Iâ troco meu cuidado;
Iâ viuo destes bẽs desenganado.

Exẽpli efficacias de illa passim humanis & sacris literis: mihi tamẽn arridet acuta Bernardi ponderatio, ad illud: *trahe me post te, & curremus in odorem vnguentorum tuorum.* Canticorum. 1.

Aqui ào pé dos troncos da èspessura
O mundo desprezando;
Tenho sede, da eterna fermosura;
Nem outra com verdade,
Se gabarâ de minha liberdade.

Sitiuit in te aniꝫ ma mea. Ps. 62.

Por

Por tanto ventos que correis ligeiros,
Desta minha embaixada
Sede vòs os alegres mensageiros:
Que áquellas luzes bellas
De puro gozo haõ de chorar estrellas.

ODE IV.

DE hum verde ramo doce pintacirgo
Vozes ao vento daua,
Tais primores inuenta
Que o Tejo que passaua
Piramides de vidro trasladaua.

Anfriso pobre sobre a barca humilde
Na maõ o leme tinha,
E ouuindo o vario canto
Pera a praya se vinha,
Por gozar de mais perto a Auezinha.

Chegou o Peregrino à praya amena;
E o passaro contente
Com paços de garganta
Dobra mais brandamente:
Como quem de desgostos viue ausente.

Anfriso

Anfriſo de ſua barca deburçado
Ao pranto as redeas daua,
Tendo os olhos na area,
E quando os leuantaua,
Ao pequeno cantor aſsi falaua.

Muſico ramalhete que cantando
Ao tom das claras agoas
De cuidados izento,
De dores,& de magoas,
Naõ ſentiſtes de amor as duras fragoas.

Se faz das ondas orgaõs de criſtal
Eſte rio fermoſo,
A que os cantos largais
Do alemo frondozo,
Com voſſa companhia venturoſo.

Se em capellas de voſes acordadas,
Quando as pintadas aues
Fazem ſaluas ao dia,
Alegres,& ſuaues,
Ora agudos acentos,ora graues.

Se

Se náquelle sonoro ajuntamento
De solfa naõ aprendida
Lançais o contraponto
Com garganta subidà;
Temei passaro a sorte endurecidà!

Temei do Caçador os cègos láços
E temei muito mais
As redes do Amor,
Que se oje cantais;
He porque vosso mál naõ adèuinhais!

Naõ fieis nessás penas de ouro; & verde
Nem no canto acordado,
Porque eu tambem cantei;
Ay riguroso fado!
Quantos tiros, esta alma tem prouado!

Persecuti in signũ positi *tetendit arcum suum & posuit me quasi signum ad sagittã, misit in renibus meis filias pharetræ suæ* Trenorum. 3. D. Thom. in hũc locũ; D. Greg. l. 13 Mor. c. 6. ad illud *posuit me in signum circũdedit me lanceis suis.* Iob. 16. Tertull. l. de carne Christi c. 23.

Isto dizendo: o passaro voaua;
E elle a proa virando
Diuidia as escumas,
Sospiros deramando,
Que os ventos pellos ares vaõ leuando!

ODE

ODE V.

HVma eſtrella luzēte
No Polo, & firmamēto Brigantino
Com os rayos de contino
Allumiaua a Luſitana gente:
Oh Planeta excellente
Eſtrella mais que todas luminoſa
Viuei viuei na patria taõ ditoſa:
Que ſô voſſa preſença
Nos pode acalantar à magoa immenſa.
Mas ay tempos ditoſos!
Quem eſta aza vos pos ligeira, & leue?
Pois em eſtado breue
Sois tornados em ſeculos choroſos.
Ay fados rigurozos
Que logo os bēs murchais taõ de corrida
Dando eſcaſſa eſperança â curta vida:
Que glorias bem pequenas
Com tormentos peſais de eternas penas:
Iâ com maõ riguroſa
Atropos corta a tea delicada,
Digna de ſer fiada
Por hũa eternidade venturoſa:
Iâ a morte enuejoſa
Por comprir o mandado á Parca ruda
Poem no arco de ferro a Setta aguda:
Apponta as luſes bellas;
Ay de my que taõbē morrē as eſtrellas.

Ponderoſe Barrad. in Euangel *Ramorum amænitati ſimilis eſt mundi gloria, ſicut enim rami radice carent & ſic paulo poſt marceſcunt viro rem priſtinum amittentes: ita volubilis gloria voluptates radice carent, breuiq; temporis ſpacio exareſcunt.* Cõcinit Tertul. Philo Heb. Ioſeph. de antiq. qui omnes eiuſdem coloris verba po ſuere.

Esperâ espera morte,
Espera deshumana, & atreuida,
Que em cortar esta vida:
A cortas ah cruel a toda a corte.
He vidro a humana sorte;
Resplandece, & jâ acaba num momento;
Correm tempos, & lustros de tormento;
Apos hum breue dia,
Que apenas teue hũa hora de alegria.

D. Aug. D. Crisost. D. Ieron. D. Greg. Lyra. D. Amb. in Apoc. 15 *& vidi stantes super mare vitreum habentes cytharas Dei.*

He possiuel grandeza
Que nesta cinza fria estais trocada?
Grandeza sublimada
Que o cetro mereceo da redondesa!
Esta he a nobreza?
Onde altos resplandores se juntaraõ
De tantos Reis famosos, que a geraraõ!
A qual de Reis nacendo,
E estaua Reis ao mundo prometendo?
Esta he a Magestade?
Que com o aceno o reino meneaua?
Esta era a que abrandaua
As lagrimas de nossa saudade?
Doce prosperidade
Quaõ pouco me duraste: o reino chorá,
Oh quaõ contente, & quaõ ditoso fora,
Se acabasse a vida
Em dor, tormento & pena confundida.

In equis adumbrantur imperia. Apoc. 6. Nam mũdi prosperitas ad nihilũ currit instar equi velocissimi. Pulchre Recentior ad illud: *dormitarunt qui ascẽderũt equos* Ps. 75. D. Aug. ad illud Ps. 32. *falax equus ad salutem* D. Greg. 31. Mor. c. 18. in hũc sensũ accipe Ezechiel. 1

Horâ

Horâ pois Alma minha
Esgota cos sentidos esta istoria;
Reuolue na memoria
Os rayos que esta sombrâ onte sostinha;
Lembrate quaõ azinha
As glorias passaõ do terreno Imperio;
Poem naquelle certissimo hemisferio
Da morte, teus cuidados,
Que naõ andem de glorias enganados.

Mortis memoria salutaris Preclare. D. August. in Epist. attingens illud: *senuisti, nunc diuide terram.* Iosue. 13. acute magister schole scholasticæ ad illud: *Ecce mille argẽteos dedi fratri tuo hoc erit tibi in velamen oculorum*, Geneseos 20. D. Basil. expendens illud de vnctione Reg apud fontem Gion 3. Reg. 1.

ODE VI.

DE âcipreste, & âmaranto
Anfriso coroado
Começaua seu pranto
Com taõ suaue acento,
Que das Aues Suspende o mouimento

Iunto âs âgoas salgadas,
Sentado em hum penedo,
Que âs ondas empolladas
Era hum firme muro,
Quanto mais combatido, mais seguro.

Ympij autẽ quasi mare feruens, quod quiescere non poteſt. Iſaiæ 61. in quem locũ D. Ierony.

Ay, diz, ſalgadas agoas!
Como ſois ſemelhantes
A minhas triſtes magoas,
Gêradas no Oceano
De meu penar contino, & de meu dàno:

Vòs pello mâr extenſas
Em numero infinito;
Minhas magoas imenſas,
Que ſe foſſem eſcrittas,
Seriaõ mais que as ondas infinitas.

Em vôs mâres altêrnas;
Creceis & jà mingoais,
Em mi mares eternas,
Que em continuas crecentẽs
Reciprocando èſtaõ magoas prezẽntes.

Vôs com bràmido horẽndo
Altiuas, & empolladas
A rocha eſtais batendo:
E éu ſou qual rocha dura
Expoſto ao furor da deſuentura:

Numa

Numa cauſa ſomente
Sois diferentes ondas
Deſta Alma deſcontente,
E he que tendes mingoantes:
Mas minhas magoas crecem por inſtātes:

ODE VII.

GRegas prayas deixando
Nadantes aues pello mar voauaõ,
Azas ao vento dando,
Taõ fortes ſe moſtrauaõ;
Que o mundo vniuerſal deſafiauaõ.

Pulchra apud Authores Methaphora, cum .ſ. naues dicuntur volitare. ſic AEneid. 3. & 5. fuluius. Horat. l. 1. Ode. 37. Ennius. l. 14. Ariſtides in orat. ad Nept. Caſsiod. Prop. l. 4. eleg. 6. Tull. in Verr. Valer. 1. Arg.

Em bojo de madeira
Vay deſprezando a temeroſa morte
Gente alegre, & guerreira,
Que com animo forte
Obrara feitos dignos de Mauorte.

Epenthesis.

Menelaõ agrauado
Trazendo furia, & magoa por antolhos,
Iurando pello fado
Que ha de ver com ſeus olhos
Em Troya o ſangue dar pellos giolhos.

Achylles arrogante,
Que debaxo dos pès a morte tinha,
Porque minino infante
A mãy que era Rainha
Nas agoas o tingio como conuinha.

Vlyſſes valeroſo
Todo ſe vinha em artes conuertendo,
Sagâs como animoſo,
De longe prometendo
A miſerauel Troya eſtrago horrendo.

Armas, armas bramáuaõ,
Em quanto os verdes mares vaõ cortãdo
Detenças caſtigauaõ;
E a Troya jà chegando:
A gente, guerra, guerra, entra brâdando.

Pàraõ as nâos fermoſas;
No már ſe lançaõ as ancoras peſadas,
Com que quedas, & airoſas,
Ficaraõ enfreadas,
Contra às furias dos ventos indignadas.

Assi passaõ dez annos.
Que tantos os Troyanos sostiueraõ,
Tè que manhas, & enganos
A cidade renderaõ,
Que mil naos, & des annos naõ puderaõ:

Ià com àrte diuinà,
Que a sabedora Pallas lhe ensinaua,
Grandeza peregrina
Do chão se aleuantaua,
Figura de cauallo em si mostraua.

Chea de gente armada
Fatal machina os muros ja subia:
Oh Troya sublimada
Ay tempos de agonia
Oje verás em ti o vltimo dia.

Vem a noite correndo;
E os enganos dos Gregos apparecem;
Ia do ventre estupendo
Homens armados decem,
Pera que Troya antiga desfisessem

Pellos templos famosos
Vay Vulcano sem redea embrauecido;
Os Troyanos medrosos
Andauaõ sem sentido
Horribel confusaõ, triste ruido

Morre toda a idade,
Homens molheres, velhos, & Mininos:
Ah dura crueldade!
Oh peitos diamantinos.
Que prouais na inocencia os aços finos,

Do Xanto as puras agoas
O liquido ouro em ſangue conuerteraõ:
Ay laſtimoſas magoas,
Que eſcudos que volueraõ,
q́ corpos mortos para o màr trouxeraõ.

Eſta tragedia dura,
Eſta de Troya riguroſa pena
Cauſou a fermoſura
Da peregrina Helena,
Do Iuiz Paris gloria vão pequena.

Que males tem cauſado.
Eſtas feras crueis em forma humana,
Nem sò tem aſſolado
Monarchia Troyana:
Se não tambem a Ibera, & a Romana.

Oh feros baſiliſcos?
Aſpides, brandos Sphynges venenoſas,
Que cauſais tantos riſcos,
Tragedias taõ cuſtoſas
As altas Monarchias glorioſas.

Qual

Qual ferá por ventura?
Que com vofco fer poffa ifento a danos?
Se voffa fermofura,
Seminario de enganos,
Deftruio Reis, & Reynos, foberanos.



ODE. VIII.

SEreno, & claro Rio
Que ides acrecentado
Com as lagrimas em fio,
q̃ em vingãça de amor choro, & derramo,
Em quãto a furda morte bufco, & chamo.

Affi nunca vos faltem
Rofas, & flores bellas,
Que voffa praya efmaltem
Affi as Nymfas teção em vòs grinaldas
De finos diamantes, & efmeraldas.

Affi as açucenas
E os roxos crauos ornem
Voffas Veigas amenas;
E em vós faça Pomona feu tefouro
Brotãdo em voffa margẽ pomos de ouro.

Aſſi o ſol ardente
Não ſeque com ſeus rayos
Voſſa branda corrente:
Aſſi do tempo não ſintais rigores:
q̃ as magoas me eſcuteis de minhas dores

Leuai ao Oceano
Eſtas lagrimas triſtes,
Teſtemunhas do engano,
Que o liſongeiro amor me andou fazẽdo
De cujas falſas glorias me arrependo.

Leuai em voſſas agoas
Pera eterna memoria
Eſcritas minhas magoas,
Que he meu penoſo mal de tanta dura:
Que inda na agoa conſerua a eſcritura.

Leuai, leuai eſcritos
Os gemidos ſem conto,
Os prantos infinitos,
Os ſoſpiros mortais de cento em cento,
Emblemas funerais de meu tormento.

ODE





ODE. IX.

ROuco inſtrumento ǵ tão mal cātaſtes
Terrena fermoſura
De fragil criatura,
E daquella eternal vos não lembraſtes,
Altiſſima Excellencia,
Luzente eſpelho, de diuina eſſencia.

Deixai, deixai, profanos penſamentos,
Vede que pendurada
Daquella Cruz ſagrada
Eſtà por eſcutar voſſos acentos,
A belleſa eterna
Que com o aceno, terra & Ceos gouerna.

Subi pois inſtrumento a doce prima,
E chorai ſoſpirando,
E ſoſpirai cantando:
Oh que doce canção, que doce rima!
Que lagrimas ſem conto
*São de hũa alma amoroſa o contraponto

Aqui

Aqui como cantàrdes brandamente,
Ficareis pendurado
Ao tempo consagrado.
Porque quando vos vir entenda a gente,
Que nunca gozo achastes
*Em quanto fora desta Cruz cantastes.

Mal podião fartarse meus cuidados
Em amor lisongeiro,
Indigno catiueiro,
Pois pera tanta gloria eraõ criados,
Pera amar a belleza
Que fabricou os Ceos, & a naturesa.

Diuino rosto mais que o Sol fermoso.
Que entre penas, & dores
Estais chouendo amores,
Nesses mesmos oprobrios mais airosos:
Doces quebrados olhos,
Que aos coraçoẽs tirais setas a molhos.

Recèbei branda, & amorosamente
Os acentos suaues
Que com sospiros graues
Vos offerece esta alma descontente,
A vòs sacrificada,
Tantas vezes do mundo acutilla [illegible]

ODE



ODE. X.

QVando em trella feruẽnte
Abrasador latido o cão derrama:
Hũa cruel serpente
Fazendo orbes de escama
Arde, corre, assouia, salta, & brama.

No corpo variado
Nodoas verdes, & azuis resplandeciaõ,
O collo aléuantado
Manchas de ouro acendiaõ;
Purpureos rayos o penacho erguiáo.

Os carregados olhos
Vinháo chamas de fogo vomitando,
Mortes vertendo a molhos:
Ay que ficão spirando
Quantas flores, & rosas vai tocando.

Fugin-

Fugindo á calma ingrata
A hum ribeiro ſe vay, porque pretende
Refreſcarſe entre a prata,
Que em vão o Sol offende:
Porque com ſombras varias ſe defende.

Eiſque perto chegando,
Vio a Laura entre flores recoſtada,
Que em ſono doce, & brando
Eſtaua ſepultada,
Do ſuceſſo fatal bem deſcuidada.

Armas da natureſa
De nouo ajunta a ſerpe embrauēcida;
Acendeſe em fereſa,
E da lingoa atreuida
Lança faiſcas mil, toando erguida.

Hum zorraguē eſcamoſo
Da cauda forma, com que ſe atormenta;
Ay, que o roſto fermoſo
Quando ſe lhe apreſenta:
Porq̃ inda não chegou, morte, arrebenta

Nas tranças de ouro fino,
ꝗ ſobre a teſta eburnea Amor formaua,
No collo peregrino,
Que a neue enuergonhaua,
Fartar ſeus dentes o dragaõ trataua.

Eiſque a ligeira morte,
Que era guarda de Laura ſoberana,
Contra o dragaõ forte
Arma hũa ſeta vfana;
E com palauras tais o deſengana.

Contra eſta prenda rica,
Que de meus proprios dentes jâ larguei,
Vens tu ô ſerpe iniqua?
Atropellando a ley.
Que eu meſma pus que á Laura perdoei?

Naõ ſabes que paſſou
Hũa doença fera, & riguroſa?
Em que a Parca ordenou
Pella ver tão fermoſa
De lhe cortar á vida de enuejoſa?

E que

E que eu de ènuergonhada
Em morte me mostrar contra tal vidã,
Aleuantei a espada?
Passando de corrida,
Mas suspendi nos ares a ferida:

E ágorã que o ãrdor,
Esta Ninfa fugio da ardente calmã,
Te acendes em furor?
Por arrancarlhe a almã?
Naõ leuãras Dragaõ taõ nobre palma.

Isto ã morte dizendo:
Os cornos ajuntou do árco altiuo,
Contra o dragaõ horrendo,
Que ém tormento excessiuo
Prouou da águda setra o golpe esquiuo.

Ao cãir da serpente,
Ao leue estrondo da sonora aljauã,
De seu sono contente
Laura se despertaua;
E desta sorte a Morte lhe falauã:

Laura bella, & fermosa,
Que tantas vezes tendes já perdida
Essa vida ditosa,
Entre riscos metida,
Que oje podeis chamar terceira vida.

Eu já hũa vos dei,
Quando negei â parca obediencia;
Desprezando à lei,
Que me pos com violencia,
Contra vossa belleza, & excellencia.

E agora nouamente
Vos tornei a estender os verdes annos,
Quando a cruel serpente
Vem vomitando enganos;
Dormindo vos segura de seus danos.

Aquella Magestade,
Que a mi já se rendeo na Cruz sagrada,
Me pos ley em verdade,
Que sem eu ser mandada,
Nunca com maõ fatal fosseis tocada.

Deus mortẽ habet in potestate Apoc.1. *Habeo claues mortis, &c.* Sap. 16. Deut. 32. 1. Reg. 5.

Vede

Vede quanto vos ama
Oh Laura minha, aquella fermosura,
Que para si vos chama:
Em quanto assi procura
Vossa vida liurar da noite escura.

Solus Christus mortẽ potest detinere pulchre Rup. Rich. de s. Vict. Pannonius in Apoc. 1. D. August. in Ps. 101. D. Chris. recte obseruat. in cap. 17. Mat. propterea inter Moysem & Eliam apparuisse vt discãt mortis & vitę illum habere potestatem.

Dizeime vôs, que esposo?
Por dar a doce vida â sua amada,
Serâ taõ poderoso,
Que com maõ esforçada
Os golpes vâ deter de minha espada?

Por tanto ò bella Laura
Empregai essa vida venturosa
Onde ella se restaura,
Naquella Cruz fermoza,
Do piloto IESVS nào gloriosa,

Si vitijs morimur, & Christo viuimus tũc reuiuimus. Ad Coloss. 3. Ad Rom. 6. D. Amb. l. de bono Mortis. c. 2. D. August. l. 13. de ciuit. Dei c. 8. & 23. & l. 3. de peccatorum meritis & remissione c. 11.

Assi diz Libitina,
E lagrimas de amor Laura derrama;
E quando imagina,
Quanto IESVS a ama:
IESVS esposo meu, sospira & chama.

LAVS DEO.

LAVRA